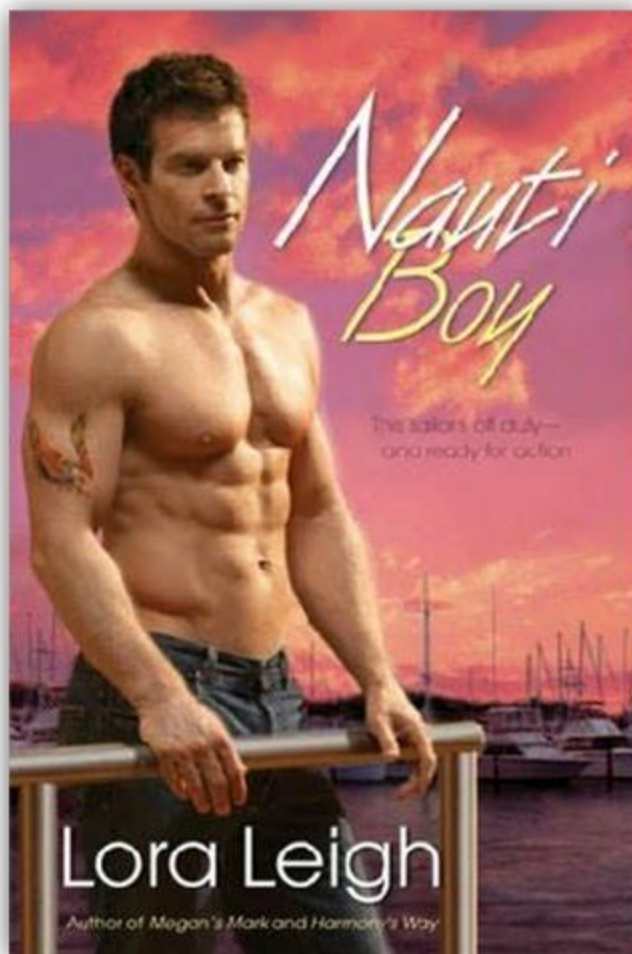


Menino Travesso

Lora Leigh



The Nauti Boys 01

Muito fraco para resistir aos intentos de sedução de Kelly Benton, Rowdy Mackay deixou seu lar há oito anos. Alistou-se na Marinha e pôs uma distância segura entre a tentação e a núbil tentadora de Kentucky. Agora voltou para casa e está preparado para entrar na classe de jogos eróticos que lhe têm feito ganhar, ele e seus primos uma reputação de meninos travessos em três condados.

Uma vez o sonho de Kelly foi sentir o calor do menino que desejava. Mas o ataque de um espreitador que ainda a ronda deixou Kelly aterrorizada ao toque de um homem. Agora enquanto o temor e o desejo convergem, Rowdy luta por salva-la das mortais ameaça do estranho, por desfazer-se de seus demônios e por satisfazer uma fome mais capitalista do que qualquer possa imaginar-se.

Disponibilização/Tradução e Formatação: Gisa

Revisão: Lu Avanço

Revisão Final: Karina Tonelli

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Assim isso era o que tinha acontecido a sua camisa. Rowdy Mackay se inclinou contra a porta da cozinha, inclinou a cabeça e olhou divertido como sua meio-irmã Kelly remexia no frigorífico e abria a porta para esquadrihar o interior.

A larga camiseta cinza da Marinha tragava sua forma esbelta e pendurava até as bem passadas coxas. Um par de suas meias três-quartos cinzas cobriam seus pequenos pés, e umas calças de chandal cinzas lhe penduravam dos quadris. Não dele, pensou divertido, obviamente dela mas o bastante frouxos para fazer a um homem perguntar-se por que infernos escondia de repente esse pequeno corpo curvilíneo que sabia que possuía. Especialmente quando nunca se incomodou em fazê-lo no passado.

Este conjunto tinha pouco que ver com as calças curtas e as camisetas cômodas que usava como roupa de dormir para o verão. Seu comprido cabelo cor mel caía da coroa de sua cabeça até a metade das costas, os cachos frouxos despenteados e ainda um pouco enredados pelo sono, maldição se não parecia como se se acabasse de arrastar-se da cama de um amante.

Ele sabia melhor, é obvio. As regras de seus pais eram estritas. Ele poderia viver sob seu teto durante os breves períodos que estava em casa, mas não trazia suas mulheres aqui de noite e sabia condenadamente bem que Kelly não traria um homem. A princesa estimada da casa possivelmente estaria mimada além do suportável, mas respeitava a sua mãe e a seu padrasto. Assim arrastar-se fora dos braços de um amante antes de avançar à cozinha não era provavelmente o cenário que acontecia aqui.

Era uma das razões pelas que se ausentava tanto como fora possível desde que ela tinha chegado à maior idade. Pelo que tinha aceito esta última viagem com a Marinha. Um homem sabia que era muito fraco para resistir a algumas coisas, e o tinha aceito fazia muito, era muito fraco para resistir a Kelly.

Dar-se conta disso tinha vindo perto da época em que lhe tinham crescido peitos e ele tinha notado esses seios. Em alguma parte daquela época ela tinha começado a gracejá-lo com inocentes sorrisos, roçando-o, e ele desfrutava. Sentia-se como um perverso, mas maldito se não o desfrutava.

Foi então que se alistou ao serviço para sair do inferno da casa, para fugir dela. O colégio não lhe proporcionava o escapamento que necessitava. Ela ainda estava ali, e também ele, com muita frequência. E ele era débil. Os homens débeis eram criaturas perigosas. Um homem de vinte e dois anos não tinha nenhum maldito negócio tocando a uma de dezesseis anos, e o tinha sabido. A única outra opção tinha sido ir-se. Assim Rowdy se foi.

Oito anos mais tarde ainda era muito fraco oito anos. Seu tempo na Marinha tinha ensinado autocontrole, terminou sua educação, e o trouxe para a virilidade. Mas sua maior debilidade ainda era Kelly.

—Não quero cozinhar.

Seus lábios se arquearam ante o mau humor da manhã em sua voz. Ela falava consigo mesma. Algumas coisas nunca trocavam. O sol subiria pelo leste e desceria pelo oeste, e Kelly sempre murmuraria consigo mesma quando estivesse irritada.

—Há cereais no armário. —Rowdy esperava que se girasse com um sorriso o suficientemente brilhante para rivalizar com o sol. Seus braços estavam preparados para abrir-se para a mulher correndo para ele. Não esperava o que conseguiu.

Kelly chiou. A porta do refrigerador golpeou fechando-o bastante forte como para que o conteúdo vibrasse enquanto girava para correr à porta oposta.

Seu rosto se tornou branco; os grandes olhos cinzas estavam cheios de temor, os pés com meias três-quartos escorregaram no piso de madeira dura quando se deu conta de repente de quem era.

A quem tinha esperado ela?

Estava em equilíbrio entre correr e lutar para ficar quieta. Emoções opostas correram pelo expressivo rosto quando os olhos se encontraram com os seus, e a habitação se encheu de uma tensão que nunca tinha estado ali antes. Seu nariz se dilatou como um animal que examina o vento pelo perigo, seguro que estava ali, sabendo que estava em perigo.

O temor enchia seus olhos. Formosos olhos cinzas que se suavizaram de amor por ele durante anos, agora lhe olhavam fixamente, tempestuosos, com escuras sombras.

Rowdy entreceitou os olhos, seu corpo esticando-se. Não, não era temor. Por um momento, tinha havido puro e espantoso terror. Uma mulher consciente de que estava sozinha com um homem, que era débil, que sua segurança não estava assegurada. Ele o tinha visto no estrangeiro, em mil mulheres, e o viu agora.

—Rowdy? —Sua voz era alta, fina, as mãos apertadas diante da camisa, enrugando o material enquanto se estremecia—. O que faz aqui?

—Está é minha casa, verdade?

Tinha estado preparado para agarrá-la quando corresse para ele. Ela sempre corria, atirando os braços ao redor do pescoço, apertando os pequenos seios contra seu peito e lhe dando um beijo na bochecha. Durante oito anos, podia contar com a saudação de Kelly até agora, perguntava-se em que direção se elevaria o sol. Algumas coisas nunca deveriam trocar.

—OH. Sim. —Assentiu ela, seus olhos percorrendo o quarto antes de que um sorriso nervoso curvasse seus suaves lábios rosa, tremendo ali por um momento, então desapareceu—. Não lhe esperávamos. Disse a Mamãe e ao Ray que vinha?

—Não. Nunca o faço. —Seus instintos de batalha cantarolavam agora. Isto não era normal. Estava tão afastado que o normal subia por suas tripas, não ia gostar do que fora como o inferno que tinha estado acontecendo aqui.

De repente, o desconforto de seu pai por volta de um ano quando falaram por telefone se elevou dentro de sua mente. Cada vez que tinha perguntado pela Kelly, a voz do Ray Mackay se esticou. Quando pedia para falar com ela, davam-lhe desculpas.

As cartas que tinha recebido da Kelly também tinham trocado. Já não mandava fotos, já não enchia as cartas com insinuações ou comentários excitantes. Ainda escrevia, mas era diferente, uma diferença que não podia assinalar, não podia explicá-la. Embora a havia sentido, sentia a falta do calor que sempre encontrava.

—Não, você sempre te move furtivamente entre nós.

Ali estava esse sorriso nervoso outra vez, a maneira em que seus olhos percorriam o quarto.

Rowdy ficou onde estava, inclinando-se contra a porta, os braços cruzados sobre o peito. Podia ser um homem paciente quando tinha que sê-lo. Mas tinha aprendido também que às vezes, não havia outra eleição a não ser avançar rapidamente adiante e confrontar a qualquer inimigo que esperasse na escuridão. Tinha aprendido a avançar tão bem como tinha aprendido a esperar.

—O que acontece, Kelly? —endireitou-se, deixou cair os braços e se meteu os polegares no cinto de seu jeans de cintura baixa.

Seu peito estava nu, a fria brisa do ar condicionado lhe secava o suor que lhe umedecia a carne. Tinha estado limpando a Harley, dando brilho a seu bebê e conseguindo prepará-la para seu primeiro passeio em um ano. Tinha descarregado sua bolsa de lona em seu quarto e se dirigiu diretamente à garagem, sabendo que seu pai e sua madrastra estariam no porto esportivo, e supondo-se que Kelly estaria ali também.

O fato que não estivesse era interessante. Sua reação a ele ainda mais.

—Não passa nada. —Esse maldito sorriso pequeno, nervoso e rápido começava a lhe crispar os nervos. Os lábios tremiam, e podia ver a pena frenética em seus olhos.

—É uma pessima mentirosa, neném —grunhiu, dirigindo-se ao refrigerador e vendo como ela se separava de seu caminho.

Ela manteve seus olhos nele, olhando-o suspirosamente enquanto abria a porta e tirava uma garrafa de água. Abrindo-a, seu olhar se encontrou com o seu e a levou lentamente aos lábios.

Agora havia uma luz trêmula da garota que tinha deixado fazia oito anos. Com acanhamento olhava como bebia da garrafa, sua pequena língua saiu rapidamente para golpear sobre seus próprios lábios, como se tivesse sede. Um pequeno raio faminto enchia as profundidades suaves de seus olhos, obscurecendo-os, fazendo-os parecer tempestuosos, nublados.

—Quando voltou? —Ela cruzou seus braços sobre seus seios, apartando o olhar—. Sabem Mamãe e Ray que está em casa?

—Ainda não. —Tampou a garrafa e o pôs na mesa da cozinha enquanto continuava olhando-a—. Tinha ao Dawg para me recolhesse no aeroporto esta manhã. Chegamos aqui perto das sete.

Ela assentiu, um pequeno movimento que fez que os dedos se apertassem enquanto a olhava. A suspeita que crescia em sua mente enviava uma ira negra formando redemoinhos através dele. Algo a tinha trocado, algo escuro e feio, podia-o ver em seus olhos, na pena, a ira e o temor que enchia sua expressão.

A garota que tinha amado quase toda sua vida estava aterrorizada dele. Não era cautelosa, nem nervosa, estava simplesmente assustada. Era a mesma garota que havia sustentado de menina quando seu pai morreu. Ele tinha sido um adolescente esquelético, ela tinha sido muito jovem para entender a morte repentina que tinha sacudido seu mundo, e tinha procurado o menino que lhe alvoroçava o cabelo, tirava o sarro sobre seus joelhos cortados e a protegia dos briguentos.

Esta era a mesma garota que tinha levado a seu baile de graduação quando seu acompanhante a deixou plantada. A única com quem tinha dançado na pista de baile e tido que esconder sua ereção porque sabia que não a podia tocar, não a podia ter. A garota a que tinha

beijado uma noite quando bebeu muito, a única a que havia tocado também intimamente antes de dirigir-se de volta à base quatro anos antes. Ela era sua garota, e de repente, estava aterrorizada dele.

—Assim onde está meu abraço? —ele se inclinou contra o balcão do meio, olhando a de perto.

Uma pequena cor tinha voltado para seu rosto. Seus olhos saltaram aos seus, logo se afastaram, sua garganta trabalhando enquanto tragava apertadamente.

—Tenho que me vestir. Tenho que ir trabalhar.

girou-se sobre os talões, movendo-se para a porta.

—Kelly. —Sabendo que cometia um engano, sentindo que o conhecimento para mover-se, Rowdy se estirou para agarrá-la pelo pulso.

Os dedos a tocaram, curvando-se ao redor da pele nua enquanto chiava, girando-se para ele com um brilho de temor enquanto se separava de um puxão longe, seu corpo esticando-se defensivamente.

—O que?

Lhe deu uma boa briga. Tentava cobrir sua reação, mas a maneira em que se retirou de repente e o temor em seu rosto a traíam. Não tinha escondido o fato que seu toque a tinha aterrorizado. Que estar a sós com ele, que lhe ter perto fora de repente algo ao que temer, mais que um modo de gracejá-lo, era impossível de esconder.

—Kelly, onde está papai? —Manteve sua voz fria, controlada. Mas a fúria corria através dele. Só uma coisa podia causar uma reação assim, só uma coisa tinha trocado para a aborrecida, graciosa pequena que tinha conhecido em um aterrorizado e fujão coelhinho.

—No porto esportivo. —lambeu-se outra vez, seu olhar saltando longe dele, sua expressão brigando entre o temor e a frustração—. Tenho que me vestir. Chegarei... chegarei tarde.

Fugiu dele. Tão rápido com essas desalinhadas roupas que levava, e se moveu rapidamente da cozinha à escada de entrada para o quarto.

Deixou-o sozinho na cozinha iluminada pelo sol, os punhos apertados, quebras de onda de ira em seu intestino e todas suas suspeitas confirmadas.

Girou bruscamente e caçou à espreita o telefone, arrancando o da base pendurada na parede e com golpes marcou o número do porto esportivo.

Esperou quatro chamadas impacientemente, uma mão no quadril, a outra apertada ao redor do telefone com uma força que deveria havê-lo quebrado.

—Porto esportivo do Mackay. —A voz retumbante de seu pai lhe chegou do receptor.

—Olá, papai, como vai tudo? —Rowdy manteve sua voz acalmada, controlada.

—Olá, Rowdy, não muito mal. —Ray Mackay riu entre dentes—. Como conseguiste chamar tão cedo? Esse teu OC dorme no trabalho?

—Infernos se sei —ele arrastou as palavras—. Não assumi outro tour, papai. —Tinha-o planejado, tinha toda a intenção de fazê-lo até que seu último aniversário passou e se deu conta de que fugir de algumas coisas não funcionavam—. Estou em casa. Apareci perto das sete desta manhã.

A tensão crepitou de repente através da linha.

—Está em casa? —A voz de seu pai era deliberadamente suave, um tom temperado. Mas Rowdy o conhecia, às vezes muito bem.

—Sim. Vi a Kelly também.

Não era tolo, mas inclusive a maldição murmurada ao outro lado da linha lhe teria advertido.

—Estamos de caminho a casa. —Ray confirmou seus maiores temores—. Precisamos falar.

Rowdy pendurou o telefone, cuidadoso fixamente ao redor da cozinha, logo exalou pesadamente enquanto se enxugava as mãos nas curtas mechas de cabelo.

Fogos do inferno. Voltava para casa a cortejar a sua garota favorita, para estabelecer-se, para deixar de lutar no que sabia era uma causa perdida. Tinha voltado para casa muito tarde?

Kelly permitiu que a água quente da ducha fluísse sobre ela, lavando as lágrimas, embora não podia tirar de cima a sensação das mãos mantendo-a abaixo, do fôlego fétido em seu rosto, dos lábios duro, molhados que cobriam os seus.

Não podia afogar a raiva, a ira, ou o temor. Apartou sua pele rosada do calor e as picadas em sua carne, mas não podia aliviar a necessidade que jazia apenas sob as lembranças de uma noite que temia e tinha trocado sua vida para sempre.

Rowdy estava em casa. 1.80 de dura carne musculosa e zombadores olhos verdes mar. Estava em casa depois de mais um ano longe, um homem crescido, amadurecido, e atrativo como o inferno.

Enxugou suas lágrimas outra vez, o fôlego entupido na garganta enquanto recordava uma das poucas noites que o tinha seguido ao lago. Tinha sabido onde ia quando escapava, sabia onde lhe encontrar.

A casa flutuante era o orgulho e a alegria do Rowdy, e seu escapamento. E tinha sabor de onde se dirigiria, ao Point, uma enseada serena onde ele e seus companheiros se reuniam os fins de semana para beber, pescar, desafogar-se e a energia excessiva que sempre pareciam ter.

—Papai me matará. —Tinha estado um pouco bebado, e de um modo muito atrativo. Seus olhos verde mar se obscureceram, sua expressão se voltou pesada com o desejo enquanto a apertava contra uma árvore.

Tinham estado escondidos do resto do grupo nas sombras, refugiados. O calor do verão e a luxúria ao redor deles. Ele tinha sido um homem, e ela tinha sido muito inocente, muito insegura de como conter a necessidade que pulsava em cada célula de seu corpo.

—Não o direi —tinha cochichado ela, as Palmas lhe acariciando o peito, sentindo a picada do crescimento do ligeiro belo que se pulverizava sobre seu torso enquanto as mãos dele a agarravam pelos quadris, empurrando-a contra suas coxas.

—Saberá que te toquei. —Os lábios se curvaram em um sorriso—. É como um licor puro, cru, Kelly. E faz que minha cabeça vá mais rápido.

Ela tinha lutado por respirar, por conter a explosão de satisfação e alegria que corriam por seu sangue.

—Saio outra vez amanhã, neném —Ao princípio as palavras não tinham tido sentido—. Tomei outro tour. Maldita boa coisa, porque seguro como o inferno que acabaria fazendo isto e fodendo-te.

A angústia a tinha atravessado inclusive enquanto o prazer estalava em fragmentos, cintilando raios de sensação. Seus lábios haviam coberto os seus, a língua a excitou enquanto ele provava seu beijo, então saboreou as lágrimas que caíam de seus olhos.

—Um beijo, neném, isso somente. Maldição, me vais romper o coração.

Tinha-a beijado como se estivesse morto de fome por ela. Uma mão se curvou em seu cabelo comprido, a outra tinha embalado um seio, com o polegar raspando sobre o mamilo inchado, seus gemidos sussurrados juntos enquanto a noite do verão os envolvia.

A longitude dura de seu pênis se apertou entre suas coxas, raspando contra o fino material de seu traje de banho, acariciando seus clitoris inchado.

Ainda através do pesado material de seu jeans havia sentido o batimento do coração de sua ereção, a longitude, a promessa de paixão e satisfação.

—Não vá —tinha sussurrado enquanto ele retrocedia—. Não vá, Rowdy.

—Se não o fizer, arruinarei a ambos para sempre... —A tinha colocado junto a ele, olhando-a fixamente, seus olhos rabiando com luxúria—. Não me esqueça, carinho, porque seguro como o inferno, que jamais te esquecerei.

Ele nunca a havia tocado outra vez. Tinha-a levado de volta à costa e andado com ela a curta distância à pequena área do estacionamento sobre o ponto. Tinha-a posto no carro e enviado a casa. E a seguinte manhã, foi-se. E nunca a havia tocado outra vez. Tinha vivido em fantasia e sonhos, porque Rowdy se assegurou que houvesse oportunidade de uma repetição. E tinha tramado e planejado sua volta. Mudou-se do lar de sua mãe a um pequeno apartamento no povo. Tinha começado as visitas mensais ao balneário local onde era depilada à cera, tonificada e lubrificada em loção com regularidade. Durante um período muito curto.

Depois de três meses de mudar-se, todos seus sonhos se converteram em cinzas e o temor tinha tomado seu lugar. Sua própria tolice a tinha levado a sua queda, e sair das sombras do terror que tinha experimentado estava tomando toda sua força. Não sabia se poderia sobreviver a tratar com o Rowdy e a sua necessidade dele, em princípio.

Inclinou a cabeça contra a parede da ducha, o fôlego afogando-a enquanto lutava contra as lágrimas. Ele sabia que algo estava mau. Não havia forma de escondê-lo. Olhava-lhe agora e não via apenas ao homem de que tinha estado apaixonada desde que era uma menina e ele um adolescente. Via alguém contra quem não poderia brigar, não poderia lutar se o necessitava. Via uma ameaça.

Apertou os punhos enquanto os pressionava contra o mosaico, a ira construindo-se em seu peito até que se perguntou se seria capaz de refrear os chiados que emanavam da parte posterior de sua garganta.

Amava-lhe. Tinha-lhe amado sempre. Sonhado com ele, doído por ele, esperado por ele. E agora estava muito malditamente assustada para inclusive dar as bem-vinda a casa.

É minha garota, Kelly?

Ela se estremeceu ante a lembrança da voz áspera na orelha enquanto um corpo duro masculino a sujeitava, enquanto os escorregadios dedos da outra mão sondavam entre suas nádegas, ignorando suas lutas, seus mudos chiados através da mordada em sua boca.

Tinha estado sangrando pelos numerosos cortes que lhe tinha feito em seu corpo depois de atá-la aberta em sua cama. As feridas tinham queimado como fogo enquanto sangravam, a adrenalina bombeando por ela, fazendo que o sangue corresse por seu corpo e se vertesse pelos cortes. havia a tornado fraca, difícil formar um pensamento, de afrouxar o bastante a mordada atada apressadamente para dar um chiado penetrante enquanto lhe sentia tentar penetrar seu traseiro.

Deus, odiava a lembrança disso. Odiava o sentimento de impotência que seguiu, inclusive agora. Tinha sido incapaz de lutar, incapaz de protestar a tudo o que lhe fez. E os pesadelos que somente a deixavam tremendo nas horas mais escuras da noite.

Tinha estado aterrorizada de que Rowdy soubesse. Temerosa de que a culpasse, que qualquer oportunidade que tivesse de ser sustentada por ele no futuro se foi.

Porque eles não tinham terminado. Lhe tinha assegurado que não tinham terminado, que viria o tempo em que seria sua mulher. E ela tinha sabido o que significava. Tinha sabido que haveria fomes, prazeres que Rowdy lhe daria que nunca experimentaria com outro homem. Prazeres que temia tinham sido arrancados dela.

Mas mais ainda, tinha temido pelo Rowdy. Nunca teria permanecido onde estava se tivesse sabido o que acontecia em casa. Ele teria deixado, com ou sem permissão, teria retornado para vingar-se. Rowdy protegia a aqueles aos que queria, e Kelly sabia, além de uma sombra de dúvida, que ele teria vindo correndo a casa, inclusive se significava ausentar-se sem permissão.

Girou a cabeça contra a parede da ducha, apertando seus olhos fechados, vendo o Rowdy, seu olhar suspeito, sua expressão dura, determinada. Agora saberia. Dawg e Natches tinham prometido manter o conhecimento para si mesmos só até que Rowdy voltasse para casa. E esse conhecimento possivelmente destruíra muito bem o que havia em seu coração.

A vergonha frisou por sua mente, açoitou suas emoções e lhe deixou o estômago revoltado com a certeza de que já não havia maneira de esconder-se dele. Tão grande como era o mundo, que ela poderia fingir, por espaços de tempo curtos, que não tinha acontecido. Que tudo era igual a como sempre tinha sido, e que o bastardo doente que a atacou não tratava de terminar o trabalho. Ela poderia fingir...

Mas agora Rowdy estava em casa. E Kelly sabia, que uma vez que soubesse a verdade, nunca a deixaria em paz. Encontraria ao espreitador que a atormentava ou morreria no esforço. E o temor de sua morte obscurecia inclusive o temor da ameaça que ela encarava. Porque a vida sem a promessa de ver o Rowdy, de ouvir sua risada e a promessa escura de paixão em sua voz, era uma vida que Kelly não queria contemplar. Uma vida que sabia não queria confrontar.

Capítulo 2

Ray Mackay era um homem grande. Na casa dos cinquenta, ainda era um homem poderoso, com olhos castanhos e cabelo negro só começando a branquear. Seu rosto começava a

enrugar-se com profundas linhas de risada nos lados dos olhos. Olhos que eram geralmente alegres, sempre quentes e amistosos.

Rowdy esperava no alpendre dianteiro da casa Branca e vermelha quando seu pai entrou no caminho de acesso, estacionando o Jipe Laredo verde escuro ao lado de sua Harley.

Maria Mackay estava fora do jipe antes de que Ray desligasse o motor, correndo pelo atalho de cimento, seus olhos gris-azulados preocupados enquanto encontrava seu olhar.

—Está bem Kelly ? —Maria Benton Mackay ainda era esbelta para seus quarenta e dois anos de idade, com calças curtas de verão e uma fresca camisa branca de algodão presumindo de pernas e os braços atractivamente bronzeados.

—Porque não estaria? —inclinou-se contra o corrimão, olhando-a com olhos entrecerrados—. E por que tenho o pressentimento de que se te tivesse avisado que voltava para casa, teria encontrado meu caminho bloqueado?

Podia vê-lo em seu rosto, na expressão pesada de seu pai. Não lhe tinham esperado, não estavam cómodos com ele ali, somente com a Kelly. E isso lhe estava incomodando agora. O que fora que fora passar, uma coisa deveria estar clara como a água em suas cabeças e era o fato de que morreria antes de ferir a Kelly.

—Nunca te excluiria de seu próprio lar, Douglas.

Ele escolheu. Maria era a única pessoa que o chamava Douglas, e a brutalidade em sua voz enquanto o dizia agora era tão aguda como uma faca. Ninguém lhe chamava Douglas, jamais. Mas infernos, lhe tinha ensinado na escola e romper os hábitos não era fácil.

Cruzou os braços sobre o peito, olhando-a fixa e atentamente enquanto ela dava um passo no alpendre.

—Comprovarei ao Kelly. —moveu-se para a porta.

—Ainda não. —ele não se moveu, não tinha a intenção de que sua voz baixasse com advertências, nem que seu corpo se esticasse enquanto olhava à fonte principal de informação tentar escapar. Mas queria respostas, e ela não ia fugir até que as tivesse.

—Passa, Maria. —Ray subiu detrás dela, apoiando as grandes mãos em seus ombros enquanto lhe dava um apertão consolador—. Falarei com o Rowdy. Entraremos logo.

Ela elevou o olhar para o Rowdy, a preocupação e a pena brilhando em seus olhos antes de girar-se para seu marido para lhe beijar a bochecha brandamente e entrar na casa.

Rowdy nunca tinha estado cómodo com a demonstrativa relação de seu pai com a mãe da Kelly. Desde a primeira noite que os havia visto juntos advertiu o cuidado e a alegria que seu pai mostrava pela mulher. Era uma mudança radical da relação que recordava que tinha compartilhado com sua mãe antes de sua morte.

A atenção do Rowdy se fixou em seu pai, olhando enquanto se passava os dedos através do cabelo antes de enterrar as mãos nos bolsos de seu jeans.

—Foi violada? —Rowdy levantou a garrafa de água a seus lábios, tomando um sorvo comprido enquanto olhava como os olhos do Ray se obscureciam dolorosamente.

Ray exalou violentamente, movendo os ombros enquanto baixava a cabeça.

—Atacada —murmurou finalmente—. Não foi violada. Mas foi talhada bastante mal, traumatizada. E ficou pior. —Levantou a cabeça e Rowdy se perguntou se seu pai podia ver o puro assassinato que ardia dentro dele agora.

—Como pode ser pior? —Manteve sua voz ainda fria, mas não podia acalmar a raiva que o queimava por dentro.

—Ela não viu seu rosto, não havia pistas de quem foi ou por que a atacou. E a está espreitando agora. Quer acabar o que começou.

Enrugou a garrafa de água em sua mão, a água salpicando sobre seus dedos antes de dar-se conta do que tinha feito. Forçando-se a soltar o plástico, pô-lo no corrimão e enfrento a seu pai.

—Onde aconteceu?

—Ela se mudou justo depois de sua última visita —suspirou bruscamente—. Um pequeno apartamento agradável no povo, perto de um de seus amigos. Poucas semanas depois começou a receber chamadas de perseguição. O identificador de chamadas não podia as rastrear. Pusemos novas fechaduras nas portas e janelas, mas sabe como é ela. —Ray sacudiu a cabeça com cansaço—. Gostava de dormir com a janela um pouco aberta. Pensava que estava a salvo. Pensava que ouviria se alguém enganchasse uma escada de incêndios. Mas não o fez. O noivo de sua vizinha ouviu seus gritos e derrubou a porta, mas já a tinha ferido. O assaltante saiu pela janela antes de que o menino pudesse agarrá-lo.

Curto e direto. E escondia algo, Rowdy podia senti-lo. Olhou fixamente a seu pai, silencioso, sondando, sabendo que o diria finalmente. Rowdy não lhe daria eleição.

Ray lhe olhou, logo apartou o olhar. Apertou os dentes, a raiva brilhando em seus olhos.

—Não foi um ataque normal —murmurou finalmente.

Rowdy sentiu um calafrio por seu espinho dorsal.

—O que quer dizer com isso? —Teve que forçar as palavras a que passassem por sua garganta.

Ray se esclareceu garganta.

—Quis violá-la analmente. Quase o conseguiu.

—Bom Deus! Maldição! —Rowdy se lançou através do alpendre, com as mãos na cabeça antes de agarrar a nuca com fúria—. Filho da puta! —O abdômen lhe apertou enquanto lutava para refrear um uivo de pura raiva antes de saltar para trás para olhar fixamente a seu pai—. Por que diabos não me contou isso?

—Infernos Rowdy, o que podia fazer? —Disse Ray bruscamente, a ira difundindo-se por seu rosto—. Ela nos rogou que não lhe disséssemos isso. Estava claramente ao outro lado do país sem nenhuma esperança de voltar para casa em qualquer momento. Não havia nada que pudesse ter feito.

—Como o inferno —grunho—. Me teriam permitido vir a casa ou trataria com as consequências. Isso não é nenhuma desculpa.

—Exatamente. —O rosto de seu pai estava vermelha de ira—. Te teria ausentado sem permissão para voltar para casa, e causado ainda mais confusão por esse tipo. Crie que não sabíamos que demônios passava antes de que fosse a primeira vez? Não podia manter seus olhos

longe dela e só era uma fodida menina. Quatro anos depois retornou durante três meses e foi pior. Ela não necessitava isso.

O rosto do Rowdy empalideceu pelo golpe.

—Crê que a houvesse tocado, pressionado para ter sexo depois de que foi atacada? — Retrocedeu um passo, inseguro de como tratar com o golpe que seu pai lhe acabava de dar.

—Não acreditava que a houvesse tocado quando estive em casa antes —disse bruscamente—. É sua irmã...

—Vai a merda. —A mão Rowdy cortou o ar.

—Essa garota não é de meu sangue e sabe. E fui, verdade? Violei-a em sua maldita cama, papai? Filho da puta, não acredito nisto. —Teve que forçar-se por baixar sua voz, mas não podia esconder o assombro enquanto olhava fixamente a seu pai.

—Não pensava que a violaria —ladrou Ray—. Mas ela não necessitava o estresse. Estava aterrorizada de que soubesse como foi, tão malditamente histérica sobre isso que tive que jurar que não lhe contaria isso. E filho, uma mulher não se desgosta sobre o que sabe um homem, o qual deveria estar tratando-a como uma irmã mais que como uma mulher.

—Ela é minha! —Algo dentro dele se rompeu então. Tinha pensado com o passar dos anos que havia coisas que tinha que contar a seu pai. Coisas que outro homem entenderia sem palavras. Tais como o fato de que Kelly lhe pertencia, logo que fora o suficientemente maior, o suficientemente amadurecida. Tinha estado equivocado, e o conhecimento lhe cortava como uma faca—. soube que era minha desde que fomos uns fodidos meninos. Fui, verdade? Ausentei-me até que pensei que era o suficientemente maior. Que mais esperava de mim, maldição?

—É muito velho para ela...

—Então que demônios faz casada com sua mãe? Tem mais idade.

—Não fui educado com sua mãe —disse Ray grunhindo—. Não fui educado para tratá-la como a uma irmã.

—Velho bastardo condescendente! —Rabiou Rowdy—. Não a teria de todos os modos e não trate de me dizer que o faria. Maldito, papai, não posso acreditar nisto.

Rowdy sacudiu a cabeça, tratando de dar sentido ao vaivém de lealdades de seu pai. Infernos, esperava que seu pai adorasse a Kelly; virtualmente a tinha criado. Mas isto? Para pensar que necessitava amparo de seu próprio filho?

—Rowdy, quero-te mais que à vida. —Seu pai deixou escapar suspiro cansado—. Mas te conheço, menino. Sei a classe de homem que é e seu gosto em mulheres. E se acredita que não circulavam rumores sobre seus pequenos jogos com algumas dessas mulheres então está equivocado. Ainda antes de que saísse do instituto, sabia. E essa garota é como uma filha para mim...

—Corta essa conversa. —Rowdy podia sentir o calor formando redemoinhos-se na cabeça, logo uma raiva como nada que tivesse conhecido jamais. Tinha vivido toda sua vida acreditando que seu pai confiava nele, nunca rompendo sua palavra, nunca lhe dando a seu pai nenhuma razão para pensar que não era o homem que deveria ter sido—. Nunca feri a uma mulher. Jamais.

—Não, não que não estivessem dispostas. E não julgo sua vida sexual, filho. Estou protegendo a da Kelly.

O golpe o queimou. Olhou fixamente a seu pai, a incredulidade lutando com o aborrecimento que temia que nunca seria capaz de superar.

—Proteger a de que? —grunhiu ante a implícita acusação—. Que demônios pensa que faria, papai?

Rowdy sacudiu a cabeça enquanto seu pai permanecia silencioso, olhando fixamente aos olhos do homem mais velho e vendo a dor contraditória, a divisão de lealdades.

—Que demônios fiz para te fazer pensar que a danificaria? —perguntou, confuso, amargurado. A ira ardia em suas vísceras, mas a incredulidade lhe sustentava, por agora.

—Filho, quando um homem e uma mulher consentem a certos jogos sexuais, tudo está bem. Inferno, não sou santo, e me figuro que tem algo de mim. Mas Kelly é apenas uma menina, e depois disto...

—Espera. —Rowdy sacudiu a cabeça—. Jogos sexuais? Diz que tomaste o que ouviste e te tem baseado nisso para acreditar ou não se a feriria? —Olhou fixamente a seu pai com assombro—. Inferno, papai.

—Mataria a qualquer homem que tocasse a essa garota da maneira em que sei que tratava a Calista James —grunhiu Ray, a escuridão de sua voz, mortal.

Calista James, Bem. Foda!

Rowdy se encolheu de ombro, logo os endireitou enquanto encarava seu pai.

—Kelly é minha. —Retrocedeu os lábios mostrando os dentes—. Me importa um nada o que pense sobre minhas práticas sexuais ou sobre o que deveria ou não fazer com minha mulher. E adivinho que nenhum de nós somos os homens que cada um acreditava ser, papai. Porque se alguém me tivesse perguntado, quem era o que mais acreditava em mim, houvesse-lhe dito que era você. —Sacudiu a cabeça, a fadiga encrespando-se de repente por ele—. Agarrarei minha bolsa e irei ao povo.

—Rowdy. —Ray lhe agarrou pelo braço enquanto se movia à porta—. Daria minha vida por você, filho, mas não a viu nesse hospital, não a ouviu nos rogar que não lhe contássemos isso. Aterrorizada de que pensasse que estava suja, que tinha sido sua culpa. Não a ouviu chorar enquanto sua mãe a balançava, chorando por você. E seguro como o inferno que não foi o que limpou seu apartamento e viu o sangue nesses lençóis. Fiz-o. E te conheço. É muito parecido comigo. Quer tudo para ela, e não posso te permitir que a fira assim.

Rowdy soltou de um puxão seu braço do punho de seu pai, seus olhos ardendo enquanto lhe olhava fixamente. A descrição do que ela tinha agüentado lhe rompia a alma, mais quente, mais brilhante que qualquer desconfiança que seu pai pudesse sentir. Mas seu pai estava entre ele e Kelly. Se não saía dali, ia perder o tênue controle que tinha e só Deus sabia o que aconteceria então.

—Esclarecerei-o agora. Mas te amaldiçoarei se a afasta de mim. E recorda isso.

Rowdy abriu a porta de um puxão, entrando na casa antes de deter-se bruscamente. Kelly estava em pé no patamar, seu rosto branco como o papel, seu cabelo úmido pendurando sobre a fodida camiseta sem forma, as mãos apertadas diante dela.

Os lábios lhe tremiam, seus olhos grandes e escuros cheios de lágrimas.

Rowdy olhou ao longe, lutando pelo controle antes de voltar-se para ela e começar a subir calmadamente os degraus. Os olhos dela se encheram de lágrimas até que uma caiu enquanto retrocedia, permitindo parar-se a seu lado.

Deus, ele queria enxugar essa lágrima, queria apagar a dor que via em seus olhos.

—Sinto-o —sussurrou, sua voz rasgada—. Eu sinto muito, Rowdy.

—Por que? —Ele fez a pergunta brandamente, consciente de que sua mãe estava em pé mais acima no vestíbulo, seu pai na entrada.

—Não fui cuidadosa...

—Não. —Ela se estremeceu quando ele disse bruscamente a palavra—. Não o sinta por isso, neném. Não foi sua culpa. —Seus braços penduravam sem forças aos flancos, seu próprio mundo jazia quebrado a seus pés—. Estarei no navio se me necessitar. Sempre estarei aqui se me necessitar.

E por agora, isso era tudo o que lhe podia dar. Neste momento, era tudo o que tinha. afastou-se dela, girando-se e se foi a sua habitação, ignorando o sussurro da Maria.

—Douglas? —enquanto abria de um empurrão.

Sua bolsa de lona estava ainda na cama, sem desembalar.

—Virei pelo resto mais tarde. —Recolheu a bolsa da Marinha e se girou para encarar a seu pai enquanto o outro homem seguiu a seu quarto—. A casa flutuante é minha, paguei por ela.

Eles tinham convencionado nisso. O valor de seis verões de duro trabalho tinham pago pela Nauti Bouy, e a reclamava.

—O navio é teu. —A casa flutuante tinha sido a última petição de sua mãe antes de sua morte—. Rowdy, sei que não entende...

—Seguro que o faço, papai. —voltou-se para seu pai então, com um sorriso tenso e frio nos lábios—. Surrei a Calista um poquinho, o fodi o traseiro e o fiz em frente de testemunhas. —Olhou como o rosto do Ray Mackay quase se voltava púrpura—. E para acrescentar a essa pequena aventura desagradável, Natches, Dawg e eu a compartilhamos durante um tempo. Entendo completamente. —Era consciente da presença da Maria fora da porta, rezava por que Kelly estivesse fora do alcance do ouvido—. E sabe que? retornei pela Kelly. Não me importa o que pense disso, ou o que sua mulher pense disso, qualquer classe de prazer que tivesse querido de minhas mãos, tivesse-o tido. E ainda o terá. Não me importa o que seja. E me importa bem pouco o que pense sobre isso também.

—Não me faça te matar, filho —resmungou Ray, seus olhos ardendo com fúria.

Rowdy grunhiu em tom zombador, sacudindo a cabeça enquanto olhava a Maria, logo depois de volta a seu pai.

—Hipócrita. —Empurrou passando a seu pai e deu um passo para o corredor.

E ali estava Kelly, os olhos abertos, lhe olhando fixamente com horror ou surpresa, não estava seguro.

—Sabe onde me encontrar —lhe recordou—. Não me faça vir a te buscar, neném. A briga não seria agradável.

—Deus, maldição, Rowdy... —O grunhido de seu pai ressonou detrás enquanto se ia a pernas longas longe de todos eles.

Mas viu seus olhos antes de ir-se. Temor, sim, havia abundante ali. Mas havia outras emoções também, e essas eram tudo o que tinha para sustentar-se agora.

Capítulo 3

O golpe da porta ressonou pela casa enquanto Kelly se voltava para encarar a sua mãe e a seu padrasto. Ray estava furioso; a ira de sua mãe brilhava em seus olhos azul-cinzentos. Kelly os olhou fixamente, sacudida pelo que tinha visto, o que tinha ouvido.

—Não posso acreditar. —Sua voz era rouca, assombrada—. Não posso acreditar que lhe fizessem isso.

—Kelly, deixa-o ir por agora. Precisa descansar... —Sua mãe se estirou para ela.

Kelly retrocedeu, sacudindo a cabeça, vendo o horrível engano que tinha cometido ao confiar em sua mãe depois da violação. Tinha pensado que sua mãe cumpriria sua palavra e não lhe revelaria ao pai do Rowdy o que lhe disse. Deus, tinha sido tão estúpida. Como podia ter sido tão estúpida?

—Corta. —Sua voz era um chiado oco.

—Kelly, não precisa tratar com isto... —começou Ray.

—Isso foi tão injusto de sua parte. —Os lábios lhe tremiam, seu corpo sacudindo-se com ira e dor—. É seu filho.

—É um idiota —grunhiu—. E deveria ter mantido as mãos longe de ti.

—Queria suas mãos em mim —gritou—. Não o entende? perdestes os dois a cabeça? É seu filho, Ray.

—E sempre será meu filho. —Ray sacudiu a cabeça com confusão—. Rowdy é um bom menino, Kelly, ele o entenderá com o tempo...

—Sabe de que o acaba de acusar? —gritou-lhe assombrada—. Vê sequer o que lhe acaba de fazer? Disse-lhe que não podia confiar em que ele não me ferisse, Ray.

—O menino precisa aprender se controlar. —Por um momento, vacilou—. Isso é tudo o que tratava de lhe dizer.

Ela se girou para sua mãe.

—Este é o lar do Rowdy.

—É um homem crescido, Kelly. —Maria tragou apertadamente—. Estará bem. Você é minha preocupação...

—Kelly, Rowdy compreenderá, somente terá que pensar nisso —discutiu Ray—. Sempre foi realista. Recuperará-se e verá que não é como essas mulheres que se amontoam ao redor dele e Dawg...

—Nem sequer sabe o que tem feito —sussurrou ela—. Tampouco você.

—Kelly, tudo estará bem. —Ray sacudiu a cabeça, seu sorriso apaziguador—. Rowdy estará bem.

—Não, não estará —sussurrou, envolvendo seus braços sobre o peito enquanto voltava para seu dormitório—. Não, não o estará. Nenhum de nós estará.

Fechou a porta do dormitório, a chave e se moveu à janela enquanto ouvia a Harley do Rowdy saindo do caminho. Olhou fixamente pelo cristal, olhando como girava na estrada principal, apressando-se para o porto esportivo. Ele não permaneceria ali. Tiraria o Nauti Buoy de seu atraque e se dirigiria a um dos portos esportivos maiores ou ao cabo.

Era tudo por sua culpa. Negou com a cabeça, baixando-a, e lutando contra o medo, a culpabilidade e a sempre presente sombra da ameaça que podia sentir movendo-se a seu redor diariamente. Tinha rezado por que Rowdy voltasse para casa, e agora estava aí. Ela tinha arruinado sem ajuda sua vida. O único homem ao que sempre tinha amado, do que realmente tinha dependido. Agora o que?

Ray não tinha estado em um bar em mais de dez anos. Não desde que começou a sair com Maria, e se deu conta de quão apaixonado estava. Tinha-a conhecido desde sempre. Ela e seu marido tinham sido regulares no porto esportivo, seu navio atracado perto do escritório. Inferno, durante seus dias mais jovens, quando o prazer tinha sido tudo o que importava, ele e James, o marido da Maria, tinham compartilhado a Maria uma vez. Uma vez, fazia muito tempo, Maria deveria ter pertencido a ele, mas sua própria ignorância tinha sido a queda do Ray.

Assim foi como soube Ray que seu filho tinha adquirido suas mais escuras paixões naturalmente, como soube o que esperava a Kelly se chegava a ser a amante de seu filho. E sim, sabia que Rowdy nunca a danificaria, mas também tinha visto o horror que a garota tinha atravessado. Kelly era uma garota cálida e vibrante, justo como sua mãe tinha sido, com uma capacidade de amar que humilharia a qualquer homem.

A primeira esposa do Ray, Layne, tinha sido uma mulher distante. Embora a tinha cuidado, amado de muitas maneiras, e o menino que tinham tido juntos era um bom homem. Ray sabia isso. Mas era um homem, em cada sentido da palavra.

Olhou fixamente ao redor do estabelecimento cheio de fumaça, procurando o menino. Inferno, não podia evitar pensar nele como um menino. Ou chamá-lo Rowdy. Ainda era seu filho, por muitas maneiras que Ray o danificasse. E o tinha quebrado. Ele tinha claro.

Rowdy estava sentado só em um rincão afastado, com uma garrafa de cerveja entre as mãos, a cabeça baixa. O peso do mundo estava colocado entre os ombros de seu filho e Ray entendia por que. Tinha voltado para casa esperando braços abertos e se encontrou com uma confusão em seu lugar. Não só uma confusão, a não ser uma traição, porque o burro de seu pai nunca tinha conseguido entender como discutir certas coisas com seu filho.

O sexo era uma coisa privada para o Ray. As coisas que ele e Maria faziam em sua cama, estaria mortificado se alguém as soubesse. E sabia que sua esposa se sentia da mesma maneira. Algumas coisas sempre deveriam ser privadas. Seu menino nunca o tinha visto assim. Rowdy sempre tinha sido uma criatura sexual, desde que averiguou quão especiais eram as garotas.

Ray se deteve na barra e comprou uma garrafa de Jack Daniels, agarrou dois copos e avançou através do quarto. Era tempo de falar de homem a homem, sem vergonha. Isso era chamar as coisas por seu nome. Ou cheio de uísque.

Golpeou a garrafa na mesa enquanto Rowdy levantava o olhar. Se, o menino estava de saco cheio, estava claro e Ray não lhe culpava.

Tirou uma cadeira e se sentou.

—Algumas coisas merecem uma boa bebedeira —disse pesadamente, desentupindo o uísque e enchendo os dois pequenos copos—. O nascimento. O primeiro encontro de seu filho. A quase violação de sua filha. —A garganta lhe apertou com dor quando moveu o líquido escuro e verteu outro disparo de valor—. E quando um homem fode e enche o saco porque se sente impotente, e machuca às pessoas que mais ama.

Olhou fixamente aos olhos escuros do Rowdy, sentindo a dor de seu filho como se fora próprio.

—Estava de saco cheio, menino —suspirou Ray—. Lhe jurei que não lhe diria isso. Enquanto ela estava drogada com a medicação para a dor que lhe deu o medico, e histérica, disse a sua mãe o que tinha acontecido no lago antes de que fosse o ano passado. Ela te ama. Sempre o tem feito. Soubemos. —Tragou apertadamente—. E soube quanto a queria.

deteve-se, olhando longe por um segundo comprido antes de voltar seu olhar a seu filho.

—Alguma vez te disse quão orgulhoso estava de quando foi, verdade?

Viu a surpresa em seu olhar.

—Não me figurei que soubesse por que me tinha ido. —Rowdy se recostou na cadeira agarrando antes o uísque e bebendo-o. Fez uma careta pela queimadura.

—Sabia —suspirou pesadamente—. Soube quando tinha vinte e dois e repentinamente, ela se converteu de uma pequena torpe marota a uma menina-mulher. Vi seu rosto o dia em que te deu conta.

Olhou como o rubor subia pelo rosto do Rowdy, a moléstia.

—Ela era uma menina. —esclareceu-se garganta incômodamente—. Já não é, papai. Tem vinte e quatro, e é uma mulher .

—E você foi e ainda é um homem. —Ray sacudiu a cabeça com cansaço antes de sorver o uísque—. Um homem bom. Um do que qualquer pai poderia estar orgulhoso. Não a tocou, fez o que tinha que fazer e não te desculpou ou lançou nenhuma culpa. Embora poderia havê-lo feito. Deixou seu lar pela garota, muitos homens a teriam ofendido. Você estava em seu direito de ter protestado quando Maria e eu a casamos.

—Deveria me haver dito isso então —grunhiu Rowdy—. Ela seguiu roubando minhas malditas camisas. Ainda o faz. Deveria te haver feito jogar a Kelly e a Maria.

Um sorriso atirou dos lábios de seu filho. Ray sacudiu a cabeça. Rowdy estava disposto a perdoar, sem fazer perguntas.

Ray se esclareceu garganta outra vez.

—Atei as coisas hoje. —Agarrou o copo entre os dedos, olhando-o fixamente mas que a seu filho—. Estava tratando de lhe dizer isso pensava que ela estava ainda muito assustada para tratar também nesse momento com o que sentia, o que queria o ano passado, inferno, faz quatro anos inclusive esclareceu-se garganta—. Me preocupei, porque sei que homem é. —Levantou a cabeça, olhando enfurecido a seu filho violentamente—. Encheu o saco, menino, e fiz uma confusão disso. Acredito que é um bom homem, orgulhoso. Mas do que nunca esperei jamais que seria. Mas

ainda um homem. Um que quis a essa garota durante muitos anos. Às vezes, uma fome como essa não é fácil de combater. Não mais que certos desejos. —Maldição, necessitava outro gole.

Verteu-o, consciente da maneira em que seu filho lhe olhava, seus olhos estreitados, sua expressão pensativa.

—Uma fome como esta vai além da luxúria, papai —suspirou finalmente Rowdy—. Lutei contra isso muito tempo. Não sei o que é ainda. Não sei quão profundo é. Sei que retornei por ela. —Sacudiu a cabeça quando Ray começou a falar—. Me ouça. Não tinha a intenções de viver nessa casa, de romper uma de suas regras, mas esse bastardo a está espreitando. —O intestino do Ray se apertou—. Acamparei fora da janela de seu dormitório se tiver que fazê-lo, mas não me manterá longe dela.

Rowdy se inclinou para frente, seus braços sobre a mesa, os punhos apertados. Ray apartou o olhar de seu filho durante uns momentos, perguntando-se que supunha que tinha que dizer, dividido entre o amor por seu filho, e o amor por uma filha que deveria ter sido sua também. Inferno, sentia-se como um cão açoitado. Cansado, impotente e inseguro de como defender aqueles aos que amava. A todos eles.

—Estiveste-o verificando? —Ray sabia que o tinha feito. Rowdy tinha passado a tarde na delegacia de polícia, o resto do dia com alguns dos companheiros com quem tinha conhecido na Marinha. Homens que tinham voltado para casa depois de seu primeiro tour, assentados e começando suas vidas.

—Verifiquei-o. —Rowdy se verteu outro gole—. Falei com a Betty Cline para me permitir ver os registros do hospital e Rissa Richards da companhia Telefónica sobre as chamadas de perseguição.

O orgulho se difundiu pelo Ray. Inferno, esse era seu menino. De olhos duros, determinado e preparado para lutar. Era mais homem do que Ray se imaginou jamais. Rowdy não se amargurava porque Kelly tivesse sido atacada, mas sim em vez disso, tramava e planejava o assassinato. Era suficiente para fazer que um velho estivesse orgulhoso.

Ray aspirou duramente. Tinha discutido isto com -a Maria mais cedo, sabia que o que estava a ponto de fazer era duro para ela e o seria mais para o Kelly.

—Volta para casa, menino —murmurou—. Sou um maldito idiota quando me irrita e ambos sabemos. É seu lar. Tanto como é meu. E é meu menino. Quero-te ali.

Os lábios do Rowdy se arquearam.

—A bolsa de lona está ainda na moto. Retornava esta noite de todos os modos.

Ray se esclareceu garganta outra vez.

—Confio em ti, filho.

O rosto do Rowdy trocou então. Se Ray pensou que era duro antes, era-o mais agora.

inclinou-se para frente, seus olhos encontrando-se diretamente com os do Ray.

—Ela é minha, papai. —Manteve sua voz baixa, violenta—. Em qualquer outro momento nunca teria faltado o respeito a suas regras nem a seu lar. Mas não me jogarei para atrás agora. Não a perderei porque algum bastardo tratou de destruí-la. E não andarei com os pés sob a mesa por causa de sua suscetibilidade. Entende isso?

A ira estalou no Ray. Maldição, era duro, esquecer que seu filho já não era um menino, que não poderia pôr regras e limites para protegê-lo assim como a Kelly. Mas Ray era o suficiente homem para dar-se conta de que as regras e os limites eram postas para os meninos, para lhes ensinar a ser os adultos, para entender as fronteiras. Tinha ensinado ao Rowdy os fundamentos, a marinha lhe tinham ensinado o resto. Tudo o que podia fazer agora era confiar no julgamento de seu filho.

esfregou-se o rosto com a mão antes de exalar asperamente.

—Inferno. Bem. O que seja. Mas... —Olhou furiosamente ao menino—. Não jogue com essa garota, Rowdy. Irá malditamente a sério antes de que acabe na cama com ela. Filho ou não filho, ensinei-te respeito. Ela não é uma dessas pequenas fulanas com as que você e Dawg fodiam quando era jovem.

Era a advertência que lhe tinha feito quando se deu conta de quão sexual era seu filho. As boas garotas eram ouro maciço. Não necessariamente vírgens, mas as garotas que entendiam que uma cama próxima significava mais que um lugar para foder. Uma boa garota entendia responsabilidade, valores e a si mesma. Uma mulher como essa não era um brinquedo, era uma companheira.

—Sei como tratar a uma mulher, papai —grunhiu Rowdy—. A todas as mulheres. Não só a Kelly.

A diferença da geração do Ray, Rowdy não diferia de como tratava às mulheres com respeito a sua sexualidade. As pessoas não merecia menos respeito, ou mais, pela quantidade de experiência que tivessem na cama. Rowdy tinha discutido com seu pai muitas vezes. Mas o amor... isso fazia uma diferença, e Ray sabia. E sabia que seu filho o estava aprendendo.

—Assim, voltará para casa? —A garganta do Ray estava apertada pela emoção. Maldição, odiava isso. Odiava saber que havia mais que deveria dizer e não saber como dizê-lo.

Rowdy lhe olhou, sua expressão sombria, seus olhos, de um profundo verde mar, grave e pensativo. Tomou outro gole de uísque, seus lábios curvando-se enquanto deixava o copo.

—Senti tua falta, papai —murmurou.

Se esse nó na garganta pudesse apertar-se mais, fez-o. Ray tragou, logo o tentou outra vez. Finalmente, verteu outro gole, bebeu-o e golpeou o copo na mesa antes de romper-se.

—Quero-te, menino. —Sua voz tão raspada que se envergonhou disso—. E estou malditamente orgulhoso de ti. Malditamente orgulhoso.

—Quero-te também, papai. —Esse era seu menino. Demônio e guerreiro a partes iguais mas nunca temeroso de suas palavras—. E estou orgulhoso de você também.

Verteu os copos cheios outra vez, brindaram e se sentaram para uma séria bebedeira. Inferno, Ray tinha estado esperando este dia por quase trinta anos. Não havia nada como ter a primeira boa bebedeira com seu filho, e saber que significava algo. Significava algo malditamente bom.

Kelly ouviu a Harley subindo pelo caminho depois do caminhão de seu padrasto enquanto o relógio marcava as duas da manhã. Sua mãe tinha estado passeando pela casa, murmurando para si mesmo, a preocupação enrugando sua frente.

Maria se girou para Kelly, seus olhos escuros enquanto a olhava.

—Está segura? —perguntou Maria, sua voz suave, insegura.

—Pelo amor de Deus. —Kelly grunho as palavras—. Mama, você e Ray perderam a cabeça? —Às vezes Kelly pensava que o ataque tinha sido mais traumático para eles de muitas maneiras. Nunca estava segura de como se sentia sobre isso. Assustada, sim. Aterrorizada às vezes, especialmente quando recebia as chamadas de perseguição. Sabendo que ele estava ali fora mantendo seus nervos no bordo.

—Sempre te quis. —Maria nunca tinha estado cômoda com isso. Kelly sabia, embora nunca tinham falado disso. Justo como sua mãe sabia que Kelly sempre tinha querido ao Rowdy. Era algum feito estranho da vida.

—Já não sou uma menina pequena —suspirou, curvando-se no sofá, olhando a sua mãe passear pelo salão enquanto os veículos apagavam os motores—. Sabe que estarão bêbados, verdade?

Um dos amigos do Rowdy tinha chamado do bar, ele tampouco tinha estado muito sóbrio, advertindo as de que os dois homens se dirigiam a casa, agradecendo de que os traziam amigos mas que conduzindo eles mesmos.

—Ray não esteve bebado desde antes de nos casar.

Um sorriso curvou os lábios de sua mãe, e Kelly jurou que parecia muito sensual para lhe convir. Uma filha não deve ver essas coisas, pensou com uma explosão de humor.

—Bem, ele bebeu agora. —Ela escoiceou enquanto soava como se uma carga de tijolos caísse no alpendre.

—Infernos menino, pensei que estava me sustentando. —A voz do Ray chegou desde fora.

—Pensei que você me sustentava. —A risada de Rowdy era amortecida.

Maria se moveu à porta e a abriu com um puxão rápido enquanto Kelly se levantava do sofá para parar-se apenas dentro da porta do salão.

Seus olhos se encontraram com os do Rowdy enquanto um sorriso lento e atrativo lhe curvava os lábios. Agarrou o braço de seu pai mais apertadamente e o dirigiu para dentro da casa. Nenhum dos dois estava muito estável em pé.

—Maria, ele é um mau bebedor —grunhiu Rowdy quando seu pai atirou o braço sobre o ombro da Maria e lhe plantou um forte e sonoro beijo na bochecha—. Nem sequer com a primeira garrafa.

Kelly envolveu seus braços através do peito, um sorriso pairando nos lábios enquanto Rowdy lhe piscava os olhos.

—Ele nunca o fez, Douglas, segue esquecendo o castigou Maria firmemente.

Rowdy escoiceou.

—Esse não é meu nome.

—Isso é o que tem sua certidão de nascimento. Eu não vi um Rowdy ali, Douglas.

Rowdy lhe dirigiu um olhar furioso.

—Não está sendo agradável comigo, Maria.

—Esse não é meu trabalho —indicou ela calmamente—. Agora move seus grandes pés fora do caminho para que possa levá-lo acima. Deveriam lhes envergonhar de vocês mesmos.

—Posso me envergonhar mais tarde —disse Ray enquanto lhe guiava para as escadas—. Infernos. Divertimo-nos, carinho.

—Posso afirmá-lo. —Maria riu brandamente.

Suas vozes baixaram enquanto partiam, e finalmente desapareceram. Uns poucos minutos depois a porta na parte posterior do corredor se fechou e tudo esteve silencioso.

Kelly olhou ao Rowdy. O cabelo ainda muito curto. O corte militar bicudo lhe pegava, mas amava seu cabelo comprido quando era mais jovem. A maneira em que lhe emoldurava o rosto, acentuando seus olhos verdes. parecia-se com um anjo cansado, chegado para tentar mulheres mortais quando seu cabelo estava comprido. Curto, parecia o guerreiro que ela sabia que tinha que ser. Um combatente, um Marinheiro. Alto, forte e duro.

Ele girou para ela, colocando-a mão sobre o peito, o material azul escuro de sua camisa de algodão se estirou sobre os ombros.

—Kelly, carinho, parece um anjo parada aí. —Seu sorriso era um pouco tonto e muito condenadamente sexy.

Desgraçadamente, ela o conhecia melhor. Levava outra de suas camisas, uma que tinha roubado a última vez que esteve em casa. Um par de calças de moletom frouxos e as meias três-quartos que caiu aos tornozelos. Ela parecia desordenada e assustada, sabia.

Lambeu-se nervosamente. Lhe encarar era uma das coisas mais duras que tinha feito jamais, sabendo que ele conhecia o que lhe tinha acontecido, aterrorizada de que a culpasse. Ela se culpava a si mesma. O que tinha feito foi estúpido, deixando essa janela aberta, negando-se energeticamente a renunciar a esse prazer a pesar do perigo de que tinha sido advertida.

—Te senti falta , Rowdy —sussurrou ela, tentando que não lhe tremessem os lábios—. Me alegre de que esteja em casa.

A expressão dele se voltou séria enquanto se movia para ela lentamente, forçou-se a permanecer quieta, a não retirar-se. Mas ele era tão grande e poderoso. Forte. A lembrança de umas mãos duras sujeitando-a abaixo, uma voz áspera lhe murmurando na orelha enquanto seu rosto era apertada contra o travesseiro, obcecava-a.

—Assim por que não consegui meu abraço de bem-vinda a casa? —ele parou diante dela, seus braços aos lados, seus escuros olhos brilhando com fome.

Ainda a queria. Podia-o ver em seus olhos, justo como o tinha visto durante suas pouco freqüentes visitas nos últimos quatro anos.

—Eu... —Ela tragou asperamente, apartando o olhar enquanto apertava as mãos contra os braços.

—Só um abraço, Kelly. Neném? —ele cochichou as palavras, seus lábios arqueando-se brandamente—. Sonho com seus abraços, carinho. Não me cre? —estirou-se, levantando o braço lentamente para ela enquanto seus dedos alcançavam uma mecha de cachos que caía sobre seu ombro.

Ela olhou rapidamente aonde retinha seu cabelo, mordendo o lábio inferior enquanto tentava tranquilizar o batimento de seu coração. Tinha sonhado com seu toque durante tanto tempo, esperado por ele, desejado. OH, Deus, isto não era justo, gemeu em silêncio. Este era Rowdy, ele não lhe faria mal. Sabia que não lhe faria mal.

—Rowdy... —a garganta lhe apertou quando lutou consigo mesma, o temor e as necessidades guerreando dentro dela.

—É verdadeiramente fácil, neném —cantorolou ele, sua voz escura aveludada derramando-se sobre ela—. Somente levanta seus braços e ponha ao redor de meu pescoço. —Soltou-lhe o cabelo, os dedos curvando-se ao redor de seus pulsos enquanto lhe levantava os braços, insistindo-os acima até que se curvaram ao redor de seu pescoço—. Logo, vem verdadeiramente perto de mim, para que possa te abraçar a minha vez. —Seus braços se envolveram ao redor dela, lentamente, tão lentamente, atirando-a contra ele até que sua cabeça descansou em seu peito—. Aí vamos.

Ela estava tremendo, mas era temor ou algo mais? Não sabia o que estava sentindo, não sabia como assimilar as sensações e as emoções que se derramavam sobre ela.

—Voltei para casa por você, Kelly —sussurrou, seu fôlego lhe acariciando a orelha enquanto ela dava um puxão contra ele—. Voltei para casa para te tocar, para te saborear, para te reclamar. Sabe o que teria feito se tivesse sabido que estava em casa quando cheguei?

Ela negou com a cabeça, um movimento espasmódico enquanto um pequeno gemido escapava de seus lábios.

—Teria ido a seu quarto e te teria beijado para despertar. Teria visto seus bonitos olhos abrir-se, sabendo que era eu que estava a seu lado, meus lábios tocando os teus. Quero-o realmente tanto, Kelly. Embora sei que se papai me agarrasse me esfolaria vivo. —Aspirou rudamente; a sensação de seu peito esfregando-se contra seus seios enviava um estremecimento através dela—. Agora —sussurrou—, não me importa se me esfolo.

Ela se esticou contra ele, precisando apartar-se, precisando conseguir aproximar-se mais a ele. Deus, odiava isto. Odiava o temor que a retinha atrás, odiava não saber, não entender as emoções que bramavam por sua mente e seu corpo.

—Rowdy...

—Shh. —Ele sossegou o protesto enquanto esfregava a cabeça contra a sua—. Somente fica contra mim, neném. Deixe-me te sustentar durante um minuto; me deixe saber que está bem. isso somente.

—Mas não estou bem. —As mãos se apertaram no tecido de sua camisa quando finalmente o admitiu para si mesma—. Estou assustada, Rowdy. Estou tão espantada. —Apertou a cabeça contra seu peito, as palavras escorregando livres depois de quase um ano enterradas. Estava aterrorizada.

—Sei, neném. —Beijou-lhe a cabeça, as mãos lhe percorrendo as costas—. Mas não te deixarei ficar assustada comigo. Sabe isso. Nunca te faria mal. Morreria antes de te ferir, Kelly.

Ouviu a dor em sua voz, sentia-o lhe esticando o peito. Não, Rowdy nunca a machucaria, mas o temor era uma enfermidade insidiosa, e lutar tomava mais coragem de que pensou que tinha.

—Vamos tornar isto agradável e fácil —murmuro ele—. Subiremos as escadas e dormirei, neném. Vou tombar justo a seu lado para que saiba que ninguém pode chegar a você, ninguém te pode fazer mal enquanto eu esteja ali. De acordo?

—Em minha cama? —Deu um puxão para trás, olhando fixamente—. Ray esfolará a ambos vivos.

—Papai tratará com isso. —Sua expressão se endureceu, a determinação brilhando em seus olhos—. Já o faz. Não está dormindo, não está comendo. Vamos trocar isso, começando esta noite.

—OH, faremo-lo agora? —A prepotência em sua voz a cravou.

—Kelly. —ele inclinou a cabeça, olhando-a fixamente, um sorriso lhe curvando os lábios—. vai lutar contra mim, neném? Realmente? Recorda a última briga que tivemos?

—Porá outra serpente em minha gaveta, e eu começarei a te chamar Douglas —lhe cortou—. Não posso acreditar que me ameace com isso.

Olhou-lhe fixamente, incrédula. Odiava as serpentes, qualquer classe de serpentes, especialmente essas pequenas serpentes verdes.

Ele sorriu burlonamente, seu olhar tão sensual que foi suficiente para umedecer suas calcinhas. E estavam molhadas. Sim, estava assustada com a boca seca ante o pensamento de lhe tocar, do o ter tocando-a, ele a podia pôr tão molhada, tão rápido, que não era nenhuma surpresa.

—Vou tombar a seu lado, isso é tudo —sussurrou—. Se não puder dormir, então me tombarei no chão. Mas estarei ali, Kelly. Confiará o bastante em mim para me deixar estar ali?

Ela respirava com dificuldade, mas ao dar-se conta se forçou a tratar de regulá-lo. Odiava esta debilidade, este temor. Inclusive as sessões com o psicólogo não tinham podido apagá-lo.

—Confiaria-te minha vida, Rowdy —sussurro, sabendo que o fazia.

—Vamos, então. —Envolveu um braço ao redor dela enquanto a dirigiu à escada—. Vamos acima e ver se podemos dormir. Não sei você, Kelly, mas eu estou morto de cansaço.

Ela não tinha tido pesadelos em meses, pensou enquanto ele apagava as luzes e a guiava acima. Não estava dormindo bem, mas quando dormia, não despertava chiando como tinha feito nesses primeiros meses. Deveria estar a salvo. Poderia ter algo com que sempre tinha sonhado. Rowdy em sua cama, compartilhando seu calor com ela. Possivelmente inclusive sustentando-a. Certamente poderia dirigir isso?

Kelly finalmente dormiu horas mais tarde. Rowdy a sentiu relaxar-se contra ele, sentiu o suave suspiro que saiu de seus lábios. Movendo-se lentamente, colocou com cuidado o lençol sobre seus ombros, sentindo sua cabeça em seu braço, o cabelo sedoso contra seu peito enquanto a sustentava. Estava-o matando, a dor, o temor que sabia que ela tinha que ter agüentado. Ele podia sentir o coração rompendo-se o no peito enquanto uma raiva mortal queimava em sua alma.

Era dela. Tinha-o sido desde que a tinha conhecido e Por Deus que não ia permitir ir-se. Ele conhecia, sabia que se arrancaria o coração antes de lhe fazer mal, essa confiança estava ainda dentro dela. Se não estivesse, nunca teria podido dormir em seus braços, de lhe permitir sustentá-la, seu doce corpo metido tão perto do dele. Olhou fixamente o dormitório fracamente iluminado,

seus olhos estreitados, sua mente trabalhando. Quem quer que seja que se atrevesse a lhe fazer mal, a espreitá-la, não respiraria durante muito tempo. Não estaria respirando dois segundos depois de que Rowdy soubesse quem era. E isso era uma promessa silenciosa, um voto que fez a Kelly. Nunca seria ferida outra vez.

Capítulo 4

Maria abriu a porta da Kelly a seguinte manhã, não esperando realmente o que viu. Ray a tinha advertido a noite anterior, mas tinha estado bêbado, amoroso, assim não lhe tinha tomado realmente a sério. Possivelmente deveria havê-lo feito, o choque não teria sido tão grande.

Estava acostumada a entrar para encontrar Kelly dormitando na grande cadeira ao outro lado da habitação, a televisão zumbindo ao fundo. O quarto estava silencioso agora, e Rowdy a olhava fixamente por entre as ranhuras dos olhos na cama.

Estava envolto ao redor de sua adormecida filha como uma videira viva. Kelly jazia de lado, as costas apertada contra a parte dianteira do Rowdy, a cabeça refugiada sob seu queixo. Uma dura perna estava sobre as frágeis de sua filha, seus braços a rodeavam enquanto seu cabelo se enredava sobre eles. Ele estava inclinado sobre ela, envolto a seu redor, e Kelly dormia pacificamente.

Kelly estava ainda vestida com a camiseta grande e as calças que tinha levado a noite anterior, e Rowdy se trocou as calças. Estava convexo em cima das mantas e toda modéstia estava intacta enquanto a sustentava cobrindo seu corpo, mas ainda assim foi um choque. Kelly era seu bebê, vendo-a dormir nos braços de um homem, especialmente Rowdy, era desconcertante. Tinha esperado que a cercania que tinham antes de seu casamento com o Ray se desenvolvesse, mas não desta maneira. Como irmãos, amigos muito íntimos, mas nunca isto. Isto a aterrorizava.

A sensualidade que parecia envolver-se ao redor deles sempre que estavam juntos a tinha preocupado, profundamente. Tinha estado aterrorizada durante anos que Rowdy romperia o coração de sua filha. O que via agora a enchia de emoções opostas. Rowdy a protegeria e, ultimamente, esse era o desejo maior da Maria. O amparo de sua filha. Mas o que ele poderia lhe fazer ao coração de seu bebê era quase mais do que podia suportar.

Aspirou profundamente, dando-se conta de que tinha apertado uma mão contra o peito ante a surpresa que a tinha atravessado. Somente não o tinha esperado. Kelly estava tão nervosa, tão cautelosa do ataque que não tinha esperado sinceramente que confiasse no Rowdy, não depois do tempo que tinha passado longe nos últimos oito anos e as mudanças que a Marinha tinham forjado. Ele era mais duro. Mais determinado. O aço em seus olhos tinha começado no primeiro ano, e só se tornou mais forte. E Kelly sabia o que Rowdy era. Sabia o homem que era e o que seus primos eram.

Quando o olhou fixamente aos dois, o cenho de Rowdy se obscureceu, seu olhar estreitando-se sobre ela.

—O que? —disse em voz baixa.

Ray a tinha advertido, sabia o que vinha.

—Vamos ao porto esportivo. —Murmurou as palavras, esperando que sua filha continuasse dormindo.

Ele assentiu com um sutil movimento de cabeça, nunca movendo-se realmente. Contento. Assim era como parecia. Contento de onde estava, sustentando a Kelly perto.

Ela retrocedeu lentamente, demorando a mão no marco da porta por um momento enquanto lutava contra a preocupação que se construía dentro dela. Possivelmente Ray tivesse razão. Possivelmente Rowdy fora tudo o que Kelly necessitava sinceramente para superar a violação e as chamadas telefônicas explícitas que tratavam de lhe ocultar.

Eram piores do que Kelly sabia. Até o ponto de que Maria e Ray desconectavam os telefones e as secretárias eletrônicas sempre que sabiam que Kelly estaria em casa sozinha. Ela não precisava saber a sujeira que esse bastardo soltava. Ou as ameaças. Era suficiente mau que Maria soubesse que as chamadas chegassem ainda.

Rowdy estava em casa agora, eles poderiam proteger a Kelly mais efetivamente. E se Ray tinha razão, Rowdy eliminaria a ameaça inteiramente. Rezou para que tivesse razão. assim como rezou para que sua filha pudesse dirigir o que Rowdy ia pedir lhe.

Kelly despertou lentamente, seus sentidos vivos, sentindo um formigamento na pele sob suas roupas ante o calor que a rodeava. Não houve temor momentâneo, nenhuma surpresa. Rowdy a sustentava. Podia sentir envolto a seu redor, como uma colher contra ela como se pensasse que tinha sido feita para essa posição.

Um lânguido prazer se difundiu, uma sensação sonolenta e sonhadora de promessa erótica. Envolto ao redor dela, velava-a por dentro, e a esquentava de cabo a rabo. Mandava dedos por seus seios, endurecendo-os, convertendo seus mamilos em picos enquanto a fome os percorria. Queria lhe sentir contra ela aí, seu duro peito roçando-os, a esteira ligeira de seu pêlo criando uma erótica fricção. Queria sua boca aí, seus lábios, dente e língua. Queria-o tudo, queria tudo dele.

Foi consciente de algo mais enquanto estava ali tombada. Ele estava duro. Sua ereção pressionava contra a fenda entre suas nádegas, um grosso intruso, esperando. Estava quente, grosso, pressionando contra ela em uma promessa erótica, ou em uma ameaça tácita. A barreira da manta entre ela e Rowdy não fazia nada para refrear a sensação dele, ou o calor.

Mordeu-se o lábio, esticando-se em seus braços, seus músculos apertando-se. O prazer e o medo combinando-se dentro dela. E o prazer foi mais forte. A culminação do que sentia como uma vida de fantasias e necessidades se elevou dentro, bloqueando o temor, empurrando-o atrás até que nada importou exceto Rowdy.

—Tranqüila, neném. —Sua voz era sonolenta, acalmada—. É somente uma ereção.

Se acurrucó contra ela, mantendo-a perto de seu peito enquanto as mãos de Kelly agarravam a colcha e lutava por regular sua respiração. Sua voz tinha um bordo de excitante indolência e delícia carnal. Como se fora um fato cotidiano despertar com a ereção de um homem em seu traseiro.

—Odeio dizê-lo —resfolegou ela—, mas isto não é uma ereção, Rowdy. É um taco de beisebol .

O bufido de risada vibrou contra suas costas, e só pressionou a ereção mais perto de seu traseiro, esticou-se até mais.

—Quer que me mova? Estou bastante confortável neste momento.

OH, ela apostava que ele estava. Forçou-se a respirar profundamente, a empurrar o pânico que ameaçava, construindo-se em sua mente. Este era Rowdy. Desde que tinha treze anos tinha estado excitada, esfregando-se contra ele, fazendo algo, tudo para conseguir uma reação. Ele nunca a tinha prejudicado. Inferno, tinha-a ignorado por anos. Até quatro anos antes nem sequer tinha tido uma pista que estivesse informado que era mas que uma pequena meio-irmã molesta.

Não a tinha tomado, não a havia tocado, sempre a tinha tratado com um calor e cuidado e a tinha mantido à distância de um braço.

Não a feriria agora.

—Está muito pensativa? —murmurou ele enquanto esfregava o queixo contra seu cabelo—. Assustada?

—De seu taco de beisebol ? —Lutou pelo humor antes que a histeria—. Não sei, Rowdy, ouvi que é bastante aficionado a isso. Muita prática e tudo.

Ela sentia sua mão movendo-se, os dedos percorrendo os seus, enviando espirais de formigamentos de calor construindo-se abaixo deles.

—É uma pequena menina —lhe grunhiu no ouvido, um suave som de veludo que se frizou por seus sentidos—. Isso não foi muito agradável.

Uma careta atirou de seus lábios em seu tom de castigo. Relaxou, sentindo que seu corpo se ajustava ao dele, assentando-se contra os músculos duros e o calor da excitação.

—Eu não sou agradável, lembra? —Seus olhos fechados enquanto ele ria em suas costas. A vibração era de uma vez consoladora e excitante.

Era um velho argumento que voltava de anos anteriores. Ocorria sempre que lhe contava o mau gosto que tinha em mulheres, e assinalava suas faltas com vívido detalhe.

—Lembrança. —Seus lábios acariciaram o topo de sua cabeça, a carícia enviando toques de prazer através de todo seu corpo. A mais leve carícia, não importava que sutil fora, tinha o poder de fazê-la tremer—. Tem uma acuidade má às vezes, Kelly.

Ela deu um bufido divertido ante isso.

—Somente não me importava te contar a verdade, Rowdy.

Seus amigas não eram exatamente a classe de mulher que levava a casa para jantar. De fato, nunca tinha levado uma mulher a casa para jantar. Kelly nunca teria podido tolerar isso. Ela se perguntava se tinha sabido isso.

—Recorda quando tinha dezessete, e comprou esse pedacinho de material que chamava traje de banho? —refletiu ele brandamente.

Ela recordava o traje de banho, comprado especificamente com a esperança de excitá-lo mais à frente do controle que sempre odiou tanto.

—Não pensei que o notaria. —Girou a cabeça, lhe olhando fixamente, perto.

Seus olhos estavam obscurecidos, diminutas pontas de alfinete esmeralda brilhando na íris verde mar, hipnotizando-a, enchendo sua visão. E os lábios. Os olhos percorreram seus lábios, tão perto. E sabia como se sentiam ao roçar-se com os seus, firmes e quentes, avivando o fogo dentro dela que não se imaginou que existiam.

—Notei-o —sussurrou, sua voz mais áspera agora—. Todo o verão. Penso que meu pênis ainda tem a impressão da cremalheira.

A mão lhe acariciava o braço, a palma criando uma quente fricção que lhe punha os nervos de ponta com a consciência. Podia sentir ainda sua ereção como ferro esquentado descansando contra a fenda de seu traseiro, mas os lábios a atraíram.

—Vai beijar me outra vez, Rowdy? Em qualquer momento logo?

—Possivelmente. —O sedutor cantarolo tinha um tremor correndo por ela.

—Quando? —Agora seria um bom tempo.

—Quando quer que o faça? —A mão se deslizou do braço ao estômago e descansou ali.

Sentia os dedos, compridos, estendidos, descansando contra ela, com apenas o tecido da camisa entre eles. E se movia, lentamente por cima dos quadris, passando o abdômen até que a mão descansou na carne nua do diafragma.

—Agora. —Deus, se ele não a beijava ia morrer da necessidade disso—. Foram quatro anos desde que me beijou, Rowdy. Me deixe te provar outra vez.

—Minha pequena Lolita. —Baixou os lábios, roçando os seus—. Quanto tempo estiveste me excitando?

—Desde que tinha nove? —Respirou uma risada contra seus lábios.

O primeiro dia que o tinha visto. Tinha sido tão bonito como o pecado e um Deus a seus olhos quando a salvou de um valentão no parque.

—Hmm. Tinha quinze. Foi a menina mais doce, me olhando fixamente com esses olhos cinzas grandes tão repletos de lágrimas porque esse valentão tinha pego seu laço do cabelo.

—E você me conseguiu devolver isso Desejava respirar, os lábios acariciando os seus com cada palavra.

—Consegui te devolver seu laço.

Ele tomou seu fôlego. Os lábios capturaram os seu em um muito breve e ardente beijo. Nenhuma língua, nada mais que o sabor em seus lábios antes de retroceder.

—Rowdy... —Se estirou para ele, necessitando mais, dolorida por mais—. Isso não é justo.

Seus dedos jogaram contra o diafragma, esfregando em círculos sensuais, lentos, criando pequenos brilhos de sensações que estalavam em seu sexo, inchando seus clitoris. Seus mamilos estavam ardentemente doloridos, rogando ser tocados, ser acariciados. As mãos estavam tão perto, o calor deles esquentando os apertados e doloridos montículos.

Ainda contra ele enquanto seus quadris se moviam contra seu traseiro uma vez mais.

—Não estou assustada de ti —sussurrou, lhe olhando fixamente aos olhos, lutando para manter os seus abertos—. Nunca estive assustada de ti, Rowdy.

—Sim, está-o —sussurrou, seus olhos obscurecendo-se—. Posso vê-lo em seus olhos, em seu rosto. —Um sorriso sombrio lhe tocou os lábios—. Mas isso está bem, neném, não estará assustada muito mais.

Ela abriu os lábios para falar, logo lhe olhou fixamente com assombro enquanto ele rodava fora da cama e lhe dava um sorriso malvado. Um sorriso excitante.

Kelly rodou de costas, sustentando-se sobre os cotovelos e olhando fixamente enquanto ele se movia ao fundo da cama. Estava tão obviamente excitado que lhe fez a boca água. Seu pênis pressionava contra as calças de chandal com tal demanda implícita, uma longitude grossa de carne dura como o aço que se doía por ela.

—Eu não gosto de estar assim excitada —disse fazendo birra—. Retorna aqui e me beije apropriadamente.

—Não o merece ainda. —Sua voz era um escuro cantarolar, sua expressão arrogante, segura. Seguro de si mesmo.

—Eu não o mereço? —A incredulidade brigou com a diversão—. tive a idade durante pelo menos seis anos, Rowdy. Pronta, disposta e capaz. E... —estendeu as pernas lentamente, lhe olhando sob as pálpebras—, acredito que esperei muito.

Os olhos dele se estreitaram, uma queda sedutora de pálpebras, os excepcionais olhos verdes brilhando entre as espessas pestanas negras.

—OH, estou de acordo. —Sua voz baixou, as mãos agarrando os barrotes ao pé da cama, curvando os dedos a seu redor—. esperamos muito, Kelly. Agora, vamos ver quão mau o quer. — Piscou os olhos lentamente—. Melhor tomar banho, neném, acredito que deve ir ao porto esportivo esta tarde. Levarei-te na Harley.

E com isso se girou e caminhou tranqüilamente até a porta do dormitório. Não olhou atrás, não se deteve. Abriu a porta e deixou o dormitório, seus largos, nus ombros retos e fortes. Muito condenadamente sexy para seu próprio bem.

Maldita seja.

Capítulo 5

Os Meninos Travessos. Estavam juntos outra vez. Rowdy levou a Harley até uma parada ao final do caminho de caça, empurrando-a entre outras duas motos estacionadas ali, e observou fixamente aos homens que o olhavam.

Dawg, Natches e Rowdy Mackay. Eles eram os meninos maus do condado. Os três tinham sido o terror do Somerset Kentucky quando eram jovens. Os pais encerravam a suas filhas de noite por medo. Não tinham ganho exatamente uma boa reputação no que concernia a suas mulheres.

—Maldição, Rowdy, estou contente que finalmente esteja em casa. —Dawg empurrou seus óculos de sol escuros em cima da cabeça, as assegurando em seu cabelo negro e brilhante. A marca registrada de cabelo até os ombros lhe dava um aspecto selvagem, indomável.

Era mais comprido que o próprio cabelo negro do Rowdy, o qual ainda tinha o corte militar. Mas Dawg sempre tinha sido mais selvagem que ele e Natches, em muitos sentidos.

Natches se inclinava contra o respaldo de sua moto, uma bota apoiada contra o tanque de gasolina, seus óculos de sol descansando debaixo de seu nariz, seus pálidos olhos verdes enfocados e concentrados enquanto olhava ao Rowdy.

Sabiam por que estavam ali.

Rowdy se girou para o Dawg.

—Não me contou isso quando me recolheu. —Olhou fixamente a sua primo, os lábios planos, a ira lhe apertando o crânio.

Dawg sacudiu sua cabeça, baixando-a brevemente enquanto suspirava.

—Simplesmente algumas coisas não sabe como contar-lhe a um homem. —Levantou a cabeça, lhe olhando fixamente enquanto dava um puxão breve e sorria—. Me figurei que conseguiria uma insinuação bastante logo. Não é a mesma garota que era o ano passado. Deixa sozinha à única a que todos nós educamos.

Rowdy se mordeu a resposta zangada que poderia lhe haver disparado, mas inferno, era Dawg. Quando Rowdy não tinha estado ao redor para cuidar dos joelhos cortados da Kelly e os valentões aos que gostavam de meter-se com ela, então Dawg tinha estado ali.

—Reunimos toda a informação que pudemos encontrar, Rowdy. —Natches se endireitou no assento de sua motocicleta, passando a perna sobre o tanque de gasolina e cruzando os braços sobre o peito—. estivemos trabalhando nisto desde que aconteceu, alternando-se para vigiar a casa quando podemos e tratando de averiguar quem é o bastardo.

—E? —Se alguém o podia resolver, eram Dawg e Natches.

—Nada. —Natches fez uma careta—. O que temos são outras quatro violações em condados circundantes nos últimos dois anos. Todas violações anais, surras, corte, muito mais severas que a da Kelly. Ela teve sorte. O noivo da vizinha ouviu o único chiado que pôde soltar. Era um tipo duro, forçou a entrada e tentou prendê-lo, mas uma vez que vislumbrou a Kelly permitiu que o tipo se fosse para ajudá-la.

—E nenhum de vocês pensou em deixar-me saber? —Olhou fixamente atrás aos dois homens.

Tinha falado com eles no último ano e nunca se deu conta de que a distância que havia sentido tinha sido algo que eles escondiam mais que sua própria imaginação e a distância física.

—O que poderia ter feito, homem? —Dawg inclinou a cabeça a um lado e lhe olhou fixamente de maneira inquisitiva—. Não queríamos o problema de esconder a um Marinheiro ausente sem permissão durante o resto de nossa vida natural, e te figurará que Kelly não necessitava isso. Cuidamo-la até que pôde chegar a casa.

—Ele ainda a chama.

Natches assentiu.

—Ray nos esteve mantendo informado. Kelly não sabe nada sobre a maioria das chamadas telefônicas, ele e sua mãe a estiveram protegendo delas.

Ele não tinha podido protegê-la.

—Estão os dois livres? —Olhou-os e soube que o estariam, para o que fora necessário.

—Estamos livres. Asseguramo-nos disso. —Natches cabeceou firmemente—. Como quer jogá-lo?

—Necessito a algum de vocês me apoiando sempre que estivermos longe da casa. —Girou por volta do Dawg—. A terei no Nauti Buoy esta tarde. Terei que falar com ela, lhe permitir que saiba que estaremos olhando.

—Estarei ali. —Dawg lhe deu um breve e lento assentimento—. Vivemos em navios este verão, Natches e eu nos certificaremos de que estamos perto, veremos se podemos ver qualquer movimento, a qualquer olhando. Não estaremos muito longe, mas com loucos assim, nunca sabe o que farão quando suas vítimas trocam de padrões.

Rowdy lhes olhou fixamente conheciam-se, às vezes muito bem.

—Estive pensando —disse Dawg, sua voz rouca, suspeita—. Quem quer que seja, tem que havê-la conhecido. Kelly não é uma criatura de hábitos. É impulsiva, imprevisível, e nunca está onde espera que esteja. Sabia que estaria em casa. Sabia que gostava de abrir a janela de noite. Não pode dizer que está aberta da rua. Tem que havê-lo sabido.

—Estuda às mulheres —disse Natches—. Consegue as conhecer de algum modo. Estivemos falando a respeito disto. —Cabeceou aos outros—. Jogando fora. Acredito que é do povo.

—Por que?

—As violações são em um raio de quatro condados ao redor do Somerset. Até a Kelly, Somerset não tinha sido golpeado. Embora ela encaixa no perfil das outras garotas. Às outras não as molesta mais que com chamadas de vez em quando e perguntando se forem "boas garotas", mas está espreitando a Kelly. Chamando a casa de seu pai a toda hora, dia e noite. Meus intestinos dizem que é do povo. —As tripas do Natches raramente se equivocavam.

—O tipo perdeu quando foi interrompido. As outras... —Dawg se esclareceu garganta, a fúria cintilando em seus olhos—. As fez rogar. Primeiro para viver, e logo por ele. Kelly não rogaria...

—E foi interrompido... Merda! —Rowdy passou as mãos sobre sua cabeça.

—Mas ela ainda é uma "boa garota" —indico Natches—. Quando deixar de ser uma boa garota, o que fará ele?

Rowdy sentiu seu estômago voltar-se ante o pensamento do que Ray lhe tinha contado durante sua noite de bebedeira. Como o bastardo chamava, perguntando se Kelly era ainda sua "boa garota". Era uma das razões pelas que tinha estado tão furioso quando compreendeu que Rowdy tinha voltado para casa, não simplesmente porque estava em casa, mas sim porque Kelly estava ali. Porque Ray tinha sabido que seu filho tinha voltado para casa para reclamar a Kelly.

—O código de camponês, jeans —Natches arrastou as palavras—. Não fudas às boas garotas a menos que o queira. Não as viola normalmente, toma analmente. Não é sério sobre elas. E não vai manchar" a uma "boa garota".

Era doente, e a parte sinceramente horrorosa era que tudo tinha sentido. Havia regras não escritas às vezes, um código, uma maneira de tratar com as mulheres. As garotas boas contra garotas "más" e as regras do compromisso. Este violador torcia essas regras. Pervertia-as em modos que garantiam dar pesadelos de homem cordato. concentrava-se em boas garotas, ou em sua percepção de uma boa garota.

E Kelly dava a impressão de perfeita boa garota. Mas ela era sua garota travessa. Tinha-o visto em seus olhos por volta de oito anos; via-o aí agora. Ela não era tola, e possivelmente fora muito bem uma virgem, mas Rowdy sabia que sua garota travessa estava aí, esperando por ele. E ia reclama-la, amá-la, protegê-la.

Não importava o que lhe levasse.

—Rowdy, começa a sair com ela e o bastardo virá por detrás mais forte —indicou Natches—. Podemos controlá-lo se o usamos, controlamo-lhe e o agarramos.

—Mas só se ele pensar que Kelly não é uma "boa garota" —injetou Dawg—. As boas garotas podem domesticar aos meninos maus. A menos que ele pense que Rowdy voltou para seus jogos passados com a Kelly, possivelmente não o empurre sobre o bordo a tempo.

Rowdy olhou fixamente a seus amigos. Ouviu a pergunta na voz do Dawg, a suspeita, inclinou-se para diante, reforçando seus braços no tanque de gasolina enquanto os olhava. Ignorou a tensão, abaixo no estômago, a inquietação vaga que sentia ante ao pensamento de compartilhar a Kelly. De permitir a seus primos tocá-la, tomá-la. Tinha esperado durante seis anos, desde que cumpriu dezoito, por uma oportunidade de lhe mostrar quanto prazer podia lhe dar quando tomasse em sua cama. Negava-se a recordar a excitação que lhe inspirou dois anos antes disso. Não desejava bebês e as vírgenes de dezesseis anos e inocentes eram apenas isso. Mas o minuto em que cumpriu dezoito, soube que seus dias de liberdade estavam contados.

—Não troquei. —Olhou-lhes fixamente com um bordo de humor, de determinação enquanto ignorava a estranha, não familiar tensão em seu peito—. E vocês?

Bufidos de retorcida diversão se encontraram com sua pergunta.

—Sim correto, e os porcos começaram a voar sobre o lago quando aconteceu —Natches riu—. Estivemos esperando, Rowdy, sabe. Pensa que essa menina teria permanecido sem reclamar se qualquer de nós tivesse trocado com o passar dos anos?

Eles eram extraordinários, possivelmente. O cumprimento e o prazer não eram um jogo. Era algo que se tomavam seriamente, algo no que trabalhavam. Todos cuidavam da Kelly, em graus diferentes. Ela era a vida do Rowdy. Mas os outros, inferno, eles a amavam também, e sempre o fariam.

Amar a Kelly não trocava isso. Mataria a qualquer outro homem que ousasse tocá-la, mas esperava, rezava por que não estivesse equivocado a respeito de Kelly e o fato de que suas necessidades refletiriam as próprias.

A necessidade era um enigma, ainda para os três homens. Possivelmente eles estavam muito próximos, deixados sozinhos muito tempo quando adolescentes, quem infernos sabia. Eles não o questionavam, não lutavam contra isso. Se Kelly não o queria, então não ia passar, mas ele tinha sentimentos sobre Kelly. Ela era uma pequena gatinha do sexo esperando por ronronar, e eles estavam preparados para acariciá-la.

Assim por que de repente se esticava ante o pensamento do Dawg e Natches lhe inspirando esse prazer, essa necessidade dentro dela?

Cabeceou lentamente. Ela era dele, não havia luta ali. Lutaria contra qualquer homem por ela, inclusive contra um amigo. Mas aqui, não havia necessidade de lutar. Dawg e Natches não possuíam seu coração, Rowdy o fazia. E o prazer que sabia que os três lhe podiam dar, pesava mais que a advertência sutil que se movia através de seu peito.

—Estará ela de acordo? —Dawg fez a pergunta mais difícil.

—Antes do ataque, eu haveria dito que sim. —Rowdy suspirou pesadamente—. Agora, quem sabe? —Sacudiu a cabeça antes de enxugar a mão sobre seu rosto em um gesto de frustração—. Veremos. Terá que ser sua decisão.

Eles assentiram em resposta.

—Faremo-la recuperar do primeiro ataque, ocuparemos-nos do atacante, logo veremos onde vamos —disse Rowdy—. Ela não ignora os rumores, suspeita o que vem. Mas... —Tragou apertadamente—. vai estar assustada agora. E só por isso, matarei ao bastardo.

O Porto esportivo do Mackay era um dos portos esportivo mais pequenos, especializado em alugueis e atenção mecânica. Alguns ancoradouros estavam arrendados, e o restaurante e a loja acrescentavam ao conjunto uma atmosfera de "uma parada" amistosa de desembarque.

O Porto esportivo do Mackay tinha começado com o avô do Rowdy, Joseph Mackay, e logo sob guia do Ray Mackay se converteu em uma prospera empresa. Uma que queria entregar ao Rowdy logo que seu filho estivesse disposto.

A loja de cevas e a seção de bens esportivos dos edifícios principais estavam separadas da loja e o restaurante pelo escritório principal. A mãe da Kelly tinha posto a loja aberta as 24 horas e bombas adicionais de gasolina depois de seu matrimônio com a condição de que essa parte da empresa fosse de Kelly uma vez que se aposentassem. Era um acordo que Ray e Rowdy tinham aceito facilmente.

Kelly estava registrando a variedade de bens que o ancião Tanner e seu filho Ricky tinham recolhido, quando viu o Rowdy e ao Dawg caminhar até o espaço principal. Natches tinha saído apenas fazia uns poucos minutos depois de passar quase uma hora paquerando e endireitando as estantes a um lado do quarto.

Ela teria sido uma idiota de não advertir que a cuidadosa restrição em seu comportamento para ela tinha trocado. Olhava-a agora com um interesse sutil, uma promessa extraordinária dos meninos Mackay. Sabia suas motivações, e soube no instante em que entrou no quarto que já não estava simplesmente vigiando-a como ele e Dawg faziam no ano passado. O elemento adicional de desejo já não era escondido dela.

Não havia pressão, nenhum contato, nada que pudesse mandar seu pulso a saltar com temor. Mas o convite para ser audaciosa brilhava em seus olhos. Era um convite que tinha acreditado estar esperando, até agora. Agora, sobrecarregava seus nervos, e a tinha perguntando-se pelas fantasias que a tinham obcecado durante anos. Realmente a tinha afetado o ataque até este ponto, perguntou-se? Até o ponto de que o que acreditava que queria agora parecia frio, quase sujo?

—Kelly, garota, precisa pôr estas varas de pescar à venda. —O cenho do Ken Tanner era feroz, os olhos marrons compridos e magros brilhantes. As mechas brancas estava de ponta sobre sua cabeça, e a carra enrugada era normalmente feroz, embora tinha um coração de ouro.

—Eu direi ao Ray, Ken. Mas sabe como é. Isto será 14,62 dólares.

Tomou o dinheiro dele, ignorando a seu filho. Ricky tinha um olhar furtivo de um pequeno idiota que gozava atizando as debilidades de outros. Por sorte, conteve-se enquanto seu pai estava ao redor.

Quando contou o troco, vislumbrou ao Rowdy movendo-se atrás do balcão enquanto Dawg começava a pôr direitas parte das pesadas estantes através do quarto. Dawg tinha passado seus verões trabalhando no porto esportivo ante de sair do instituto. Para ele, Rowdy e Natches, era quase automático trabalhar quando estavam sem fazer nada.

—Ouça, neném. —Ela se esticou quando Rowdy se moveu detrás, lhe colocando uma mão no ombro enquanto se inclinou para beijá-la em cima da cabeça—. Cansada já?

Ela sentia o rubor difundindo-se pelo rosto enquanto o olhar do Ricky chegava a ser francamente valorativa e o ancião Tanner sorria com delícia.

—Rowdy Mackay. Menino, já era hora de que voltasse para casa. Está de visita ou fica? —A voz rasgada do Ken retumbou pela loja.

—Olá, Ken. Ricky. —moveu-se ao balcão, sacudindo a mão nodosa estirada para ele—. Estou em casa para ficar esta vez.

—Bem, já era hora. —Assentiu firmemente, seu olhar ardiloso movendo-se a Kelly por um segundo comprido, uma insinuação de compaixão em seus olhos—. vais cuidar de nossa garota aqui?

—Ken. —Seu rosto flamejou mais quente ante a pergunta enquanto o repreendia.

—Como se todos nós não lhe tivéssemos visto te retorcendo a seu redor desde que foi muito jovem para saber o que era um tic. —Bufou, lhe franzindo o sobreceixo—. Não te faça de boba, garota. Somente porque seja velho não sou cego.

Ela ignorou a risadinha do Rowdy enquanto empacotava rapidamente os artigos que Ken tinha comprado e os entregava através do balcão.

—Espero que apanhe muitos peixes, Ken —chiou entre seus dentes apertados, pegando um fac-símile de sorriso em seu rosto.

Ela era tão carinhosa como podia ser com o ancião, mas ele não tinha cabelos na língua.

Sua risada dissimulada era divertida, bondosa.

—Está tudo na ceva, garota. Esta tudo na ceva. —Cabeceou para o Rowdy com um dos poucos sorrisos que Kelly tinha visto jamais nele—. Vamos, Ricky. —Deu-lhe uma cotovelada a seu filho, dirigindo-se por volta da porta do lado —. Te verei mais tarde, Rowdy.

—Mais tarde, Ken. —Enquanto falava, Kelly sentiu sua mão sobre a parte mais estreita de suas costas, os dedos esfregando diminutos círculos sobre a frouxa camisa de algodão que levava.

—Para com isso —vaiou ela, girando-se para ele enquanto Ken e Ricky saíam do edifício, a porta de cristal fechando-se atrás deles.

Apartou-lhe a mão, sustentou as mãos em quadris e lhe olhou enfurecida a seu rosto sorridente enquanto ele cruzava os braços sobre o peito e sorria malvadamente.

—Vai me deixar aborrecido se começar a recusar meus lastimosos avanços, Kelly —suspirou—. Me mantive acordado toda a noite com um braço intumescido para que pudesse dormir comodamente.

A risada dissimulada do Dawg se ouviu claramente.

—Tolo e mais que idiota —murmurou, embora não pôde evitar o sorriso enquanto ele se estirava para passar os nódulos por um lado do pescoço. Tremores a percorreram ante a pequena

carícia. E não era temor. Podia sentir o prazer difundindo-se por seu corpo, umedecendo a carne entre suas coxas.

Era desconcertante. Tinha passado meses com o temor de que nunca poderia gozar do toque Rowdy outra vez. Que os desejos com os que ele a tinha cheio, as necessidades e as fantasias estariam alagadas com o temor. O saber que estavam retornando, possivelmente mais forte que nunca era de uma vez angustiante e um alívio.

—É quase hora de fechar. Pensei que podíamos te ajudar a fechar. Logo agarrar toda essa comida Chinesa que tenho fora na alforja da moto antes de nos dirigir ao lago. —Empurrou-lhe o cabelo fora do ombro enquanto falava, os dedos atrasando-se na orelha durante segundos compridos depois de que terminasse.

Pela extremidade do olho ela viu que Dawg fechava as portas do lago e pendurava o pôster de "fechado".

—Ray te esfolará vivo. —Sacudiu a cabeça, embora não pôde manter o sorriso nos lábios—. As horas de verão são mais longas agora, Rowdy. Ainda tenho uma hora.

—Perguntei primeiro ao papai. —Retrocedeu, sua expressão intensa, sexy—. Melhor ainda, Dawg pode terminar por você. Anda, Kelly, escapole comigo.

Escapular-se com ele? Quantas vezes tinha sonhado lhe ouvindo dizer essas palavras? escapuliu-se com ele em qualquer momento, qualquer lugar.

—Vamos, Kelly. —Dawg emprestou sua aprovação à idéia—. Fecharei a loja aqui e ajudarei ao Ray e sua mãe lá fora antes de ir.

Como primeiro primo do Rowdy, e o mais velho por vários meses, Dawg tinha dirigido geralmente as brincadeiras dos Meninos Travessos. Os três homens tinham sido um inferno sobre rodas durante seus anos de instituto.

Ela aspirou profundamente, deslizando as mãos dos quadris aos bolsos dos jeans enquanto olhava ao Rowdy outra vez.

—Sabe que quer —sussurrou ele com uma piscada—. Vamos, passei todo o dia ventilando o navio e preparando-o.

O Nauti Buoy1 era seu orgulho e alegria, por não mencionar sua casa de fim de semana. Ele e seus amigos passavam seus verões na água, normalmente nas casas flutuantes que tinham adquirido com o passar dos anos. Seu título, os Meninos Travessos, tinha vindo tanto dos nomes de seus navios como de suas práticas sexuais.

—Bem. —Agarrou seu valor com ambas as mãos e lhe deu um assentimento curto—. Não provei comida Chinesa em muito tempo.

Não tinha comido fora, preferindo permanecer ali mais que forçar-se a fingir uma segurança que não sentia. Aterrorizava-a, não saber quem era seu atacante. Se era um amigo ou um estranho, alguém em quem confiava ou tivesse crédulo.

—Bem —disse o, sua voz cálida, aprovadora enquanto ela se movia passando-o, atirando da prega de sua camisa grande antes de que uma de suas mãos agarrasse a suas.

O calor rodeou os dedos, alimentou o sangue e mandou uma quebra de onda de fogo por seu sistema. A adrenalina fortaleceu a onda, alimentou seus tensos mamilos, seus inchado clitóris.

—Recolheremo-lhe no lago mais tarde, Dawg.

—Chamarei-te antes de sair. —Dawg cabeceou enquanto se moveram , seus olhos estreitados, o brilhante azul detrás das espessas pestanas que os rodeavam. Tinham o mesmo calor excitante e a promessa sensual que os do Natches tinham tido mais cedo.

—Vamos.

Ela seguiu ao Rowdy enquanto se movia através do escritório principal do porto esportivo, saudando sua mãe quando ele abriu a porta e a acompanhou por ela. Perguntou-se se parecia tão confusa como se sentia.

Tranqüilizar suas emoções e seu equilíbrio depois de despertar com ele essa manhã tinha sido bastante duro. Tinha estado nervosa, os dedos lhe tremiam, o estômago lhe apertava cada vez que pensava em despertar a seu lado, lhe sentindo rodeando-a, sua ereção pressionando contra seu traseiro. Isso tinha sido a parte mais desconcertante. Deveria ter estado assustada. O psicólogo lhe havia dito que provavelmente se assustaria a primeira vez que tentasse relações íntimas depois da quase violação. Que a intimidade de permitir a um homem tocá-la, tê-la, possivelmente fosse difícil de suportar.

Não o tinha sido. Tampouco Rowdy a havia tocado muito. Tinha estado mais excitada que assustada. E a sua forma, isso era mais aterrador que o temor de seu toque. Todos lhe haviam dito durante meses que ser tocada seria difícil, mas ser tocada pelo Rowdy tinha sido um sonho feito realidade.

—Pensa muito às vezes —anunciou Rowdy enquanto reunia as bolsas de comida Chinesa das alforjas de aço montadas ao lado da motocicleta.

—Posso andar e mascar chiclete ao mesmo tempo também. —Ela pôs os olhos em branco, sentindo sua mão nas costas outra vez.

Nas passadas vinte e quatro horas ele a havia tocado mais que nos últimos dez anos. É obvio não tinha estado em casa durante a melhor parte desses dez anos, mas não foi como se a oportunidade não tivesse estado ali.

—Por que não foi à universidade? —perguntou ele enquanto se moviam pelas docas—. Esperava fosse justo depois do instituto.

Ela se encolheu de ombros ante a pergunta.

—Fui estudar negócios na escola técnica. Você possivelmente terá o porto esportivo quando Ray e mamãe se aposentem, mas a loja e o fornecimento de combustível são meus —lhe recordou—. Eles só crescerão enquanto o tráfico no lago aumente e quero estar preparada para isso.

—Diz-o como se pensasse que queria me desfazer de ti. —Giraram pelo tablón, dirigindo-se ao Nauti Boy, a casa flutuante de cinquenta pés verde mar e branco.

—Possivelmente não te desfazer de mim. —Deu um passo no alpendre largo, retrocedendo enquanto abria as portas de cristal antes de dirigir-se à escura cozinha/sala com ar condicionado.

As sombras se arrastavam por toda parte, as luzes fora. Enquanto ele fechava a porta detrás deles, atirou das pesadas cortinas as fechando, selando-os dentro do íntimo frio consolo de sua segunda casa.

—Então que? —perguntou ele enquanto se movia à pequena cozinha—. Pensa que eu não te quereria ao redor, Kelly?

A coluna do leme se assentava no rincão diante da grande janela sombreada ao lado das portas de vidro. Um sofá de seis pés cor vinho tinto se assentava a seu lado, duas cadeiras iguais ao outro lado do quarto, atrás do leme. A cozinha estava equipada com um mini refrigerador, o congelador horizontal e um estreito fogão de quatro queimadores com armários de carvalho e um microondas. A pia dupla era estreita, mas eficiente. Em frente da área de trabalho uma mesa circular com quatro cadeiras altas almofadadas sob um lustre de luzes de vidros de cores. Mais adiante havia um pequeno quarto de banho e a ducha, beliches e uma saída para a zona traseira.

Adorava ao Nauti Buoy. Tinham passado o verão ali quando era mais jovem. Acima havia outro dormitório maior e opulento, assim como um quarto de banho e a cobertura. Antes de que Ray o desse ao Rowdy, tinha havido dois dormitórios abaixo. Agora, o segundo era uma área de secador/vestidor para a coberta traseira com um pequeno conjunto do secadora/lavadora.

—Não estava segura —respondeu finalmente, lhe olhando, os dedos atando-se na prega da camisa.

—Sua mãe ajudou a construir o porto esportivo. —Girou para ela depois de pôr a comida sobre a mesa—. Não lhe tiraria isso, não importa o que acontecesse.

Ele enganchou os polegares nos bolsos de seu jeans, olhando-a com esses olhos. Olhos que desfaziam suas defesas, que mandavam mariposas chocando daqui para lá no fundo do estômago.

Ela lambeu, lhe olhando fixamente. A última coisa em sua mente agora era o negócio. Seus nervos chocaram enquanto os sentidos se realçavam mais; o ar nos limites da cabine se fazia mais pesado, denso com o aroma sedutor e sutil que era único do Rowdy.

—Sei que não o faria, Rowdy. —esclareceu-se garganta, forçando-se a mover-se até o armário, ao gabinete e a bateria de cozinha dali.

Quando tirou pratos e talheres de prata e os pôs na mesa, Rowdy esquentou a comida no microondas, pondo-o sobre a mesa antes de tirar uma garrafa de vinho barato do refrigerador.

Em algum ponto, ele tinha posto um CD, baixando o volume até que a música suave e íntima fluíu com a cabine.

— Vamos comer. —O batimento do coração escuro em sua voz foi tão sexual que a sugestão tomou um novo significado.

—Comer. —Ela aspirou lentamente—. Bom. Comamos.

Capítulo 6

Enquanto comiam, falou-lhe sobre a Marinha. Ela sabia que estava ocultando os detalhes mais duros, o sangue e a morte que tinha visto no estrangeiro, os amigos que tinha perdido. Sabia quando estava falando sobre esses amigos que já não estavam vivos para rir com ele. Os olhos lhe obscureciam, sua expressão chegava a ser reflexiva.

Contou-lhe sobre o deserto, fez-a rir com algumas das brincadeiras que ele e seus companheiros tinham jogado a seu oficial superior ou a outros soldados. Ela via a beleza do sol subindo pela paisagem do deserto, acalmada-a tranqüilidade da lua elevando-se com sua voz profunda e descrições reverentes.

Mas ele tinha sentido falta de seu lar. Ouvia-o em cada palavra. Quão formosa podia ser a lua brilhando sobre a areia, mas não comparável à névoa temprana da manhã que se elevava do lago ou a lua que cortava um atalho de luz dourada através da superfície da água.

Como sentiria falta dos tipos com os que tinha lutado, mas sonhava escapulindo-se nas montanhas e destilar ilegalmente álcool caseiro como ele, Natches e Dawg freqüentemente fizeram.

O silêncio do deserto, a sinfonia do bosque. Ele via a beleza da terra em que tinha estado, mas conhecia os tesouros para ser encontrados na terra em que tinha crescido.

—Que tal as mulheres? —Finalmente fez a pergunta que mais a rondava enquanto ele amontoava os pratos na máquina de lavar pratos diminuta e se girou para ela que o olhava da mesa.

Ela tinha o cotovelo sobre a mesa, embalando o queixo nas mãos enquanto o olhava curiosamente.

—Eu não fui um santo, neném. —Curvou os lábios com essa pequena metade de sorriso sexy que era a marca registrada do Rowdy—. Mas não houve nada sério. Não estive com ninguém em muito tempo, realmente. Que tal você?

Ele se inclinava contra o balcão, seu corpo musculoso depravado. Bem, em sua maior parte depravado. Estava duro. Ela podia vislumbrar a protuberância na frente de seu jeans na porção mais baixa de sua visão e morria por um olhar completo.

—Ninguém para mim —respondeu por último com uma careta ridícula—. Não pude te superar. Deixou-me e rompeu meu jovem coração.

—Melhor seu jovem coração que meu pescoço. —Grunhiu—. Tinha vinte e dois anos, Kelly. Deveria ter sido disparado inclusive por te olhar então. —Suas pálpebras baixaram—. Mas era malditamente difícil não te olhar. Enchia um par de calças curtas quase tão bem como os enche agora.

Ela sentia o rubor que subia por seu rosto, seu olhar piscando longe dele durante um longo momento enquanto respirava profundamente.

—Sabe, essas roupas frouxas têm que ir-se —ele finalmente suspirou—. Uma de minhas partes prediletas de voltar para casa era te olhar correr daqui para lá nessas pequenas e cômodas calças curtas e esses tops. Faziam o meu pênis mais duro que o inferno, mas era uma vista que seguro como o inferno sinto falta, Kelly.

Seu olhar se estrelou contra o dele. O verde estava mais escuro agora, sua expressão pesada com a fome.

—Eu... —Ela tragou apertadamente—. Estou mais cômoda...

—Sandices. —A sussurante réplica foi entregue com um sorriso ardiloso—. Estas assustada. Estou em casa agora, Kelly. Confie em mim.

Ele tinha prometido, fazia muito tempo, que sempre que ele estivesse ao redor, ninguém a danificaria. Foi o valentão, recordou. Ela estava aterrorizada de permanecer no parque depois da escola enquanto sua mãe trabalhava, depois de que os valentões tivessem começado a meter-se com ela. A menos que Rowdy estivesse ali. Ele a tinha cuidado. E às vezes um dos outros. Se Rowdy não podia estar ali, Dawg e Natches tinham estado.

—Recorda quando prometi que sempre cuidaria de ti? —sussurrou—. Foi a cosinha mais pequena em que tinha colocado meus jovens olhos. Essas lágrimas em seu rosto quando esses valentões roubavam seus laços de cabelo me voltaram mais louco que o inferno.

—Salvou meus laços para o cabelo. —Refreou seu sorriso brincalhão—. E salvou a mamãe de uma tonelada de dinheiro extra. Adorava meus laços para o cabelo.

—Ainda adora seus laços para o cabelo. —Sorriu—. Os vi dispersos por toda parte em seu quarto de banho ontem à noite quando me levantei. As malditas coisas possuem seu próprio lavabo.

Ela levantou as sobrancelhas.

—Embora sejam bonitos.

Empurrou-se do balcão, movendo-se com uma comodidade depredadora, um movimento de ossos, músculos e nervos que lhe obstruíram o fôlego na garganta enquanto andava até a mesa.

—Não. —estirou-se, o dorso dos dedos lhe acariciando um lado do rosto—. Você é preciosa. Muito malditamente bonita para essas roupas frouxas. Tira isso para mim.

Seus olhos alargaram.

—Não trouxe nada para me trocar...

—Tem um sutiens e as calcinhas, presumo? —Os dedos se envolveram ao redor do pulso, pondo-a em pé—. Arrumado a que eles lhe cobrem melhor que esses malditos trajes de banho de quando tinha dezessete.

O ar era de repente muito espesso para respirar, sua vista aturdida, cheia com a cor dos olhos do Rowdy e o desejo que podia ver resplandecendo neles. As coxas lhe apertaram enquanto sentia o formigamento de resposta correr por sua matriz, frisando-se por sua vagina.

—Dirigirei o navio à enseada —sussurrou—. Poderíamos nadar, olhar a ascensão da lua sobre o lago. Você gostaria disso, Kelly?

—Um sustento e as calcinhas não são exatamente um traje de banho. —Respirou profundamente, afastando-se dele enquanto jogava da grande camisa.

—Não é exatamente nu, tampouco —disse enquanto se movia para o leme—. Pensa nisso. Assim vamos à enseada de todos os modos? —Olhou-a, levantando uma sobrancelha negra sugestivamente.

Kelly aspirou profundamente.

—A enseada soa divertido. —Assentiu finalmente.

—E a roupa? —Deixou cair seu olhar sobre seu corpo antes de retornar aos olhos.

Ela levantou a sobrancelha burlonamente.

—Não tem feito nada para merecê-lo ainda, Rowdy —ronronou docemente—. Adivinho que terei que pensar nisso.

Ela ia ter que pensar nisso?

Enquanto manobrava o Nauti Buoy para a enseada oculta na qual ele e seus amigos tinham celebrado festas quando eram mais jovens, Rowdy tinha um sorriso incinuantemente nos lábios.

Possivelmente não merecesse ver seu pequeno corpo vivaz baixo essas roupas frouxas que ficava, mas ia vê-lo. A larga e magra camisa de mahón caía sobre suas coxas e lhe cobria dos esbeltos ombros. Inclusive seu jeans eram frouxos, uma concha protetora com a que cobrir-se.

Apertou a mandíbula ante o pensamento. Kelly nunca tinha tido problemas em levar roupa que acentuava seu esbelto corpo e seus seios impertinentes, até agora. O ataque tinha trocado isso, ela estava nervosa agora, onde antes tinha estado segura dela mesma como uma moça bastante desejável.

Não lhe gracejava como o fazia anos antes. Estava mais contida, mais calada. E ele se dava conta de que sentia falta da fera que tinha sido. Agora, deveriam estar discutindo o suficientemente forte para atrair a atenção, enquanto ela o voltava louco com uma combinação de luxúria e exasperação.

Em vez disso, ela estava em pé nas portas de cristal, olhando fixamente na distância pensativamente enquanto os dedos se agarravam às cortinas laterais.

—Penso que está equivocada, Kelly. —reclinou-se contra o respaldo do tamborete onde estava sentado, uma mão agarrava o leme enquanto o navio sulcava a água para a enseada.

—A respeito de que? —Ela se girou com um cenho, os olhos cinzas cintilando com bom humor.

—Penso que mereço verte despida até ter algo decente. —Franziu o cenho—. Para de te ocultar, neném.

Ela pôs os olhos em branco antes de voltar-se para a paisagem fora do navio.

—Não sabe tudo, Rowdy —replicou ela, mas não havia convicção em sua voz.

—Conheço-te. —Ele começou desabotoando sua própria camisa enquanto a olhava, seu pênis pulsando furiosamente enquanto os olhos dela se escureciam com interesse.

Em uns segundos tirou a camisa, atirando a à cadeira detrás dele enquanto cintilava um malvado sorriso.

Ela se girou para ele então, cruzando os braços sobre os seios enquanto levantava uma sobrancelha.

—Poderia ao menos tirar os jeans —indicou ele—. Essa camisa é suficientemente grande para cobrir a duas de ti. Ninguém saberia.

Quatro anos antes ela teria levado esse diminuto biquíni todo o condenado dia, revoando ao redor dele como uma ninfa do bosque voltando loucos aos homens mortais. Agora, nem sequer podia tirar a suas calças.

—Está empurrando —lhe advertiu, sua voz tinha um sutil estalo.

—Incluso não me viu empurrando, neném —grunhiu—. Crê que não tomei o tempo de averiguar que estivesse te ocultando desde que esse bastardo te atacou? Deixou de te vestir como a garota que conhecia e começou a te vestir como sua maldita avó. Está assustada.

—Bem feito! —ridicularizou-o—. te Figure. Possivelmente deveria fazer cambalhotas a seu redor nua, Rowdy. —Ela não estava realmente zangada, ainda. Embora seus olhos faiscavam e as bochechas estavam ruborizadas de irritação.

—Isso funcionaria para mim. —Sorriu agradavelmente—. Vamos tentar e vejamos se funciona para você. Tire as tuas e eu tirarei as minhas.

—Você tiraria as tuas de todos os modos. —Sua risada foi suave, sabedora.

—Por você, neném, em qualquer momento. —Piscou os olhos.

—Muito distinto sua resposta nos anos passados . —A sombra da brincadeira em sua voz não lhe passou despercebida—. Por que agora? Retorna e de repente não pode esperar para te colocar na cama comigo? É suficiente para fazer suspeitar a uma garota.

—Sem dúvida —concordou ele, sorrindo—. Não há segredos aqui, carinho. Não ia tomar a uma menina em minha cama. Sendo uma virgem será bastante duro para você, desejei pelo menos que fosse o suficientemente amadurecida para saber em que demônios te estava colocando. Mas não tinha a intenção de não voltar por você.

A surpresa se refletiu nos olhos.

—E se decidia que desejava a outra pessoa? —Seus olhos se estreitaram, os lábios afinando-se na confiança de que ele sabia que ela lia em seu tom.

—Então Dawg ou Natches teriam cuidado disso até que eu voltasse de licença. —encolheu-se de ombros facilmente—. Pus a reclamação em ti faz muito, Kelly. Você somente não te deu conta.

—Em algum lugar entre os pequenos jogos sexuais que compartilha com seus companheiros? —Ohhh, agora havia uma pequena sombra de ciúmes ali? Ele a olhou de perto pela comissura dos olhos enquanto mantinha um sorriso brincalhão em seu lugar.

—Os jogos sexuais são para os adultos. —arranhou-se o queixo enquanto a olhava—. Você não os poderia dirigir.

E isso poderia ser muito bem verdade. Não que ele não pudesse prescindir deles, mas maldição, a Kelly que tinha conhecido fazia quatro anos tinha sido selvagem, impulsiva e cheia de fome. Sempre lhe tinham gostado dos jogos sexuais, jogava com cuidado e com mortal seriedade.

—Quem diz que eu não os poderia dirigir? —Ela franziu o cenho enquanto se endireitava e colocava as mãos nos quadris—. Nunca me deu a oportunidade de tentá-lo.

Ele bufou.

—Não permita que a boca escreva cheques que seu corpo não pode pagar, neném. Não me desafie.

Ele deu um escuro olhar de aviso, uma que ela reconheceu imediatamente. Ele não estava jogando aqui. Ainda não. E antes de que começasse, queria que ela soubesse as regras.

—Não sou estúpida. —Ela empurrou as mãos nos bolsos dos jeans, lhe olhando fixamente com um bordo de ira, de excitação—. Pus atenção a sua reputação faz muito tempo.

Ela não estava intimidada com ele. Isso era bom. Não a queria intimidada, queria-a curiosa, interessada. Queria-a excitada.

—Faz-o agora? —passou-se a mão sobre o peito enquanto guiava a casa flutuante em um giro que o afastaria da principal seção do lago e a uma via navegável mais estreita que levava a enseada—. E você estava excitava a cada oportunidade que tinha. Paraste de me excitar. Possivelmente decidiste que não pode dirigir-lo.

Ela pôs os olhos em branco.

—Está sendo um cretino.

—Sou honesto, Kelly. —Fez com a cabeça um movimento de negação rápido—. Há dito que escutaste os rumores. Evidentemente não escutou o suficiente.

—O que quer dizer?

—Exatamente o que hei dito —respondeu, entrecerrando os olhos enquanto olhava para trás—. Estou bem tendo à princesa. Levarei-te a minha cama, tratarei-te como ao cristal e te amarei com tudo o que tenho para te dar, durante tanto tempo como me suporta. Mas não tente à besta, doçura, porque quando tem fome, poderia conseguir mais do que esperas.

Viu sua expressão ficar por fora.

—Ama-me? —Piscou, tão malditamente inocente que fez que seus intestinos se apertassem.

—Kelly, sempre te amei —lhe disse, querendo dizê-lo—. De algum modo ou outro, sempre foste parte de mim. É o bastante maior para decidir se quer te assentar com um homem, para sempre, ou não. Figuro-me que posso te dar este verão para decidir certamente se for esse homem. Se não o for, então te deixarei ir. Não será fácil. Sou um filho da puta com uma atitude que vem há anos, mas te deixarei ir.

—Mas, Rowdy, sempre te amei. —Olhou-lhe com confusão agora, esperança e medo em partes iguais lhe escurecendo os olhos.

Tamborilou com os dedos sobre o leme, girando-o até que se balançou em outra via navegável que levava a enseada privada. A família do Natches possuía a pequena propriedade que bordeaba a baía. Estava detrás de uma zona de terra subdesenvolvida, e completamente privada.

—Sim, sei que o faz —respondeu finalmente enquanto se arrastava até a sombra de um banco de árvores e desligava o motor.

Não disse nada mais enquanto se movia além das portas de vidro, lançando a pesada âncora dianteira antes de mover-se à traseira e fazer o mesmo. Quando voltou para o salão, deteve-se na mesa.

—Retornei por você —disse, inclinando-se contra a pequena barra, forçando-se a parar-se longe dela—. Por isso papai estava tão de saco cheio. Sabia que retornava por você. E os rumores são feitos, neném. Não me empurre onde os jogos são preocupantes.

—Não te necessito nem a seu pai para tomar as decisões por mim —disse bruscamente, seus olhos cinzas flamejando com desafio—. Se formos tentar uma relação, então nos encontraremos no centro. De algum modo. Mas não se pensar que pode me planejar a vida.

Os lábios dele se torceram. Ela era um feixe de fogo, isso era malditamente seguro.

—Te tire as calças —sussurrou ele—. Vamos dar um passo de cada vez, Kelly. Veremos quais são seus limites juntos.

—Nossos limites —replicou ela—. Não só meus.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso francamente sexual e malvado.

Kelly se lambeu nervosamente. Esta ação teve à cabeça de sua ereção pulsando de necessidade. Maldição, queria a essa pequena língua ali lavando a grossa crista, lambendo ao redor dela como se fora seu sabor favorito.

Ela se mordeu o lábio inferior e olhou a longe respirando profundamente. Suas mãos se moveram, tirou-as dos bolsos dos jeans antes das mover sob a camisa para desabotoar as calças. tirou-se as sandálias e logo empurrou os jeans sobre os quadris e abaixo pelas pernas.

Em uns segundos ela os colocava sobre a cadeira com sua camisa antes de girar-se a ele.

—Estava acostumado a me excitar como uma pequena marota bronzead —sussurrou ele, olhando fixamente suas pernas, morrendo para as sentir ao redor dos quadris—. Era uma das coisas que mais esperava quando pensava em voltar para casa. —Olhou-a mover-se para ele, os olhos nublados pela paixão enquanto ele mantinha a voz baixa, excitando-a com cuidado.

—Não atuava como se o desfrutasse —murmurou ela enquanto ia para ele. Ele deu um puxão enquanto ela colocava sua pequena mão no peito nu e o percorria lentamente para baixo para ao abdômen apertado—. Te afastou de mim.

Ele levantou a mão, movendo-a para seu braço, sentindo a suavidade de sua pele enquanto passava os dedos ao cotovelo e atrás outra vez.

—Se soubesse as coisas que quis te fazer com o passar dos anos, teria corrido gritando. — Olhou-a fixamente para baixo, à cara levantada, seu olhar nos lábios. A perfeição suave e rosa dessas curvas cheias o tinha dolorido—. Ainda era muito malditamente jovem para as coisas que queria fazer. Contigo.

—O que queria me fazer, Rowdy? —Sua mão se deslizava desde abdômen ao peito outra vez enquanto o olhava fixamente, seus olhos refletindo a mesma necessidade faminta que ela tinha mostrado durante anos, mas também mostravam uma sombra de temor, de dúvida.

—Tudo. —Não ia mentir lhe. Agora não era o momento de ocultar nenhuma parte de quem ou do que era ele, ou a fome que podia soltar nela. Se houve um tempo para ser honesto com ela, era agora. Antes a conexão emocional que os tinha vinculado durante tantos anos se aprofundava, antes havia uma oportunidade de que ela pudesse resultar ferida.

A excitação cintilou em seus olhos enquanto sua respiração se fazia mais pesada, mais espasmódico.

—Me dê um exemplo. —Ele podia ouvir a fome em sua voz.

Ele baixou os dedos pelo braço até que encontrou sua mão, levantando-a, empurrou os dedos a seus lábios enquanto a olhava através de seus olhos estreitados. O olhar dela piscou a seus lábios enquanto ele lambia a ponta de dois dedos, suas pálpebras caindo, o prazer mais que o temor enchendo seu olhar.

—Sabe o que quero —sussurrou—. Exatamente o que suspeito que mais te está assustando agora. —Levantou a outra mão, lhe apartando com cuidado o cabelo do rosto, o polegar lhe acariciando a bochecha—. Quero te despir, te amar da cabeça aos pés tão freqüentemente como é possível, e às vezes... possivelmente não estejamos sozinhos.

O fôlego lhe entupiu em um duro nó durante um segundo antes de soltar-se de um puxão, movendo-se através do quarto, os ombros rígidos e direitos enquanto ele se forçava a relaxar-se, a esperar.

—E se nós não estivéssemos sozinhos? —Sua voz era baixa, entrecortada. Ele não podia dizer se era excitação ou temor o que a inspirava.

—Se não estivéssemos sozinhos, sabe que aos únicos homens aos que permitiria estar ao redor de você seria a meus primos —disse brandamente.

—E se não é o que desejo? —voltou-se para ele, seus olhos cinzas obscurecidos, escurecidos com a dúvida.

—Então não te pressionarei para isso. —Cruzou os braços sobre o peito outra vez enquanto se inclinava contra o balcão—. Isso não significa que não pensarei nisso, que não fantasiarei infernalmente com isso. Não mentirei, Kelly. Jamais. E não terei coisas entre nós que não necessitamos que estejam ali.

—E como eles se sentem a respeito disto? —A excitação jazia espessa em sua voz, igual ao temor—. Têm feito já os três planos para me seduzir?

—Às vezes os homens não têm que fazer planos, Kelly. —Manteve sua voz suave, ainda—. Eles me conhecem, justo como eu também os conheço. Nenhum plano será feito jamais sem sua presença.

Ela aspirou lentamente, seu nariz flamejava enquanto o olhava de perto.

—O qual me traz outro ponto —continuou ele—. Se quer fazê-lo ou não, vais ter ao menos que fingi-lo. Até que agarre a esse bastardo que ousou te tocar, deixarei-lhe pensar que vai passar. Torturarei-lhe com o conhecimento disso. Porque maldição se lhe deixarei te ameaçar mais tempo. Assim possivelmente queira pensar em desfrutar pelo menos da parte da pretensão.

Enquanto falava, olhava-a empalidecer, logo ruborizar-se enquanto a fúria retorcia seus rasgos com a rapidez de um relâmpago. Uma faísca foi tudo o que tomou, e soube que ele estava tomando esse risco.

—Pensa que vais jogar comigo? —ela se aproximou dele—. Que permitirei que jogue jogos mentais com esse bastardo doente até que ele venha por minha outra vez?

A traição cintilava em seus olhos, em sua voz.

—Pensa-o outra vez, maldito. —Espreitou-o até a cadeira, atirando suas calças do assento e colocando os de um puxão sobre as pernas enquanto lhe lançava um olhar quente—. É um filho de uma puta, Rowdy. Não posso acreditar que faria isso. —A emoção lhe entupiu na garganta, a dor em sua voz rompendo o peito dele.

—Inferno sim, farei-o —disse grunhindo, espreitando-a enquanto lutava por grampear e fechar os jeans. Agarrou-a pelos braços, olhando-a fixamente, a raiva comendo-o vivo com o pensamento do perverso bastardo sustentando-a abaixo, cortando-a com essa faca—. Farei o que seja, Kelly, entende-me? É uma ameaça para você. Um perigo. E não o tolerarei. Se não o agarrarmos, violará outra vez, e a próxima mulher possivelmente não viva para lamentá-lo. É isso o que quer?

—Quer me utilizar. —Golpeou-lhe nos braços, separando-se dele enquanto lhe gritava a acusação no rosto, os olhos cinzas alagados de lágrimas—. Quer perverter o que sinto por você, o que necessitei durante anos, e convertê-lo em alguma classe de maldito jogo de guerra.

—Quero-te até não poder respirar, maldita seja —lhe grunhiu—. Não respirei tranqüilamente desde que desenvolveu os peitos. Mas ele vai vir detrás de você outra vez. Mais cedo ou mais tarde, você sabe e eu sei. O que acontece se me agarra despreparado? Se ele te apanhar outra vez?

—Sou cuidadosa...

—Ontem pela manhã me aproximei sigilosamente —disse bruscamente—. Tem alguma idéia de quão fácil é transpassar o sistema de segurança de papai? Pensa que poderia lhe haver parado inclusive se essa janela tivesse estado fechada e bloqueada? —Viu a verdade em seus

olhos—. Esquece isso, Kelly. As outras garotas que violou não lhe puderam deter. Violou a uma delas enquanto seus pais dormiam só uns quartos mais à frente. Não pode te ocultar dele, e não pode correr.

—Pára de me gritar! —Empurrou-lhe freneticamente, as mãos apertadas contra seu estomago enquanto lhe golpeava para forçar distância entre eles.

—Não está me escutando —grunhiu

—E não te escutarei —gritou, as lágrimas caindo dos olhos, o rosto pálido, seus olhos rabiando de fúria e a sensação de traição que ele podia ver rasgando através dela—. Chama a isto amor? me tendendo uma armadilha? OH Deus, Rowdy, como pode me fazer isto?

Um soluço rompeu por seu corpo enquanto lhe olhava fixamente, os punhos apertados aos lados, as lágrimas molhando as bochechas e lhe rompendo o coração.

—Fazer o que, Kelly? —perguntou finalmente com cansaço, sacudindo a cabeça—. Quer segurança? Bem? vou dizer te quem e o que sou, e que te ponho em perigo com este bastardo de todos os modos se tiver ouvido sobre mim. Dawg, Natches e eu estivemos compartilhando a nossas mulheres desde que fomos o bastante maiores para entender para que serviam nossos pênis. Sabe isso como todos sabem. Me amar significa que tem que fazer travessuras. Te amar não quer dizer que é algo que tenha que ter. Mas estamos falando de mais que isso agora. Estamos falando de sua vida, e farei qualquer maldita coisa para evitar que esse bastardo te toque outra vez. Jamais, Kelly.

—E como sabe que não foi um deles? —lançou-lhe à cara—. Poderia ter sido qualquer deles. Tratou de me violar analmente, Rowdy. E vocês três são considerados os reis fodedores de traseiro, assim me diga como sabe que não foi um deles.

—Porque me conhecem —disse bruscamente—. E lhe viram mover esse pequeno traseiro diante de mim desde que foi adolescente. Confia em mim, neném, se fosse um deles, nunca teriam cometido o engano de acreditar que esse personagem de garota boa que projeta a todos os outros homens que estejam o bastante perto para te olhar. É uma boa garota para o mundo, mas você, neném, é marota até a medula quando vem para mim. Sei, e você sabe. Somente tem que aceitá-lo.

—Que lhe fodam! —chiou, enfurecida, o rosto ruborizado, os olhos brilhando agora com uma fúria que raramente tinha visto nela.

Ele sorriu. Um lento, zombador, malvado sorriso que somente abasteceu de combustível sua raiva enquanto seu olhar se deixava cair por seu corpo e logo voltava a subir.

—Mas carinho, não é disso do que estamos falando?

Antes de que ela pudesse fazer mais que ofegar ele a teve em seus braços outra vez, lhe cobrindo os lábios com os seus, deslizando a língua nas profundidades de sua boca para saborear a ira selvagem e a excitação que bombeavam por ela.

Ela não pensava. Não tinha medo. Sentiu as mãos dela agarrar-se a seus ombros, as pequenas unhas cravando sua carne enquanto sua mão se movia sob a camisa, a suas coxas.

—Maldita —grunhiu, levantando a cabeça para olhá-la fixamente a seus aturdidos e tempestuosos olhos enquanto embalava a quente carne entre suas coxas, o calor de sua própria carne queimando-a através dos jeans—. Arrumado que está molhada, Kelly. Tão fodidamente molhada que se filtra por suas calcinhas.

Apertou-a mas perto, sentindo que os quadris corcoveavam pela pressão contra seus clitoris.

—Sente-se bem?

—Odeio-te —disse bruscamente, sua respiração áspera enquanto um gemido baixo deixava sua garganta.

—Não, não o faz. —Girou a mão, olhando como seus olhos flamejavam, sentindo que o calor se intensificava contra sua palma—. Me ama, Kelly, justo como ama isto. E quer mais. Admite-o, neném.

Suas coxas se separaram ainda mais enquanto os dedos se curvavam, massageando a sensível carne através da roupa.

—Quero-te, não é um jogo —gritou, arqueando-se e ficando nas pontas dos pés, impotente contra ele.

Ele gostava de sua impotência contra seu toque, amava sentir o calor dela contra sua mão.

—E se o jogo vem com isto? —Olhou-a atentamente, os olhos estreitados—. Farei algo para te manter a salvo. E isto é o que leva. Não lhe deixarei nos apanhar despreparado. Não lhe permitirei te tocar outra vez.

Soltou-a lentamente, odiando deixá-la ir enquanto lhe olhava miseravelmente.

—Pensa nisso —sussurrou, mantendo sua voz apazível—. O ódio como o inferno, e ninguém deseja mais que eu ter podido te seduzir. Teria adorado te seduzir, neném. Mas sua segurança é mais importante.

—Minha segurança? —perguntou ela em tom zombador—. Ou seus desejos?

A ira estalou dentro dele.

—Conhece-me melhor que isso, Kelly. —Manteve sua mandíbula tensa, seu tom de voz baixo—. Nada importa tanto como te manter segura.

—Mas só em seus termos —indicou, furiosa, lhe fazendo deter-se—. Seus termos e suas regras. Bem, sabe o que Rowdy, suas regras fedem. Possivelmente precise decidir se jogar seu jogo vale o risco de meu coração e minha segurança.

Capítulo 7

Olhava enquanto o Nauti Buoy entrava em seu ancoradouro, cinquenta pés brilhando sob a lua do verão, as luzes davam à embarcação um suave e romântico aspecto. Quanto tinha sonhado tendo tal embarcação, um lugar que podia utilizar para ocultar-se, para levar a suas boas garotas e cumprir as promessas que lhes tinha feito.

Pensou que tinha eleito tão sabiamente. Suas garotas perfeitas, puras de coração e por natureza, e elas lhe amavam. Ele era seu amor, mas lhe tinha levado tanto encontrar a quão única queria todo o tempo. A boa garota perfeita. De natureza tão doce e pura, nunca suja ela mesma ou seu bom nome. Apesar de seu irmão.

Apertou os punhos ante o pensamento do irmão. Ele era depravado, pervertido e ia mancha-la. Rowdy Mackay ia envergonhar a Kelly e sabia. Tinha-os visto hoje, na loja, suas mãos sobre ela, seus olhos varrendo-a como se lhe pertencesse.

Rowdy Mackay não a possuía. Ela pertencia ao homem que a tinha amado, que a tinha respeitado. E ela ia amar lhe. Justo como as outras. Elas não tinham amado a ninguém mais. Vigiava-as às vezes, assegurando-se de que não permitiam que ninguém mais tocassem o que lhe pertencia. Às vezes as chamava, lhes recordando a quem estavam esperando. Tinham prometido lhe esperar até que encontrasse a seu verdadeiro amor.

Kelly podia ser seu amor verdadeiro. Pensava que o era. Até que Rowdy voltou para casa.

Os Meninos Travessos. Eram depravados. Pervertidos. Mas eles nunca haviam tonteado com boas garotas. Tinham deixado às perfeitas sozinhas, sempre preferindo às vagabundas, as pequenas putas dispostas a abrir as pernas não só para eles a não ser às vezes para os três de uma vez. Compartilhavam a suas mulheres todo o tempo, olhando e ouvindo seus chiados desagradáveis enquanto rogavam por mais.

Apertou os punhos, suas tripas enrolando-se com uma suspeita doente. Rowdy tinha levado a Kelly na casa flutuante. Nunca o tinha feito antes. No passado, sempre tinha estado com ela e com seus amigos, nunca sozinho.

Sacudiu-se com o temor de que o bastardo a tivesse manchado. Não podia permitir que acontecesse. Kelly era doce e pura, nunca tinha sido manchada pela semente de outro homem, pela posse de outro sobre ela.

Embora tinha gritado por ele quando a tocou. Não teve tempo de ouvi-la rogar pelo, ou por ouvir sua promessa de lhe permanecer fiel. Logo que tentou possuí-la, esse grande popular idiota que visitava a puta de sua noiva tinha começado a gritar fora da porta. Não podia ser apanhado. Sua doce Kelly não podia ser vista com um homem em sua cama. Arruinaria sua reputação e não estaria pura nunca mais. Sua reputação significava tudo.

O bastardo do Rowdy. Rowdy Mackay pensava que ele era perfeito, pensava que todas as garotas eram dele. Ia ferir a doce Kelly, sua irmã. Ela era sua irmã, era sua responsabilidade não tocá-la. As irmãs não deveriam ser tocadas, seu pai o tinha advertido.

Seus olhos se estreitaram enquanto Kelly descia do navio e saltava ao estreito dique flutuante. Estava zangada. Podia-o ver em seu rosto, no conjunto rígido de seu corpo sob as luzes brilhantes do mole.

Disse algo enquanto Rowdy fechava as portas, fazendo que o homem se esticasse, girando para ela lentamente. Não gostou do sorriso que Rowdy lhe deu. Era carnal. Sujo.

Olhou como se afastava do outro homem, sua roupa frouxa, recatada, ocultando o corpo que pertencia somente a ele. Quão perfeita era ela. Sua boa garota. Tinha que terminar sua reclamação sobre ela. Tinha que certificar-se de que lhe pertencia. Não ao Rowdy. Nunca ao Rowdy e a seus pervertidos amigos.

Os olhos lhe umedeceram ante o pensamento deles tocando-a, as lágrimas caíram por suas bochechas enquanto a dor rabiava dentro de sua alma. O que ia fazer? Doía tanto vê-la com ele, saber o que Rowdy lhe faria à preciosa garota. Sua boa, pequena e doce garota. Rabiava de angústia, Rowdy Mackay a destruiria. Tinha que afasta-la do Rowdy.

Olhou como Rowdy a acompanhava ao carro. Estava muito perto dela, embora estivesse zangada. Rowdy estava parado muito perto. Equilibrava-se sobre ela.

Ela desbloqueou a porta e a abriu, então Rowdy a tocou. Não a toques. Apertou os punhos, sorvendo miseravelmente, lutando contra as lágrimas que caíam de seus olhos. Rowdy não a deveria estar tocando.

Mas estava. O depravado bastardo lhe tocava o cabelo, a bochecha, sorrindo. A raiva irrompeu em sua cabeça, enchendo sua visão com uma neblina vermelha enquanto olhava outro movimento das sombras do dique. Dawg. O bastardo nem sequer era seu nome verdadeiro — utilizava o apodo do animal que era.

Kelly se sobressaltou enquanto o outro homem lhes chamava, cintilou ao Rowdy um olhar furioso, logo subiu ao carro. A porta do carro se fechou e em uns segundos saía do estacionamento. Retornava a casa. Mas não estaria indo sozinha. Rowdy iria também. Vivia na casa com ela. Seu dormitório estaria perto do dele, ele a poderia ouvir, cheirá-la, possivelmente tocá-la enquanto dormia.

OH Deus, não deixe que a toque, rezou. Não lhe permita sujar a boa garota. Ela era sua boa garota. E ela seria seu amor perfeito.

Kelly refreou forçosamente a ira que lhe pulsava no sangue enquanto desobstruía a porta principal e dava um passo adiante pela entrada do lar de sua mãe e de seu padrasto. Golpeou o código de segurança, dando as costas ao Rowdy enquanto ele entrava com ela e logo fechou e bloqueou a porta detrás deles.

—Já era hora de que vocês dois encontrassem o caminho a casa. —Ray deu um passo na entrada, seguindo-os de perto.

Kelly aspirou profundamente antes de girar-se a eles, pegando um sorriso em seu rosto enquanto se encontrava com seus olhares preocupados.

—Rowdy tem o hábito de fazer o amor no caminho de volta ao dique. —Manteve sua voz Lisa e tranqüila—. Sabem como é.

Eles não estavam convencidos.

—É uma mentirosa muito má, verdade? —Rowdy arrastou as palavras, seu barítono profundo ainda enviava tremores por sua espinha dorsal apesar da ira.

Jogou-lhe uma olhada. Os polegares estavam enganchados nos bolsos dos jeans, as largas pernas rígidas e direitas enquanto sorria com aberta diversão aos pais. Ela tomou um profundo fôlego.

—Vou à cama. —Sorriu tensamente—. Rowdy pode ser um idiota por ele mesmo. Não sinto a gosto tratando com isso.

Moveu-se pelas escadas, agarrando a balaustrada com a mão quando o telefone soou. Apertou os dentes enquanto se movia, desprendendo de um puxão o telefone antes de que Rowdy ou Ray o pudessem alcançar, lhes olhando fixamente, furiosamente enquanto o levava a orelha.

—Kelly, não. —A voz Rowdy foi um grunhido enfurecido.

—Olá. —Ela podia tratar com isso. Era hora de saber o que se estava dizendo, mais que ocultar-se. O que tinha impulsionado ao Rowdy tão determinado a utilizá-la para empurrar a esse bastardo?

—Você gostou, Kelly. Eu não te manchei. Ainda é preciosa, pura. É minha boa garota. —O vaio fez que seu estômago pesasse. Olhou fixamente ao peito do Rowdy, sentindo raiva, temor e um impulso puxador e repentino de cometer assassinato elevando-se dentro dela —. Não lhe deixe te tocar, minha boa garota. É seu irmão. Você é meu amor. Finalmente te encontrei, meu pequeno doce amor... É meu amor? —sussurrou ele.

A dor se retorceu dentro dela enquanto sentia o pênis golpeando em seu traseiro, seu corpo sustentando-a abaixo, o aroma de álcool e o látex das luvas que lhe cobriam as mãos lhe enchendo o nariz. Estava gritando, lutando, sentindo o começo da dolorosa penetração enquanto apartava a mordada dos lábios e gritava.

—É meu amor, Kelly. Não lhe deixe te tocar. Não lhe deixe sujar a minha boa garota...

—Que lhe fodam —pronunciou claramente, ouvindo seu grito, um gemido doloroso de louca raiva antes de pendurar de repente o telefone no suporte. Olhou fixamente a sua mãe, ao Ray e ao Rowdy—. Com que frequência chama? —Ela tinha evitado o telefone, sabendo que as chamadas vinham, pensando que parariam. Finalmente ele teria que ir-se.

Sua mãe agarrou a mão do Ray com ambas as mãos, seus olhos azul cinzentos cheios de temor.

—Frequentemente.

—Com que frequência? —Ela tinha estado ocultando-se, tratando de esquecer, tratando de superar os pesadelos que vinham para encarar o que tinha passado, o medo e a impotência.

—Pelo menos umas poucas ao dia —respondeu sua mãe por último.

—Maria. —O tom do Rowdy advertia.

—Douglas, deixa-a encará-lo —disse bruscamente—. Se queria continuar ocultando-se não perguntaria. É uma mulher madura, deixa-a tomar suas próprias decisões.

—Sim, Douglas. —Kelly permitiu que os lábios se curvassem em uma furiosa paródia de um sorriso, ridícula, desafiante—. te Cale!

Ele arqueou a sobrancelha lentamente.

—Chama pelo menos três ou quatro vezes, às vezes mais. —Os olhos de sua mãe eram compassivos, cheios de dor—. A secretária eletrônica em nosso dormitório as recolhe, ao igual que o identificador de chamadas. Sempre são feitas de telefones públicos, e nunca rastreáveis. Damos-lhe as fitas ao xerife uma vez à semana assim como uma lista dos números que aparecem no identificador, se aparecer. Às vezes o número não aparece absolutamente. O xerife tem a seus ajudantes as rastreando mas ainda não tiveram sorte.

—Sempre diz... —Tragou apertadamente—. O que fez?

—Kelly, maldita seja, é suficiente —grunhiu Rowdy—. O que importa o que ele diz?

Ela olhou fixamente a sua mãe. Maria assentiu lentamente, seu olhar enchendo-se de lágrimas enquanto Kelly sentia sua expressão retorcer-se com temor e dor.

—Vou à cama. —Não podia estar ali mais tempo, não podia suportar o conhecimento em seus rostos, a lembrança da vergonha e a dor que sua própria tolice havia lhe trazido.

Correu escada acima, temendo que Rowdy a seguisse, agradecida de que não o fizesse. Fechou a porta de seu dormitório, jogou o ferrolho antes de andar até a janela e fechar as pesadas cortinas de um puxão.

—Me rogue por isso —lhe ofegou na orelha, sujeitando-a—. É minha boa garota, Kelly. É minha, está bem me deixar entrar. Me deixe...

Ela sacudiu a cabeça, ofegando por ar enquanto empurrava os dedos pelo cabelo, lutando contra os soluços que queriam construir-se em sua garganta.

Por que não a podia deixar sozinha? Tinha deixado às outras garotas só a maior parte, chamando sozinho um par de vezes para burlar-se. Não as chamava diariamente. Não as atormentava. Não para recordar. Kelly tinha perguntado especificamente ao ajudante do xerife a cargo da investigação se as outras mulheres estavam sendo acoissadas. Por que a acoissava ele?

Mas ela tinha sido em essência, como Rowdy havia dito, quão única escapou. Tinha escapado da violação completa, sofrendo só alguns cortes feitos para debilitá-la, e um terror que ainda despertava com um grito nos lábios.

Não levava as roupas que estava acostumado a usar porque as marca ainda estavam ali. As calças curtas e os tops possivelmente revelariam as cicatrizes brancas quase imperceptíveis que ainda danificavam seus braços, ombros e pernas. A nudez revelaria as de suas nádegas. As fendas mais profundas tinham sido feitas ali enquanto a sujeitava, cortando suas calcinhas.

Sua mãe jurava que não eram perceptíveis. Mas para Kelly, eram.

Ainda recordava a sensação dessa faca cortando-a. Muito afiada, cortando a pele enquanto uma dor fria passava como um raio por seu sistema nervoso e a sensação do sangue quente enquanto começava a emanar das feridas. O médico lhe tinha assegurado que dentro de uns poucos anos se teriam ido inteiramente. Perguntou-se se as lembranças se desvaneceriam também.

Andou pelo quarto escuro até sentar na poltrona reclinável na parede distante, sob o abajur em pé que usava para ler. Desabando-se, apoiou os cotovelos nos joelhos e deixou cair a cabeça nas mãos. As Chamadas vinham com mais frequência que quando tinha perguntado a última vez. estava-se voltando mais perigoso, sabia. Pressentia-o. Não necessitava os argumentos do Rowdy de antes para compreender que ele estava centrado nela porque não tinha terminado com ela a noite em que tratou de violá-la. Estava convencendo-se a si mesmo de que a amava. Que lhe amava. Que ela queria de algum modo ser dele.

Sentiu um puxão no estômago ante o pensamento disso inclusive enquanto a ira começava a arder dentro dela. O temor era entristecedor às vezes, a lembrança da dor, e a certeza de que ia morrer, comiam-na viva. Até essa noite não tinha a certeza sobre o que queria. Conhecia o Rowdy, sabia de seus jogos de sexo, conhecia a criatura sexual e carnal que tinha chegado a ser. Tinha ouvido histórias de seu erotismo exuberante durante anos. E tinha visto como lhes olhavam as mulheres. A inveja, a fome furtiva e a luxúria vergonhosa que corriam por seus olhos sempre que os três homens estavam perto.

Não era como se não sonhasse sobre isso. Ficou em pé de um salto, andando pelo escuro quarto. Fantasiava sobre isso. Com o passar dos anos ela se despertou mais noites das que podia contar, suando, estirando-se por um toque, uma liberação que nunca vinha. Mas nesses sonhos, era sempre Rowdy sozinho. Eles não se refletiram em suas fantasias ou na excitação carnal que

sentia ante o pensamento dos jogos sexuais nos que sabia que Rowdy tomava parte com seus primos.

—Está-me voltando louca —murmurou enquanto caminhava de um lado do dormitório ao outro.

Como se o fato de que a estivesse voltando louca fora algo novo. Tinha estado fazendo-o desde por volta de quatro anos. Do primeiro dia em que o conheceu, do momento em que o Rowdy de quinze anos a tinha recolhido de onde o valentão a tinha empurrado ao chão, ela o tinha amado.

Seus olhos tinham sido solenes, intensos, sua voz aprazível enquanto comprovava seus joelhos esfolados. Logo lhe tinha dado tapinhas no ombro e deixado aos cuidados do Dawg e Natches enquanto ia detrás dos meninos que lhe tinham roubado os laços de seu comprido cabelo.

Naquela época sua mãe tinha economizado para comprar a Kelly os bonitos, femininos pequenos tesouros que amava tanto. Os pequenos livros de bolso, os bonitos sapatos, embora fossem de segunda mão, e os laços do cabelo.

Não tinha passado muito antes de que voltasse com seus laços na mão. Ele tinha tomado a pequena escova que ela tinha tirado da mochila e lhe tinha escovado o cabelo e posto os laços em seu lugar. Tinha estado torcidos, mas não lhe tinha importado porque Rowdy os tinha posto ali.

A partir daquele dia, pelo menos um dos meninos, geralmente todos, estavam no parque pelas tardes jogando basquete quando Kelly ia jogar. Enquanto sua mãe dava aula particular depois da escola, Kelly tinha sido vigiada. Dois anos depois, Ray e Maria se casaram mas Rowdy já tinha estabelecido o tom de como ela ia ser tratada. Ninguém feria a Kelly. Era singelo. E se qualquer se atrevia, pagavam, de uma maneira ou de outra.

Os passados oito anos tinham sido miseráveis com ele fora. Com visitas só ocasionais, as estranhas folhas que ele tinha escrito nunca foram suficientes para encher o vazio da ausência dele. E sempre tinha sonhado com ele. Obstinada ao pensamento dele. E quando maturou, apaixonou-se por ele.

E estava cansada de sonhar.

Sacudindo a cabeça, moveu-se ao vestidor. Desprendeu uma de suas largas batas sem mangas com as que dormia e se dirigiu à ducha. Uma ducha fria possivelmente, pensava enquanto ajustava a água. Se não tirava de sua cabeça a lembrança de seu beijo, sua excitação, voltaria-se louca.

Mas inclusive a água fria não a tranqüilizou a idéia que ele tinha plantado em sua cabeça antes. Estava furiosa de que ele jogasse esses jogos para atrair ao perseguidor, mas era o suficientemente pronta para dar-se conta de que não estava a salvo. Ele poderia golpear em qualquer momento, e um dia, poderia ter sorte.

Secou o cabelo, olhando fixamente as cicatrizes brancas magras nos ombros e na parte superior dos braços. Havia quatro em um, três no outro. Mostravam-se claramente na luz brilhante do quarto de banho, a bata azul escuro acentuava as marca.

Às vezes jurava que podia sentir as de suas nádegas.

Sacudiu a cabeça enquanto se afastava do espelho, movendo-se para o dormitório, estirando a mão para apagar a luz. Deteve-se no interruptor, estreitando os olhos ante a vista do que encontrou.

Rowdy também tomou banho obviamente. Vestido com um moletom cinza, estava apoiado contra os travesseiros, esperando-a, um cenho lhe enrugava seu bonito rosto.

—Essa expressão congelada em seu rosto, aterrorizará aos meninos pequenos nas ruas — lhe informou enquanto apagava a luz e andava pelo dormitório.

—Não te deixarei sozinha de noite, Kelly...

—As janelas estava fechada e também a porta — lhe informou enquanto ficava em pé a um lado da cama, os braços cruzados sobre os peitos.

—E entrei pela porta de todos os modos.

Ela inalou lentamente, deslizando seu olhar à porta escurecida enquanto Rowdy se estirava e acendia o abajur da mesinha a seu lado.

A fechadura estava na posição parada, ainda fechada.

—Como o fez? —voltou-se para ele, fingindo ignorar o fato de que fora deliciosamente atrativo enquanto jazia no edredom de flores de sua cama.

—É pão comido —grunhiu—. As fechaduras da janela não são muito mais difíceis de soltar. Até que possa trazer um empreiteiro aqui para acrescentar segurança, está pega a mim.

Sua expressão era determinada, teimosa. Era fácil dizer quando Rowdy se decidiu e se negava a trocá-lo. Sua expressão era completamente suave e os olhos verde mar se voltavam tão frios como os mares árticos.

—Bem. —Ela se encolheu de ombros—. Você dorme aqui e eu dormirei em sua cama. Nenhum problema. —moveu-se para a porta.

—Abre essa porta, Kelly, e sua mãe e meu pai serão arrastados a este pequeno desacordo que temos. É isso realmente o que deseja?

Maldição.

Parou-se a meio caminho da porta antes de voltar-se para ele.

—Que caminho tomariam? —Abriu muito os olhos, com uma zombadora inocência—. Agora eu me pergunto o que pensarão eles da pequena proposta que me fez mais cedo?

Ele inclinou a cabeça, os olhos brilhando com luxúria, com divertida fome.

—Batata provavelmente jogaria meu traseiro de casa —grunhiu afavelmente—. É isso o que deseja realmente?

Ela girou longe dele, retraindo o impulso de chutar seu rabo ela mesma. Tinha razão. Ray provavelmente lhe esfolaria se conhecesse alguma vez a proposta de seu filho.

Não era que ela não o tivesse esperado. O fazia. Tinha-o esperado. Como era isso? Ela tinha esperado realmente o dia em que Rowdy voltasse e fizesse a promessa que seu beijo tinha feito fazia quatro anos.

E tinha sabido que se o parava, a possibilidade de somente tal proposta viria. Tinha estado preparada para isso. Preparada para isso. O que não tinha esperado era a intenção a sangue frio que ele tinha de utilizá-la para agarrar a seu violador. Como se o ato já não tivesse nada que ver com eles. Como se o desejo, a necessidade e a fome fossem um meio para um fim e nada mais. Era

sem sentimentos, sem emoção. E que Deus a ajudasse, sempre que estava ao redor do Rowdy, ela não sentia nada mais que emoção.

Redemoinhos disso. Lava quente, relâmpago de sensações que se frisava sobre suas terminações nervosas, voltando inclusive para uma carícia contra a carne sensível.

E as emoções? Ah nem sequer queria ir ali. Exceto já estavam ali. Excitação, incerteza, temor ao desconhecido e temor de perder o sonho ante a realidade.

Ele estava pedindo que escolhesse. Ela tinha querido ser seduzida.

Girou-se outra vez a ele, tomando uma lenta, profunda respiração, levantando a cabeça enquanto olhava fixamente ao seguro, frio semblante que ele apresentava ante ela.

—Sai de meu dormitório. —Cruzou os braços sobre os seios, apertando os lábios enquanto lhe olhava—. Não sou um dos brinquedos dos Meninos Travessos. E não estou de humor para jogos. Nem os teus nem os de ninguém mais.

Olhou o brilho de surpresa em seus olhos justo um segundo. Pela primeira vez em todos os anos que o tinha conhecido, nunca o tinha pego surpreso, até agora.

Com uma ondulação de músculos, moveu-se na cama, seu olhar nunca deixando o dela enquanto se levantava, ficava em pé e andava ao redor da cama.

Estava excitado. A longitude grossa de sua ereção esticava as calças, atraía a seus olhos e dava água na boca. Tinha fantasiado sobre essa ereção. Sobre todas as coisas que uma mulher podia fazer com tal pedaço de carne.

Permitiu que os olhos se atrasassem na prova dessa excitação antes de levantá-los outra vez. Estava perto. Tão perto que podia cheirar seu aroma limpo e masculino. O sabão e o calor de um macho excitado.

Ficou quieta em pé enquanto ele andava a seu redor espreitando-a, os movimentos deliberados, depredadores. De repente, já não estava depravado, o pacientemente divertido Rowdy que sempre tinha conhecido. Ela podia sentir o propósito, a intenção masculina que emanava dele.

O fôlego lhe entupiu enquanto ele se detinha detrás dela, levantava a mão para permitir que os dedos lhe apartassem o cabelo sobre o ombro, para despir a concha de sua orelha.

—É minha. —Ela saltou ante sua resposta sussurrada—. E, neném, quero jogar. —Passou as mãos por seus braços, criando uma fricção de calor enquanto ela sentia os lábios nos ombros—. Adivinho que isso te faz minha companheiro de jogos, não meu brinquedo.

Os olhos dela se alargaram um segundo antes de que se soltasse de um puxão, voltando-se para ele furiosamente.

—Não acredito. —Deu-lhe um sorriso tenso e zangado. A estúpida confiança masculina, ela jogava fumaça.

Ele inclinou a cabeça, os princípios de um sorriso retorcendo-se nas comissuras dos lábios.

—Poderia-te convencer.

Sem dúvida.

Ela bufou como se não fora possível. Infelizmente, ele provavelmente a poderia convencer, mas ao custou de sua alma?

—Vamos, vai a sua própria cama, Rowdy. Não me faça fazer uma cena. Ray não o quereria. —Caminhou para a sua, apartando as mantas e movendo-se para o consolo do colchão, ignorando-o como se ele não importasse—. Boa noite.

Ele riu entre dentes, o som atravessando o quarto, o preguiçoso humor do animal sexual que ela sabia que era. Olhou-lhe, lutando por controlar a respiração, a excitação e a adrenalina que surgiam através dela.

—Trocaste —murmurou ele enquanto andava para o outro lado da cama, olhando-a fixamente, excitado, determinado.

—Não troquei absolutamente, Rowdy. —Atirou as mantas até a cintura enquanto se sentava contra os travesseiros—. Possivelmente nunca me conheceu realmente. —Levantou as sobrancelhas é sempre uma possibilidade.

—Desfrutou despertando comigo —acusou—. Não quer me jogar.

Isso era pão comido. Não, ela não queria jogá-lo. Queria curvar-se contra ele e dormir sem medo como tinha feito a noite anterior e despertar tão quente e protegida como o tinha feito essa manhã.

Levantou o queixo, negando-se a lhe responder, lutando por sustentar seu ardiloso olhar enquanto ele a olhava sob o véu de suas pestanas grosas e negras.

—Vá jogar com outra pessoa. —Possivelmente tivesse que matá-lo se o tentava—. Não estou interessada nos jogos.

—E pensa que isto é um jogo? —Lhe franziu o cenho, as mãos apoiadas nos poderosos quadris enquanto seus olhos começavam a ferver a fogo lento com irritação.

—Penso que é para você —lhe respondeu em tom pessimista—. E eu não sou um jogo. Não jogue comigo, Rowdy. Nem agora, nem nunca.

Capítulo 8

Rowdy se inclinou para frente, sustentando-se com os musculosos braços no colchão enquanto a olhava fixamente aos olhos. Kelly lutou contra a necessidade de afastar o olhar, para negar o efeito que tinha nela. Não havia escapatória. Hipnotizava-a, a fazia sentir-se faminta, a fazia necessitar.

—Não estou assustada de ti, Rowdy —tentou lhe sorrir burlonamente—. Não tente me intimidar.

—Se você não gostar dos jogos, então não jogue. —Sua voz era perigosamente suave, advertindo—. Se desejas algo de mim, então me diga o que desejas.

Os dentes se apertaram com ira.

—Bem —disse bruscamente—. Te quero fora de meu dormitório e fora de minha vista. Vai. —Fez um movimento para afugentá-lo com a mão, logo o olhou fixamente assombrada enquanto a mão se moveu rapidamente lhe capturando o pulso.

O coração lhe saltou na garganta quando ele atraiu os dedos a sua boca, esfregou-os contra a aspereza de veludo dos lábios antes de abri-los e lambe as pontas com um golpesinho sutil da língua.

Estava indefesa. O mudo golpe pela completa sensualidade de olhá-lo acariciando nada mais que as pontas dos dedos. Sentindo o calor de seus lábios, o calor de sua língua, o sensual beliscão de seus dentes.

Cada carícia enviava chamas de calor explodindo com sensual devastação através de seu corpo. Os mamilos estavam tão duros, os nervos ali tão sensibilizados que estavam enviando labaredas de resposta diretamente a sua matriz, convulsionando-a com um murro erótico de prazer. A sensação enviava umidade quente de sua vagina.

—Rowdy... —Ela se horrorizou do gemido em sua voz, de sua incapacidade de apartar-se dele.

Ele se aproximou mais. Ajoelhando-se na cama, ainda sustentando a mão, empurrou-a para ele até que esteve de joelhos ante ele.

Tirou-a do outro pulso, colocando as Palmas contra o peito antes de que suas mãos lhe acariciassem os braços, desceram pelas costas até os quadris. Ela tremia, estremecendo-se ante a ligeira carícia, podia ter sido mais firme, podia ter sido mais destrutiva. Em vez disso, era sutil. Suave. lhe dando a oportunidade de separar-se, sabendo que não podia. Que não o faria.

—É minha —sussurrou outra vez enquanto baixava a cabeça.

Ela olhou fixamente, lutando por respirar, lutando contra os desejos que rabiavam dentro dela. Estava indefesa contra seu toque, contra a fome que brilhava em seus olhos.

Assim como estava indefesa contra seu beijo.

Seus lábios cobriram os seus, lentamente ao princípio. Muito lentamente, muito lentamente. Acariciaram-nos, a língua saiu brevemente para umedecê-los um segundo antes de que os dentes agarrassem a curva inferior, beliscando-a enquanto a olhava.

Sua respiração se fez difícil enquanto sentia as mãos enrugando o material da bata nos quadris. Atraiu-o para cima lentamente pelos quadris, acariciando a carne, despindo-a com suas mãos.

—Tranqüila —sussurrou contra seus lábios—. Só sente, Kelly. Me sinta. Arde por mim...

Ela sentia o ar fresco acariciando as coxas, logo suas mãos contra a carne nua, calosas, quente enquanto os lábios se inclinavam sobre ela e lhe roubavam a mente com seu beijo.

Profundos, embriagadores beijos. O prazer rompeu por seu sistema, consumindo-a até o ponto de que o conhecimento de que estava sendo baixada, colocada baixo ele apenas se registrou em sua mente. Tudo o que conhecia era o prazer. A sensação de seu duro corpo sobre ela, suas mãos lhe acariciando as nuas coxas, os quadris, logo trabalhando nos diminutos botões do sutiã enquanto seus beijos a encantavam.

Afogava-se nele. O sabor dele. Seu toque. Os débeis sons masculinos de fome e prazer enquanto começava a lhe tocar. Precisava lhe tocar. Inundar-se em cada sensual sensação que pudesse consumir. Seu sistema nervoso se amotinava com os caóticos impulsos que a atravessavam. O ar a seu redor se esquentava, úmido com o desespero que infundia cada beijo, cada toque.

—Deus, é doce. —Seus lábios se apartaram, sua respiração pesada, difícil enquanto se movia para o pescoço dela.

Ela inclinou o pescoço, desejando ar enquanto sentia o rastelar de seus dentes pela coluna sensível, logo sentiu a rajada de ar fresco sobre os seios nus.

Enquanto ele levantava a cabeça, ela abriu os olhos, olhando fixamente com aturdida fascinação como o olhar dele caía a seus seios. Ele tinha separado as bordas desabotoadas de sua bata, mostrando os montículos de seus seios inchados e duramente excitados.

A expressão em seu rosto era de pura e carnal fome. Os olhos de pálpebras pesadas, os lábios úmidos e inchados de seus beijos, as maçãs do rosto avermelhados.

Como se estivesse suspenso entre o sonho e a realidade, lhe olhou baixar a cabeça, os olhos alargando-se, um gemido estrangulado que saía de seus lábios enquanto a língua lhe cobria um mamilo bicudo, excitado.

A reação se disparou por ela, dando um puxão a seu corpo enquanto suas mãos se apertaram em seu pescoço, arqueando-se. Isto era o céu. Era o êxtase. O maior prazer que tinha conhecido em sua vida.

A língua golpeou no duro ponto enquanto chupava a carne repleta de nervos em sua boca, atraindo-a profundamente, criando uma sensação de prazer-dor que teve um grito assustado lhe saindo dos lábios.

Os lábios dele cobriram imediatamente os seus, silenciando os excitados gritos enquanto seus dedos substituíam a boca. Beliscando as pontas tenras, fazendo-a retorcer-se em baixo dele enquanto lutava por aproximar-se, por acalmar a dor ardente entre as coxas.

—Shh. Tranqüila. —Seu gemido foi sussurrado contra os lábios, sua voz escura, desesperada—. Maldição, Kelly. Não te posso tomar aqui. Papai me matará.

—Eu te matarei se não o faz. —O peito se apertou contra os seios, raspou seus mamilos enquanto ela lutava por respirar—. Não pares, Rowdy, por favor.

A mão lhe desceu pela coxa, os dedos perto, tão perto de onde ela os necessitava. Olhou-lhe implorantemente, sentindo sua vagina ondular de necessidade, os músculos apertando no desespero.

—Se tomar, gritará —sussurro, os olhos obscurecendo-se, uma luxúria faminta enchendo sua expressão—. Quero ouvir cada grito que deixe seus lábios, Kelly. Cada chiado enquanto goza para mim ao redor. Não posso fazer isso aqui. Não podemos fazer isso aqui. Sabe.

Ela sacudiu a cabeça, um gemido débil escapando de seus lábios.

—Esperei muito tempo, Rowdy.

—Shh. —Seu beijo foi apazível e também muito curto enquanto movia devagar a bata sobre suas coxas e logo lhe cobria os seios uma vez mais—. Amanhã. Sairemos no navio —murmuro, lhe empurrando para atrás antes de mover-se lentamente a seu lado e empurrá-la a seus braços.

Ela colocou a cabeça contra seu peito, lutando para regular sua respiração, por liberar-se da espiral interminável de calor aonde ele a tinha atirado.

—Isso não foi justo —sussurrou ela enquanto ele levantava o lençol sobre eles—. Se supõe que está dormindo em sua própria cama.

Ela estava muito fraca para lhe fazer mover-se agora, muito desesperada por seu toque, qualquer toque, para forçá-lo fora de sua cama.

—Só dormir. —Seus braços se contraíram ao redor dela—. Estaria lutando contra as sombras se dormisse longe de ti, Kelly, me deixe te sustentar. Saber que está bem.

Ela pressionou os lábios contra seu peito.

—Não foi sua culpa, Rowdy —lhe disse brandamente, perguntando-se pelo bordo de remorso que ouvia em sua voz.

Ele estava silencioso, mas suas mãos ainda a acariciavam, acalmando agora, onde segundos antes tinham estado excitando.

—Só me deixe te sustentar —repetiu—. Dorme a meu lado, Kelly. Discutiremos o resto mas tarde.

—Quer que durma? —Suspirou, negando com a cabeça—. Rowdy, nunca vou dormir com sua ereção me cravando o ventre toda a noite.

—Seguro que pode —riu na orelha—. Precisa descansar, neném. Porque amanhã de noite, apostaria a que não vais conseguir dormir absolutamente.

Calou-se então, jazendo a seu lado, sentindo seus braços rodeá-la, protegendo-a. Deus, o que estava fazendo? Tinha vivido e respirado pelo dia em que Rowdy voltasse e a visse como mais que uma menina molesta. Que a visse como uma mulher, como sua mulher. E aqui estava ele, preparado para reclamá-la, e ela estava lutando contra isso, contra ele. Ou estava lutando contra si mesmo?

—Isto não é um jogo, Kelly. —Sua voz era suave, rodeando-a, fazendo que as pálpebras revoassem com prazer enquanto acariciava seus sentidos—. Sou mortalmente sério a respeito disto. A respeito de nós. Não brincava quando disse que foi minha. Voltei para casa para te reclamar, se isso for o que ainda desejava.

—Possivelmente não funciona assim, Rowdy. —Ou o fazia?—. Desejo-te até que não posso pensar, não posso respirar. Mas é diferente agora.

—Não sou mais diferente do que o fui jamais e sabe. —Sua voz se endureceu—. Você não gosta do fato de que estou disposto a fazer algo para te proteger. Desejas todo pacote com rosas e promessas doces. Posso-te dar isso, até um ponto. Mas não ignorarei o perigo. E tem que aceitar isso. Terá que tomar cuidado.

Não estava zangado, não estava tratando de convencê-la. Estava-lhe contando.

—Fala de me utilizar. A mim e o que seja que compartilhamos entre nós sexualmente, ostentando-o diante dele para provocá-lo. —Isso a aterrorizava mais de que queria admitir.

—É a maneira mais rápida de terminar isto.

—Possivelmente a maneira mais rápida não seja sempre a melhor. —Não sabia se queria dar este passo, se queria forçar a mão de um louco.

—Ou possivelmente pensa que pode ocultar o que for que esta relação traga. —Sua voz se endureceu—. Crê que isso é possível, Kelly? Se fizer a eleição de te inundar em tudo o que posso te dar, ou não, não há diferença. Todos acreditarão que o está. Ele acreditará que o está. Meu plano só o fará enlouquecer mais rápido, isso é tudo. Mas entretanto o jogaremos, você escolhe.

Não gostou da maneira fácil e prática em que ele disse isso. Ela podia sentir um "mas" aí dentro em algum lugar, somente tinha que encontrá-lo.

—Poderia ter tentado pelo menos ocultar essa parte de sua vida sexual ao mundo — suspirou finalmente com um bordo de irritação.

—Por que? —Ele soava verdadeiramente curioso agora—. Kelly, eu sou quem sou. Não oculto isso, de ninguém. Não o ostento. Não o anuncio. Outros o fazem. O que aconteça entre você e eu espero que permanecerá entre você e eu. Você não te anuncia, e não anunciará nossa relação. por que devemos prescindir de algo que possivelmente desfrutemos por causa do que outros suspeitam, ou pensam?

Odiava quando empurrava com a lógica seus argumentos contra ela. Sempre tinha feito isso.

—Porque estou assustada —sussurrou, afastando-se para sentar-se a um lado da cama.

Baixou a cabeça, olhando fixamente o tapete aos pés, tratando de reconciliar coisas dentro dela mesma que nunca tinha pensado que teria que encarar. Pensava que Rowdy a seduziria no que ele desejava dela, não tinha esperado ter que fazer a eleição. Não tinha esperado ter que arriscar não só sua própria vida, mas também o estar com ele.

—De mim?

—De mim mesma. Pelo que poderia acontecer. —Moveu os pés, passeando longe da cama enquanto se esfregava os braços ante o estremecimento que a percorreu—. Falas de empurrar a alguém que não está cordato. E ao mesmo instante... —Sacudiu a cabeça.

—Estou-te pedindo que tome uma decisão —terminou por ela—. Não a respeito de sua segurança a não ser a respeito de algo muito mais importante para você. Sua sexualidade.

—Ainda sou virgem. —Sua risada foi autoburlona—. Esperava algo um pouco mais romântico, Rowdy.

—E merecia algo muito mais romântico, Kelly. —Suspirou—. Mas apanhar a esse perseguidor é mais importante que o romance. E não jogarei jogos contigo. Desde o começo, não estaremos sozinhos. Se não acontecer para você com o Dawg e Natches, então temos que dar pelo menos a impressão disso. Não podemos permitir que este tipo nos agarre despreparados, não posso lhe permitir te ferir outra vez, porque Deus é minha testemunha, minha prudência não sobreviverá, Kelly.

—Deus! —passou-se os dedos pelo cabelo, girando, tratando de ignorar o fato de que não estava insultada, nem ofendida nem furiosa—. Não falas de um antigo trato, verdade? —Seguiu lhe dando as costas, mantendo sua expressão oculta.

—Não. Não o faço.

Os rumores tinham começado quando eram adolescentes. Três jovens, jovens deuses com um carisma e sexualidade que tinha sido a queda de um divorciado local. Tinha começado então, a uma idade que nenhum dos três homens revelaria. Muito jovem, reconheceu Rowdy. Mas

maldição, fazia calor esse verão, e não só pelo sol. Loren Barnes tinha sido uma tranqüila, matrona de escola rabugenta por fora, mas por dentro tinha sido mas quente que os foguetes de julho.

Tinha tomado a três meninos vírgens inseguros e, em uns poucos curtos meses, ensinou-lhes a ser bons homens antes do tempo. Todos juntos. De repente. Um corpo feminino suave, sua aprovação e gritos de prazer penetrando em suas mentes nubladas pela luxúria enquanto tomavam suas lições e a conduziam ao bordo da paixão com eles.

Ensinou-lhes como apaixonar, como excitar, como adular, como conduzir sutilmente a uma mulher louca e pô-la tão molhada que a essência escorregadia dela empaparia suas coxas. Tinha-lhes ensinado quanto mais agradar poderiam reunir juntos que sozinhos. E para os meninos Mackay, isso foi tudo o que foi.

As mulheres eram tesouros, presentes preciosos de excitação interminável, carne docemente aspirada e motivos misteriosos. Elas eram um desafio e um consolo, um bálsamo para a alma e uma aventura como nada mais que o homem tivesse criado jamais. Elas eram imensamente fortes, e mais imensamente vulneráveis. Rowdy, Dawg e Natches se deram conta anos antes que somente não poderiam dar o prazer que podiam juntos, mas também, que não poderiam proteger-se também.

Ironicamente, foi Kelly quem lhes ensinou essa lição. Sendo menina, manter-se ao ritmo com ela tinha sido virtualmente impossível para só um deles. Tomou aos três mantê-la segura, mantê-la feliz enquanto crescia. Vigando aos valentões que gostavam de escolhê-la porque era pobre, porque era tão bonita como um quadro e docemente apazível. E a queriam manter assim.

Também era impulsiva, desafiante e pronta como um látego. Não tinha havido nada sexual comprometido. Ela lhes divertia, eles fazia rir, e lhes desafiava a seguir seu ritmo com uma sede inocente pela vida e a aventura que atraía aos adolescentes. Depois de que sua mãe se casou com o Ray, ela foi então "família", também.

Quando cresceu, como eles cresceram, as coisas tinham trocado lentamente para todos. Quatro anos antes tinha chegado a um ponto crítico. Ela acaba de cumprir vinte, mais quente que os foguetes e tão tentadora como um pecado. Os três tinham estado um pouco muito bêbados, um pouco muito selvagens essa noite. E ela tinha estado ali.

—Decide, Rowdy. Se não pôr sua reclamação nela, um de nós o vai fazer. —Os olhos do Natches a tinham seguido enquanto ela ria e dançava sob o brilhantismo de uma lua cheia do verão durante a festa.

—Ela é ainda muito jovem. —Tinha negado a necessidade, assim como o desafio.

—Manter aos meninos locais longe de seu traseiro se está voltando mais difícil —tinha murmurado Dawg—. Estou cansado de me machucar os nódulos em seus grossos crânios. Decide. Se não pensa mantê-la, um de nós o fará.

Ele fez uma careta, terminou sua cerveja logo enrugou a lata.

—Ela é fodidamente muito jovem e os dois sabem —disse bruscamente—. Não está preparada para isso.

—Ela é suficiente maior para fazer a eleição —Natches tinha miserável as palavras—. Você volta com a Marinha e isso está bem. Mas se ela não está disposta a te esperar, então nós tampouco. Reclama-a, homem ou um de nós o fará.

Ela tinha sido como um fogo na meia-noite. Teve que fazê-la desejar lhe esperar. Teve que assegurar sua necessidade por ele. E tinha feito isso. Mas ao fazê-lo, tinha cimentado sua necessidade dela.

Enquanto a sustentava na escuridão da noite, o calor suave dela apertado contra seu peito, soube que seu protesto anterior era a chave de sua alma. O romance. Ela necessitava romance, merecia-o, mas Deus sabia que ele não tinha a menor ideia de como fazê-lo romântico. Podia lhe dar prazer. Suficiente prazer para deixá-la gritando no orgasmo, rogando por mais. Mas o coração da mulher necessitava mais. Uma lição que Loren lhes tinha ensinado, mas uma que tinham esquecido com o passar dos anos.

As mulheres que tinham atraído para eles não tinham sido umas que necessitassem o romance, nem o desejavam.

Pela primeira vez em sua vida Rowdy se sentia impotente. Eliminar a ameaça para ela era imprescindível. E não ia mentir lhe. Não a Kelly. Merecia mais que isso.

—Não está dormido. —Seu murmúrio foi tão suave como um fôlego.

—Nem você tampouco. —Suspirou, conhecendo sua mente como se tivesse estado correndo tão rapidamente como a sua.

Não haviam dito muito desde essa pergunta final. Ela tinha respirado profundamente, informou-lhe que ia dormir e logo se curvou em seus braços e apagou as luzes. Mas ela não se dormiu mais que ele.

—Por que o faz? —perguntou por último ela.

Ele não tinha que perguntar do que estava falando. Era uma pergunta que tinha esperado que não perguntasse. Mais tinha sabido que o faria.

Deslizou a mão do quadril ao estômago, sentindo que os músculos revoavam sob a palma.

—O prazer de um homem vem de sua mulher —sussurrou—. Porque aprendemos quanto melhor pode ser para uma mulher quando nenhuma parte de seu corpo é descuidada. Porque aprendemos sendo jovens quantos mais fácil é proteger o que é nosso quando trabalhamos juntos. Inferno Kelly, poderia-te dar mil razões e nenhuma teria realmente sentido. Porque é quem nós somos, o que somos.

—Terminará?

Tinha sabor de onde ia ela, o que perguntaria finalmente.

—Só se o deseja. Minhas necessidades não são mais importantes que as tuas. Não será todo o tempo. Não será um “ou isto ou o outro”.

Ela esteve silenciosa durante compridos momentos. Ele fechou os olhos, fazendo uma careta ante o conhecimento doloroso da lata de vermes que tinha aberto aqui.

—E quando eles encontrarem à mulher que desejem para si mesmos? Que então?

—Não é ou isto ou o outro —repetiu—. Não farei nada com o que não possa viver, Kelly. Jamais.

—Mas quererá. —Sua voz baixou ainda mais—. Se Dawg ou Natches encontram a uma mulher que desejem para si mesmos, então quererá ser uma parte disso, verdade, Rowdy?

—Não mais do que você sentiria falta de perder uma parte do que chegará a te acostumar se for algo do que desfrutará tanto como penso que o fará. —Não havia maneira de incitá-la, e Deus sabia que ele queria.

Sentiu-a estremecer-se contra ele.

—Tocaria a outra mulher?

—Eu nunca faria nada que nos arriscasse. —Isso não era aceitável—. Jamais, Kelly. Não neste tempo.

Quando olhou fixamente à escuridão, ele pensou em seu toque, seu beijo. Poderia tocar ele a outra mulher? Em qualquer tempo?

—Assim seria minha eleição?

—Seria sua eleição.

—Mas você ainda quereria. —Não era uma pergunta.

—Não sei. —Não lhe podia mentir a ela. Não lhe mentiria, embora estava aterrorizado de perdê-la.

Acariciou-lhe o abdômen enquanto a sustentava, enquanto o silêncio enchia o quarto uma vez mais.

—Isto possivelmente não funcione. —Sua voz tremeu com um conhecimento do que ela possivelmente estava olhando—. Não sei se posso fazer isso. Não sei se poderia dirigir sua necessidade de fazê-lo.

Ele suspirou pesadamente em seu cabelo, atraindo-a mais perto, sabendo que poderia estar arriscando ambos os corações com a fome que o atormentava. Era a razão pela que a tinha deixado quatro anos antes, a razão pela que não podia começar esta relação com nada menos que a verdade.

—Posso viver sem isso —lhe disse brandamente—. Não sei se poderia viver sem ti, Kelly. Não agora. Não depois dos anos que passei te necessitando. Darei-te tudo o que sou, tanto como o desejo. Isso é tudo o que posso fazer.

Ela girou para ele então, seus suaves olhos verdes obscurecidos na débil luz do quarto enquanto ele olhava fixamente seu rosto em sombras.

—A primeira vez...

Ele fechou os olhos.

—Como o deseja.

A vinculação vinha em tantas maneiras. Ele teria tido Dawg e Natches ali, mas não a empurraria. Não a podia empurrar. Não agora.

—Você os deseja ali.

Ele abriu os olhos de repente ante a suave declaração.

—Os desejo ali —afirmou, sabendo que sua segurança não pedia nada menos. Ignorou a atitude possessiva que rabiava dentro dele—. Kelly, desejo tudo para você, e sei que isso é difícil de compreender. A primeira vez, é especial para uma mulher. Começa uma vinculação com seu amante, uma que nunca morre realmente. É por isso pelo que nunca tomei a uma virgem, nunca enganei a uma mulher que não sabia a conta, até você.

Sentiu o tremor que a percorria, o pequeno tremor de temor, ou de resposta, não estava seguro.

—Desejas que eu tenha isso, com eles? —A incerteza em sua voz, o bordo ferido lhe rompeu o coração.

—Kelly, me escute. —Emoldurou o lado de seu rosto com a mão, o polegar lhe acariciando a bochecha—. Não farei uma maldita coisa que te ferirá ou te fará sentir incomoda. Neném, não será bom para mim, nem para o Dawg e Natches, se não for algo que você deseje contudo dentro de ti. Esta é sua eleição. A percepção disso.

—Mas você o deseja —disse ela violentamente.

—Não ponha desculpas. —Podia senti-lo dentro dela então, a necessidade de ter a eleição, de ser seduzida—. Não as porei e não te permitirei que você faça. Pensa sobre isso, Kelly. Decide o que desejas, o que necessita. Não sou um menino, e você me conheceu durante muito tempo para ser capaz de te enganar sobre mim. soubeste, quiseste adoçá-lo, fingindo que não era real, mas soube. Agora decide o que desejas, porque eu não tomarei essa decisão por você. Nem agora, nem nunca. Amo-te, neném, mas não posso te amar o suficiente para ambos.

Sentiu-a então, os dedos movendo-se contra seu peito, deixando um atalho de fogo em sua esteira enquanto lhe acariciavam o peito.

—Pode fazer algo sem seus primos? —perguntou ela—. Ou necessita sua ajuda todo o tempo, Rowdy?

Maldição. Seus dedos estavam no abdômen agora, suas unhas rastelando a carne, riscando a pele em cima do cinto do moletom.

Impulsiva. Desafiante. Uma aventura. Essa era Kelly.

Apanhou-lhe a mão com a sua, sustentando-a quieta contra ele, os olhos estreitando-se nela na escuridão.

—Em qualquer lugar exceto aqui —grunhiu—. Agora a dormir, menina. Estarei maldito se tiver a nossos pais nos ouvindo aqui nos espremendo os cérebros. Estou muito contente de manter minhas partes privadas intactas se for o mesmo para você.

Ela riu entre dentes, jogando ar ao redor, então o horror de todos os horrores, porque seu controle estava bordeando para o inexistente, esse traseiro pequeno e curvilíneo se meteu em seus quadris, almofadando a plenitude furiosa de seu pênis. Filho da puta.

—Boa noite, Rowdy. —Seu forte ronrono quase lhe teve gozando-se nas calças—. Possivelmente amanhã vejam o que pode fazer realmente sem seus primos ao redor para aprová-lo.

Um sorriso lhe curvou os lábios. OH, lhe mostraria todo o bom, de uma maneira que nunca poderia imaginar-se.

Kelly olhou fixamente à cama enquanto saía da ducha a manhã seguinte. Estava perfeitamente feita, o edredom florido alisado, os travesseiros amontoados ordenadamente na cabeceira. E sobre os pés do colchão estava a roupa que ela não tinha levado do ataque.

Os jeans de cintura baixa estavam remendados e desbotados, e sabia exatamente quão baixos eram. O cinto logo que alcançava os ossos do quadril, com o fechamento dianteiro afundando-se quase uma polegada.

A camisa branca de verão como colete se elevava sobre o umbigo, e revelaria o anel de ventre que brilhava em cima da camisa. A esmeralda verde brilhante cintilava e brilhava sob um raio de sol que entrava pela janela. Tinha eleito essa pedra em particular por causa de sua semelhança com os olhos do Rowdy.

Kelly respirou profundamente antes de girar a cabeça para olhar fixamente ao Rowdy onde estava sentado na poltrona reclinável. Inclinado para frente, seus braços descansavam nos joelhos, olhava-a em silêncio, a emoção formando redemoinhos em seu olhar. Compaixão, compreensão, determinação.

Ela deu um passo mais perto da cama, voltando-se para olhar fixamente a roupa. Tinha estado muito assustada para levá-la antes, aterrorizada de que sua forma de vestir havia de algum modo causado o ataque.

Ainda estava assustada, mas enquanto estava ali em pé, deu-se conta de que o terror que a tinha enchido freqüentemente antes de que Rowdy voltasse, agora não estava ali. Assim como ele a tinha protegido desses valentões anos antes, sabia que a protegeria agora.

esclareceu-se garganta antes de falar.

—Está seguro de que lhe pode apanhar? —Agarrou o anel do ventre, olhando-o fixo e atentamente.

—Estou seguro, Kelly. —Sua voz era escura, profunda, segura.

—Sabe quem é? —Conhecia o Rowdy e a seus primos. E sabia que Dawg e Natches tinham estado investigando o ataque desde que aconteceu.

—Ainda não. Mas saberemos. Não está o bastante cordato para ocultar-se muito tempo.

Poderia ser uma mulher outra vez, mais que uma menina ocultando-se? Kelly admitiu, somente em silêncio, que a mulher tinha estado protestando pela roupa larga e a falta da aventura há um ano. Estava para voltar, justo como o psicólogo lhe tinha advertido que estaria.

Assentiu lentamente.

—Preciso ir a cidade hoje. Ao balneário. —A cera íntima tinha sido adiada muito.

A tensão começou a crepitar no quarto. Sabia que ele saberia o que significava. Rowdy era um perito no corpo de uma mulher e em todos os variados procedimentos que elas usavam para tentar a um homem.

—Eu gostaria de te levar. —Sua voz era rouca—. Poderíamos recolher o jantar para mais tarde e sair ao lago.

Ela inalou pesadamente antes de assentir. Podia sentir em seus interior tremores com o conhecimento de que uma vez que a levasse ao lago, ela estaria em sua cama.

—Isso sonha bem —disse enquanto se girava para ele lentamente.

Ela deixou cair a toalha que a cobria, olhou os olhos ardentes dele, a seu rosto ruborizava e seu corpo atraiu sua imediata atenção enquanto se parava diante dele.

—É difícil pô-lo. —Tendeu-lhe o piercing—. Me ajudaria?

—Bom Deus! —Seu olhar se moveu para ela lentamente—. É a casa de papai, Kelly. Se lhe fodo aqui, matará-me.

—Não te pedi que me fode-se, Rowdy. —Manteve sua voz baixa, íntima enquanto se movia para ele—. Te pedi que me ponha o piercing. —Estendeu o braço, os dedos sustentando a pedra brilhante.

Adorava provocar ao Rowdy, sempre o tinha feito. O olhar em seus olhos a deixava ofegante, mostrava sua fome. Era a razão pela que sempre lhe tinha esperado, sempre tinha sabido que lhe pertencia. Durante anos, cada vez que a olhava, a comia com os olhos, consumia-a com uma fome neles. Justo como o fazia agora.

Sem falar, ele se adiantou, abrindo as pernas antes de lhe agarrar os quadris com a mão, empurrando-a para frente. A mão estava quente em sua carne, raspando contra ela, enviando raios de impulsos de prazer varrendo por suas terminações nervosas.

—Me dê o anel. —Sua expressão era pesada com intenção sensual enquanto tomava o anel de seus dedos.

Kelly estava em pé, silenciosa enquanto ele inseria o curvado metal no diminuto buraco antes de estalar a bola em seu lugar. Mas não se deteve de tocá-la ali. Colocou a esmeralda em forma de lágrima sobre a entrada do umbigo antes de que seus dedos roçassem o ventre.

Sua matriz se convulsionou sob seus dedos enquanto o prazer rompeu através dela. Mais abaixo, sentia as curvas da vagina umedecer-se ainda mais do que estavam enquanto a vagina pulsava com pesada necessidade.

—Olhe que bonito —sussurrou ele, os olhos centrados entre suas coxas enquanto os dedos dela se agarravam a seus ombros e os joelhos tremiam—. Estão molhada para mim, Kelly.

—Sempre estou molhada para você. Estive molhada durante anos, Rowdy —choramingou.

Deu-se conta do engano que tinha cometido ao provocá-lo. Ela estava muito faminta, necessitava-lhe muito para tentar o que sabia que não podia ter sob o teto do Ray.

Ela olhou fixamente para baixo ao Rowdy em uma neblina da necessidade enquanto ele se movia, aproximando a cabeça, pressionando os lábios em seu baixo ventre enquanto ela ofegava ante seu contato. As mãos de dedos largos lhe acariciaram dos quadris às coxas, apartando-os brandamente com o cotovelo antes de levantar a cabeça. Ele olhou fixamente as dobras avermelhadas de seu montículo. O polegar acariciou a tatuagem justa em cima da vagina. A águia em vôo, uma asa afundando-se na carne úmida.

—Quero te saborear, Kelly —gemeu, sua voz voltando-se mais áspera—. Quero te tomar, abrir essas bonitas pernas e lamber todo esse suave suco.

A debilidade a alagou, levando o fôlego, seus sentidos, e convertendo-os em uma dura dor só por isso.

—Está tão molhada. —Os dedos de uma mão se arrastaram pela coxa, logo se deslizaram lentamente, tão lentamente, mas com resultados destrutivos, pela densa umidade que havia entre as suaves dobras de carne.

—Rowdy —respirou, deslizando os dedos por seu cabelo enquanto a cabeça se afundava em seu ventre outra vez—. Por favor, me toque. Por favor.

Ela tinha esperado tanto, sonhado tão desesperadamente seu toque que agora que acontecia, temia que somente fosse outro sonho.

—Farei mais que te tocar, neném —sussurrou enquanto os lábios se moviam mais perto da dor que pulsava em seus clitoris—. vou tocar te, te saborear, vou fazer te gritar por mim, Kelly. Rogar por mais.

Bem. Ela poderia dirigir isso.

—Agora.

Ela sentia sua risadinha, o som áspero, encheu de fome quando seus dedos rodearam seus clitoris. Seus quadris se arquearam para frente enquanto um grito grave saía de seus lábios. A necessidade flamejava dentro dela com uma intensidade que apartou tudo de sua mente.

—Shhh, neném —gemeu ele, os dedos separando-a—. Recorda ao Ray.

Ray quem?

Sua respiração sussurrou sobre o úmido broto que pulsava, enviando seus sentidos a cambalear-se quando um golpe soou à porta. Kelly saltou no punho do Rowdy enquanto lhe sentia esticar-se sob seu cabo.

—Rowdy, dirijo-me fora. Preciso falar contigo antes de sair —chamou Ray através do grosso painel—. Sai aqui, menino, assim posso ir trabalhar.

Ela ouviu seus passos se retirando- enquanto os dedos do Rowdy se deslizavam lentamente da carne.

—Maldição —exalou ele, fazendo-a retroceder enquanto levantava a cabeça para olhá-la fixamente—. É perigosa, carinho.

—Não pares. —Kelly sacudiu a cabeça enquanto ele se levantava da cadeira, lhe acariciando as costas com as mãos, ainda sustentando-a.

—Levarei-te ao balneário —murmuro—. E mais tarde, mostrarei-te quanto adoro ter sua doce vagina nua para mim. Vista-se, neném, para que possamos escapar um momento.

Os lábios sussurraram sobre os seus, ignorando sua súplica silenciosa por mais enquanto ela separava os lábios.

—Vista-se —lhe disse outra vez, retrocedendo—. Deixa de me voltar louco, neném. Vamos sair daqui.

Bem, os dois podiam jogar a este jogo, Kelly estava segura. Estreitou os olhos enquanto olhava ao Rowdy passear pelo dormitório, seu corpo tenso com a tensão e o vulto em suas calças tão aparente que tinha tirado as abas de sua camisa branca de algodão para cobri-lo. Estava segura de que não havia maneira de que Ray não fora dar-se conta do problema de seu filho.

Riu disimuladamente ante o pensamento do duro do Rowdy retorcendo-se sob o olhar de seu pai. Ray era um bom tipo, mas sabia como era. Não tinha desejado que esta relação se desenvolvesse entre ela e Rowdy, nem tampouco sua mãe, embora não estava segura de por que.

Ela sempre tinha querido ao Rowdy, e apesar do matrimônio do Ray e sua mãe, nunca tinha entendido as razões para sua desaprovação.

Vinte minutos mais tarde, vestida e sentindo-se mais feminina e menos atemorizada com o que se passou em meses, Kelly desprendeu o telefone e chamou o balneário. Marla Reiner, sua técnica predileta, estava disponível e ansiosa de ver Kelly voltar para suas visitas regulares. Com uma pequena manobra, Marla conseguiu incluí-la no horário e desconectou a chamada com um alegre adeus.

Respirando profundamente, Kelly colocou a mão no estômago para tranquilizar às mariposas que corriam por seu sistema antes de mover-se à porta do dormitório e dirigir-se abaixo.

Em uma fresta de sua mente estava o conhecimento de que nada seria jamais o mesmo depois deste dia. Uma vez Rowdy a tivesse, sabia o que aconteceria. As perguntas ainda a alagavam, enquanto sofria uma instintiva moléstia em relação à idéia de que Rowdy não pudesse querer tocar jamais a outra mulher, não importava a relação que se desenvolvia entre ela e seus primos.

Deus, era tão estranho ter esse pensamento em sua mente. Sempre tinha estado longínquo, um conhecimento do que poderia acontecer se ela entrava alguma vez na cama do Rowdy. Não haveria só um homem, a não ser três agradando-a. Agora que poderia ser realidade, encontrava-se curiosa e vacilante. Excitada e assustada. Mas Kelly sabia que não estava disposta a retroceder. Possivelmente fosse diferente, possivelmente não o fosse.

Durante anos tinham abundado os rumores sobre os primos Mackay. As mulheres cochichavam seus nomes agradando peralta ao pensar neles.

Seus amigas lhe tinham informado brincando que estava louca por não meter-se na cama do Dawg ou do Natches enquanto Rowdy estava no serviço.

Poderia fazê-lo. Mas profundamente tinha sabor de quem pertencia seu coração para fazer a diferença. Sozinhos, Dawg e Natches não tinham atração para ela. Mas com o Rowdy...

Ela deu um passo à cozinha, enquanto ele girava para encará-la, os olhos verdes profundos passando, e famintos.

Pertencia ao Rowdy.

Deus, ela era magnífica. Rowdy não podia manter os olhos longe dela enquanto conduzia o caminhão pelo Somerset, escutando sua voz suave apanhando-o com intrigas locais.

Johnny Flowers intercambiava mulheres com seu pior inimigo, Buck Layne. Crista Jansen retornou a casa e se mudou a casa de seus pais fora do povo. Ninguém sabia por que tinha voltado para o povo depois de tantos anos longe, mas todos rumoreavam a respeito disso. Rowdy apostava a que Dawg estava interessado nisso. Tinha estado quente como o inferno pela Crista antes de que ela fugisse à universidade oito anos antes.

Uma das velhas amigas do Rowdy agora possuía o café que ele, Dawg e Natches tinham freqüentado antes de que Rowdy se fora, e para a maioria, todas as coisas que tinham trocado,

tudo estava bastante igual. Era uma das coisas que Rowdy adorava sobre sua casa. Era familiar, íntimo.

O lago Cumberland era um lugar de mistério e beleza, e os pequenos povos que o rodeava estavam cheios de amigos e família e lembranças que o tinham mantido através dos últimos oito anos no serviço.

E lembranças da Kelly.

Olhou-a outra vez, a luz que refletia na esmeralda em seu bonito ventre atraiu seu olhar outra vez. Ele ficou mais duro. Maldição, estava morrendo por ela, seu pênis pulsava como uma dor de dente em seu jeans e a boca só juntava água pelo sabor dela.

Entrou nos limites da cidade, navegando o tráfico do verão enquanto o popular balneário onde as mulheres do povo pareciam congregar-se.

—Aqui está. —meteu-se em um espaço vazio diante da entrada e se girou para ela—. programei meu número em seu celular, me chame antes de sair. Reunirei-me com o Natches e Dawg em um café rua acima, assim não estarei longe.

Esses lábios beijáveis se curvaram em uma lenta, e prometedor sorriso enquanto se inclinava perto.

—Arrumado a que posso andar pela rua por mim mesma, Rowdy —sussurrou burlonamente, enviando uma sacudida de temor através de sua alma.

—Não! —Não tinha querido que sua voz soasse tão dura, mas o ligeiro estremecimento e a faísca de temor e aborrecimento que encheu seus olhos lhe assegurou que tinha sido muito mais duro do que tinha pretendido.

Rowdy tomou um rápido e forte fôlego antes de passar os dedos pelo cabelo, a frustração lhe comendo vivo.

—Sinto muito, neném —grunhiu, sua voz ainda mais áspera do que queria—. Não me assuste assim. Me dê um momento, vale? —Deu-lhe um rápido e consolador sorriso—. Me deixe te proteger, Kelly.

Ela se sentou contra a porta agora, seus olhos cinzas tranquilos, sua expressão fechada até que jogou uma olhada fora e baixou a cabeça.

—Entendo, Rowdy —suspirou finalmente—. Mas estou cansada de me ocultar. —girou-se para ele, com o cenho franzido—. Estou cansada de o permitir ganhar.

E lhe estava rompendo o coração e aterrorizando-o. Conhecia Kelly. Era impulsiva, teimosa, e uma vez que se decidia, raramente trocava.

—Kelly, me prometa que me chamará antes de sair. —estirou-se para ela, lhe passando os dedos pela bochecha, sentindo o pequeno tremor de resposta que correu por ela—. Não lute comigo por isso, por favor. Ele é um louco...

—Eu não estou louca. —Apartou-lhe a mão e lhe fulminou com o olhar—. Te chamarei, Rowdy. Mas não acredito que vá tentar nada em pleno dia. Seria muito arriscado.

—Ponto tomado. —Assentiu—. Mas não podemos estar seguros, tampouco. Até que saibamos com que tratamos, vamos ser cuidadosos.

—Isso o diz o homem que quer cravar ao louco lhe deixando acreditar que vou tomar aos primos Mackay todos de uma vez —recordou—. Acredito que andar pela rua é malditamente mas seguro.

—Exatamente pelo que não deve passear pela rua só —indicou brandamente—. Ele sabe que te tenho agora, Kelly. O qual significa que Dawg e Natches não estão longe de seus olhos, a partir de agora em diante, não lhe podemos subestimar. Não daremos nada por sentado.

Rowdy aprisionou a violência que se elevava dentro dele. Quando olhou a seu rosto vulnerável, vendo a necessidade de viver nos olhos, o desespero crescente que espreitava justo além das profundas sombras cinzas, quis matar. Sabia que se as arrumava alguma vez para agarrar ao bastardo que ousou tocá-la, então o mataria. Não deixaria nada para a justiça que o condenasse.

—Bem. Chamarei-te antes de sair —disse bruscamente com uma faísca de aborrecimento pela que não podia culpá-la—. Mas não te acostume a me recolher se não te importar. Tenho outras poucas coisas que queria fazer enquanto estou no povo.

Ela se estirou para agarrar o bracelete da porta. Igualmente rápido Rowdy a agarrou pelo braço, fazendo-a girar-se para ele. A mão se moveu, os dedos se enredaram em seu cabelo enquanto lhe jogava a cabeça atrás e capturava seus lábios rapidamente com os seus.

O calor do verão, lhe relampejou e o doce sabor da paixão de uma mulher se encontraram com sua fome, esticando seu intestino com luxúria. Não podia esperar para tê-la debaixo dele. Nesse momento, nada importava exceto conseguir passar o resto do dia até que pudesse leva-la à casa flutuante e à cama grande que os aguardava ali.

Forçou-se a soltá-la segundos mais tarde, olhando fixamente a seus rasgos aturdidos com uma satisfação tão intensa que fez que sua bolas se apertassem.

—Isso não foi justo. —Ela sorriu a pesar do castigo, as bochechas ruborizadas com o calor e sua respiração ofegante.

—Seguro que foi —sussurrou ele, jogando-a atrás, apesar da necessidade de envolvê-la em seus braços e escapar com ela. Queria ocultá-la. Para certificar-se de que ninguém pudesse tocá-la jamais outra vez—. Preciso te tocar, neném. Sempre é justo, considerando quanto esperei para fazê-lo.

Ela bufou ante isso antes de passar os dedos pelo cabelo e lhe mostrar um olhar contrariado.

—Ninguém te fez esperar.

Saiu do caminho antes de que ele pudesse detê-la, lhe lançando um sorriso alegre antes de cruzar a calçada e entrar no balneário.

Rowdy exalou bruscamente. Ela ia ser sua morte, não havia outro caminho. Com sua inocência brilhante, tentadores olhos e corpo docemente arredondado, sabia que era capaz de lhe fazer amaldiçoar tão freqüentemente como suspirava de necessidade.

Deu à cabeça um puxão rápido antes de sair do estacionamento e conduzir rua abaixo até o café onde havia dito ao Dawg e Natches que se encontrassem com ele.

O Reginald's Café estava modelado de novo, o interior fresco e dando a bem-vinda enquanto entrava. Dawg e Natches esperavam em uma das mesas de trás, com uns fumegantes cafés diante.

—Já era hora de que chegasse, primo —grunho Dawg enquanto ele se deslizava na cadeira em frente dele—. Pensava que íamos ter que ir lá e resgatar a Kelly nós mesmos de suas garras.

Natches riu entre dentes enquanto Rowdy se recostava em sua cadeira e olhava a seu primo curiosamente. Dawg tinha trocado com o passar dos anos, mais que qualquer deles, pensava Rowdy às vezes. Era mais escuro, apesar da jovialidade, mais calado do que estava acostumado a ser.

Rowdy não sabia o que tinha acontecido durante os anos que passou na Marinha, mas tinha afetado a sua primo. Natches era tão preguiçoso como sempre, seu sorriso tranqüilo, seus olhos atentos. É obvio, nenhum estava tão depravado, tão despreocupado como estavam acostumados a ser.

Havia uma escuridão neles que sempre tinha espreitado justo sob a superfície. Uma diferença que os separava dos outros homens, que os fazia parecer mais selvagens, mais perigosos. E de algum jeito eram mais perigosos. Tinham-no demonstrado exteriormente.

—O que acontece? —Rowdy poderia dizer que ali passava mais que um mau humor geral.

Dawg se inclinou para frente, estreitando os olhos.

—Teve companhia fora ontem à noite. —A voz do Dawg era baixa—. Nesse pequeno montículo em cima da casa que dá ao quarto de Kelly. Comprovei-o esta manhã antes de me dirigir aqui. Deve ter estado ali toda a noite. A grama estava funda onde se sentou, com marcas de garra no lado onde o bastardo cravou os dedos no chão. Está de saco cheio.

E não tinham nem a menor ideia de quem era.Maldição.

—Aonde vamos daqui, Rowdy? —Natches lhe olhava com uma faísca de entusiasmo nos olhos que Rowdy sabia era devido mais ao pensamento de uma boa briga que à oportunidade de tocar a Kelly.

—A vou levar de volta ao navio esta noite —respondeu—. Nos dirigiremos à enseada. Deveríamos permanecer toda a noite. Veremos como confronta o que quer conseguir. Jantaremos no navio. Deixemos que o bastardo pense que nos estamos passando isso bem. Depois de anoitecer os dois podem deslizar-se a terra firme e eu entrarei mais na água. Veremos que acontece.

Dawg e Natches assentiram com tom pessimista. Estavam esperando, atentos, seus corpos agora em alarme máximo. Ninguém teria advertido a mudança.

Eles se detiveram enquanto a garçonete se movia para eles, seus passos lentos, a cabeça para baixo, as ondas de brunidos cachos castanhos atados em uma rabo-de-cavalo baixo, os bonitos rasgos clássicos rígidos e tensos.

Rowdy levantou a cabeça para a mulher. Crista Jensen manteve a cabeça cuidadosamente baixa enquanto preenchia as taças de café antes girar para ir-se.

—Não me perguntaste se queria algo para comer, Crista. —Dawg surpreendeu a todos com sua voz zombadora—. Não te advertiu Jenny que nos cuidasse bem?

—Te cale, Dawg —murmurou Natches, sua voz baixa era facilmente audível.

Rowdy olhou como Crista tirava a caderneta de pedidos do bolso traseiro de seu jeans, um lápis de detrás da orelha e olhava ao Dawg com uma faísca de ira. Dawg a olhava fixamente, espectador.

—O que gostaria de comer, Dawg? —Suas palavras foram chiadas, sua voz áspera.

—Né. Nada neste momento, mas te assegure de comprová-lo em uns poucos minutos. —O sorriso do Dawg foi todo dentes, um grunhido depredador se Rowdy tivesse visto jamais um.

—Assegurarei-me de fazê-lo. —O sorriso da Crista não foi menos antagonista enquanto devolvia o caderno de pedidos ao bolso, recolhia a cafeteira e partia a pernadas.

No minuto em que se girou, os olhos do Dawg se estreitaram e um brilho de aborrecimento ardeu nas profundidades enquanto ficava em pé, pinçou no bolso e deixou uns poucos dólares na mesa.

—Verei-lhes no porto —disse bruscamente antes de sair a pernadas do café.

Rowdy olhou perplexo antes de girar-se ao Natches.

—Que infernos foi isso?

—Dawg quente —Natches riu pelo baixo—. Ela não fará conta.

Rowdy olhou à mulher em questão e refreou seu sorriso quando advertiu seu olhar, centrada diretamente no Dawg enquanto saía furioso do café. Triste, fatigada, sua expressão marcada com a indecisão. Sim, o fazia caso, possivelmente mais do que o tontão merecia.

Agora era um interessante estudo.

Capítulo 10

Saber o que Rowdy tinha planejado, e vê-lo realmente pondo em prática foram duas coisas diferentes. Kelly se encontrou com que olhar aos homens convergir em um projeto era quase aterrador.

Os Meninos Travessos não eram conhecidos por jogar agradavelmente, de maneira nenhuma. Mas vendo os homens duros, frios estudar as bordas enquanto manobravam na enseada larga e deserta, recordou-lhe que tinham sido guerreiros durante anos. Marinheiros que tinham sobrevivido a uma larga e sangrenta guerra. Os homens se reuniram no salão. Dawg se parou nas portas de vidros que levavam a coberta, enquanto Natches olhava à traseira e Rowdy seguia comprovando a borda do lado do rio.

Seus olhos estavam estreitados, os corpos tensos e preparados, e tudo o que Kelly podia fazer era preocupar-se. E tentar deter as mariposas que lhe subiam do estômago.

—Estas muito calada, neném. —A voz do Rowdy era suave, cheia de profundidades ocultas enquanto olhava aonde estava sentada no sofá, lhe olhando fixamente.

—Não parece que haja muito que dizer —respondeu silenciosamente, vendo as sombras que encheram seus olhos.

Desejava que não fosse tão bonito, tão masculino. E desejava que seus primos não a atraísse quase tanto como o Rowdy. Era uma das coisas contra as que tinha lutado do ataque. Seu violador a tinha chamado uma boa garota, mas ela sabia que não o era, não realmente, e isso a assustava. Nenhuma mulher havia capturado jamais um dos corações dos primos Mackay. O que a fazia pensar que ela poderia? O que a fazia acreditar que poderia sustentar os três?

—Disse-lhe isso, Kelly, quando acontecer, será sozinho você e eu.

Sim, tinha-o feito. De caminho ao porto esportivo, sua voz tranqüila e pulsando com luxúria, mas tinha ouvido o tinir de pena também. Como se estivesse quebrado em suas necessidades, em seus desejos.

Foi consciente do Dawg escutando, de costas a eles, seu corpo tenso.

—Os Meninos Travessos se atreveriam a jogar separadamente? —Ela arqueou a sobrancelha com o comentário—. Isso não é o que ouvi, Rowdy.

Dawg bufou, Rowdy sacudiu a cabeça, os olhos verdes arreganhando.

—Sua língua se afiou com o passar dos anos, carinho —grunhiu—. Sou um homem faminto neste momento. Não é agradável tentar a homens famintos.

Ela se assentou no rincão do sofá, levantando as pernas às almofadas e as estirando ao lado. O olhar Rowdy seguiu o movimento com uma faísca de interesse.

—Minha língua sempre foi afiada, somente que não estiveste o bastante ao redor para te dar conta. —encolheu-se de ombros—. Dawg e Natches deveriam te haver advertido disso. Não foi isso parte de sua descrição do posto?

Saber que a tinham estado vigiando e espantando a potenciais amantes não tinha encaixado bem. Era uma coisa condenadamente boa que não o tivesse sabido antes de que Rowdy voltasse para casa.

—O trabalho foi o bastante duro como foi, ranheta. —Dawg girou a cabeça, lhe dirigindo um cenho simulado sobre o ombro—. Não tinha sentido fazê-lo mais complicado.

Rowdy riu entre dentes enquanto Kelly olhava ao Dawg maliciosamente. Ele piscou os olhos com uma baixada lenta e sensual olhada. E ela sabia que o movimento não deveria havê-la afetado, infelizmente, sempre o fazia. Dawg era um coquete natural.

—Faz-o soar como se fora difícil de vigiar. —O beicinho fingido estava pondo ao Rowdy—. E eu aqui que pensava que estava sendo uma... —As palavras se desvaneceram enquanto apanhava o que estava a ponto de dizer.

Pensava que tinha sido uma boa garota. Levanto-se de um puxão do sofá, ignorando o protesto suave do Rowdy enquanto saía a pernas do camarote da casa flutuante à plataforma traseira.

Por um momento, não esteve segura de que pudesse manter seu jantar no estômago enquanto o temor dava inclinações bruscas por ela. Um suor frio lhe cobriu a pele e se sentiu nua, exposta com o breve traje de banho que Rowdy a tinha convencido de levar.

Ignorando ao Natches, moveu-se ao corrimão, olhando fixamente para baixo a água que batia no casco e tragou apertadamente. Tinha sido uma boa garota. Tinha esperado ao Rowdy, sabendo instintivamente que lhe pertencia. Podia ter momentos de insegurança em sustentar seu coração, mas sempre tinha sabido que lhe amava. Sempre tinha sabido que ele seria o primeiro. E tinha esperado isso. Não porque fora uma boa garota, mas sim porque sabia que nenhum outro homem poderia jamais tranqüilizar a ferocidade que tinha estado crescendo dentro dela durante sua adolescência.

Agarrou o corrimão, forçando atrás seus temores enquanto recordava o som de seus próprios chiados ressonando pela cabeça.

—Ele ganhou.

O som da voz do Natches a teve respirando pesadamente enquanto sacudia a cabeça.

—Arrumado que se sente como que deveria ter levado roupas. Que estava nua, em exibição —continuou.

—Não, Natches. —Lutou contra os temores que a enrolavam—. Por favor.

—Tem a pele arrepiada, Kelly?

Estava-o. A sensação dele detrás dela, sabendo que podia ver sua pele nua, que queria tocá-la, foi aterradora de repente.

Era Natches. Era quase uma extensão do Rowdy, um protetor, um amigo.

—Não desejo isto —cochichou ela—. Não quero estar assustada porque estou a ponto de dizer a coisa equivocada. Não quero esquecer cada sonho que tive jamais, nem perder ao homem que amei sempre porque não posso controlar os pesadelos.

Logo que era consciente das lágrimas.

—Nunca perderá ao Rowdy, Kelly —falou detrás dela, o bastante longe para que ela não saltasse fora de sua própria pele, mas o bastante perto para que pudesse lhe ouvir claramente—. Te esperou durante oito anos. Não te desfará dele facilmente.

Sua respiração se fez difícil.

—Se não acontecer esta noite, Kelly, então esperará até que esteja preparada. —Sua voz era calmante, aprazível.

Kelly girou para ele, olhando fixamente sua expressão compassiva, ignorando a chama de fúria que ardia detrás da simpatia nos olhos.

—E você e Dawg?

Os lábios tironearam em um sorriso torcido enquanto seus pálidos olhos verdes pareceram obscurecer-se com um olhar faminto.

—Pertence ao Rowdy, Kelly, e viceversa. Se isso for o que quer, então Rowdy nos fará saber isso. Até então, nada trocou conosco. Não somos diferentes do que sempre fomos para você, e nossos sentimentos por você não trocaram.

Seu olhar piscou sobre ela rapidamente e Kelly recordou que ele a tinha cuidadoso da mesma maneira durante anos. Com uma tintura de excitante luxúria que nunca se permitiu liberar. Dawg sempre tinha feito a mesma coisa, sabendo que chegaria o dia em que Rowdy a reclamaria e possivelmente eles também.

Ela olhou à porta enquanto Rowdy de repente a enchia, seus olhos verdes brilhantes enquanto repassavam seu corpo. Deteve-se nas coxas, centrando seu olhar na matéria negra das calcinhas do biquíni que levava antes de levantá-la à malha que se estirava sobre os seios.

—Nunca te confundi com uma boa garota —murmurou, sua voz profunda, áspera—. Foi minha garota, Kelly. Sempre.

Sua garota. O fôlego lhe entupiu na garganta enquanto lhe olhava fixamente. Não sua boa garota, sua garota má ou sua garota travessa. Somente dele.

—Arrumado a que fantasiaste sobre isso. —A voz do Rowdy enviou ondas de calor por sua matriz antes de que golpeassem em seus clitoris, em seus mamilos.

Tinha fantasiado com isso. Com o Rowdy sustentando-a, cochichando na orelha, olhando... Mordeu seu gemido ante o pensamento dessas fantasias.

—Volta para dentro, Kelly. —Sua voz foi um grunhido áspero agora, sua expressão pesada com a luxúria enquanto seus olhos se obscureciam de um profundo esmeralda.

Olhou fixamente a mão estendida antes de que o olhar piscasse ao Natches. Estava atento, tenso, mas que famintos, seus olhos tinham calidez e desejo.

—Estou assustada, Rowdy —sussurrou.

—Só vamos entrar e pilotar o navio até a enseada, neném. Vamos relaxar- nos, nada pesado, nenhuma decisão que tomar, prometo-o.

Manteve a mão estendida para ela, larga, forte. Kelly se estirou, colocando os dedos contra a palma, sentindo o calor e força ali enquanto os dele os cobriam. Logo a empurrou contra ele, contra seu corpo, a mão levando a sua até que o braço se curvou detrás das costas e a esteve arqueada contra ele. A longitude de seu pênis apertou contra o ventre, uma cunha grossa de calor e dureza que lhe deixou os joelhos tremendo.

—Só me deixe te tocar, Kelly. Somente eu. Isso é tudo. —Baixou a cabeça até que os lábios acariciaram a concha da orelha, enviando tremores por sua espinha dorsal.

Ele a seduzia. Levantou a mão livre aos bíceps, sustentando-o apertado enquanto seus lábios viajavam pelo pescoço, acariciando a carne sensível, enviando faíscas de intensa necessidade deslizando-se por cada terminação nervosa.

Ele levantou a cabeça, um sorriso sensual lhe curvava os lábios enquanto a atraía de volta ao camarote, retendo seu cabo na mão enquanto voltava para leme.

Dawg se apartou, voltando para seu posto nas portas do balcão enquanto Kelly vislumbrava a estreita abertura da enseada da frente.

Eles pertenciam a noite, sabia. Ela sabia isso. O primeiro passo para atrair fora a um louco. Kelly permitiu que Rowdy a empurrasse diante dele, entre ele e o leme. O fôlego lhe entupiu quando ele colocou a mão em seu nu estômago, justo sobre as mariposas que golpeavam violentamente dentro.

Ele estava detrás dela, pego a ela, sua ereção descansando na parte mais estreita de suas costas, coberta tão somente pelo magro material de suas calças curtas.

—Pensa que sabe onde vamos? —Logo que podia forçar as palavras pelos lábios.

—Estuda a suas vítimas —suspirou Rowdy—. Saberá de mim, do Dawg e Natches. Se nos seguir, pelo menos será consciente de onde está.

—Quão perto esteve me vigiando? —Sabia que Ray e sua mãe a tinham estado protegendo, lhe dando tempo de curar, de reenfocar sua vida. Agora começava a suspeitar que tinha cometido um engano ao permiti-lo.

Os planos do Rowdy se dirigiam a alguém que estaria olhando, esperando. O qual significava que seu violador a tinha estado vigiando mais aproximadamente do que se imaginou jamais.

—Ocuparemos disso, Kelly.

Sentia seu queixo descansando levemente em sua cabeça enquanto a sustentava perto.

—Como de perto? —repetiu.

Suspirou contra ela.

—Suspeitamos que esteve ocultando-se no montículo em frente de seu quarto. Esteve definitivamente ali ontem à noite.

—OH Deus! —O cochicho horrorizado se arrastou do peito enquanto sentia a força abandonar momentaneamente suas pernas.

—Kelly, agarraremos-lo. —Seu braço se apertou nela—. Lhe prometo isso, neném, ocuparemos-nos disto. Cuidaremos-lhe. Juro-o.

—Deveria ter escutado —sussurrou ela—. Todos me advertiram a respeito da janela. Deveria ter escutado.

—Não o teria detido, Kelly. Não ajudou às outras mulheres que violou. Mulheres sozinhas, que fizeram tudo bem. Ainda chegou a elas. Isto não é sua culpa.

Sabia, em sua cabeça. Seus temores e sua vergonha lhe diziam outra coisa.

Não. Não. Não. Agachou-se no precipício sobre a enseada, oculto pelos pinheiros e o mato que o rodeava, balançando-se daqui para lá sobre seus saltos enquanto lutava contra a dor dentro do peito.

Estavam todos ali. Os três estavam ali com ela. As lágrimas correram por seu rosto enquanto olhava ao Dawg e Natches Mackay baixar os pesos da âncora a cada lado do navio antes de voltar para a cabine.

As cortinas se fecharam. Grosas e pesadas que não mostrariam muito mais que uma sombra uma vez que a noite caísse. Não haveria maneira de saber quanto lhes permitia Kelly a esses bastardos para desvalorizá-la.

Sorveu-se o nariz, reprimendo os soluços e permitindo que a raiva se construísse dentro dele, ardente. Tinha pensado que ela era uma boa garota. Um anjo puro, doce que merecia sua gentileza e seu amor.

Era uma puta. Como as outras putas que tinham permitido que os primos Mackay as tocassem no passado. Não havia nada inocente nela. Nada bom. Nada puro.

Mas ela era seu único amor verdadeiro.

E lhe estava rompendo o coração. Negou-se a manchá-la, tinha-lhe dado o coração, e esta era sua devolução.

Tinha-a apreciado muitíssimo. Tinha-lhe mostrado seu cuidado, seu respeito e consideração.

Não mais.

Um pequeno soluço escapou enquanto se dava conta do que tinha que ser feito. Tinha-lhe roubado o coração. A única maneira de desfazer do tortura, era desfazer-se de Kelly. Teria que morrer, mas primeiro... Primeiro lhe mostraria como eram tratadas as garotas más.

Ela estava nervosa, assustada. Rowdy não era ignorante de como olhava cautelosamente ao Dawg e Natches. Partes iguais de curiosidade e temor rabiavam em seus olhos, lhe assegurando que sua necessidade de tomá-la só esta primeira vez não era inapropriado. Desconcertava-o que a necessidade não rabiasse dentro dele. Por muito que recordasse nunca tinha tido problema em compartilhar uma mulher com o Dawg e Natches.

Mas quanto mais pensava na inocência da Kelly e no fato de que ela tinha guardado não só seu corpo, a não ser o coração para ele também, causava-lhe que algo se apertasse no peito. Uma emoção que não podia denominar, uma fome, um desejo que não podia definir.

Mas Kelly sempre tinha atraído tais emoções dentro dele. Podia lhe girar o coração quando ninguém mais podia, e lhe tirar os instintos protetores que não pensava que possuía.

Quando se sentaram a olhar um dos últimos DVD de ação-aventura, sentiu-a mover-se contra seu flanco, aproximando-se dele, seu corpo quase nu metendo-se mas perto do dele.

Nem Natches nem Dawg a olhavam. Tinham brincado pela tarde, bebido umas poucas cervejas e pareciam tão encantados com o filme como qualquer homem deveria estar. Mas a tensão subia. A tensão de Kelly, não a deles.

Apertou o braço ao redor dela, atraindo-a mais perto de seu peito e sentindo o calor elevando-se dela. A mão dela se esmagou em seu abdômen musculoso, os dedos curvando-se na carne enquanto ele olhava fixamente para baixo com a cabeça inclinada.

Estava duro, dolorido, seu pênis pulsava sob as calças curtas com furiosa demanda.

Oito anos a tinha esperado. Tinha suprimido a necessidade de tocá-la, de saboreá-la, até quatro anos antes e então se refreou até não mais que a mais ligeira carícia. Tinha tentado fugir de sua fome por ela, tinha tratado de esquecê-la. E tinha ameaçado ao Dawg e Natches com a morte se permitiam que outro homem a tocasse.

Mas outro homem a havia tocado. Tinha tomado uma parte dela, tinha a enchido de medo, de insegurança.

O fôlego lhe entupiu com um vaio enquanto sentia sua mão lhe acariciando os músculos apertados do abdômen. Os dedos inquisitivos correram pela banda dos shorts, enviando sinais imperiosas a seu pênis excessivamente apertada.

—Te vais meter em problemas — sussurrou contra seu cabelo enquanto a cabeça de seu pênis começava a pulsar em demanda. Se não aliviava a constrição contra seu membro, os dentes da cremalheira eram uma ameaça definitiva.

—Sou travessa, recorda? — Girou a cabeça, os lábios pressionando contra seu esterno enquanto ele levantava a mão, enredando os dedos no cabelo.

—Não brinque, Kelly — grunhiu—. Cavalgo em um bordo muito fino neste momento.

Lhe lambeu. Filho da puta, quase saltou fora de sua pele enquanto sentia o lento lamento de sua pequena língua quente.

—Seriamente? Estranho, podia dizer a mesma coisa a respeito de mim mesma. Esperei-te muito tempo, Rowdy.

Não era ignorante do Dawg e Natches escutando atentamente, ou a preparação cuidadosa de seus corpos. Estavam tão excitados como ele, tão famintos.

Ela levantou a cabeça, seu esbelto e ágil corpo movendo-se, elevando-se enquanto ele olhava, encantado. Ficou em pé diante dele antes de sentar-se escarranchado elegantemente sobre suas coxas e baixar-se em seu regaço.

—Filho da puta! —A cabeça caiu ao sofá, as mãos a agarraram pelos quadris enquanto a atraía contra a longitude atormentada de seu pênis.

Sua vagina estava quente, o calor ardia através de seu escasso traje de banho assim como através do puído material de seu jeans recortados.

—Não estamos sozinhos, neném. —Inclinou a cabeça enquanto seus lábios se moviam por seu pescoço. Cada toque lhe recordava sua inexperiência, seu atrevimento.

Ela sabia que Dawg e Natches podiam ouvir cada movimento, cada suspiro apaixonado.

—Sonhei contigo —sussurrou na orelha um momento depois, o fôlego suave enviava prazer pela carne—. Enquanto estava fora, sonhei te tocando, te beijar, todas as coisas que sabia que desfrutava. Que sabia que desfrutaria. —A admissão vacilante lhe fez esticar seu corpo ainda mais.

Sentiu o tremor que a agitava, a insinuação de temor e de excitação. O suave peso de seu corpo contra o seu o enlouquecia. A necessidade de atirá-la atrás no sofá e devorá-la-o fazia suar. A sensação dela escarranchada em seu regaço, as mãos movendo-se sobre seu peito, os lábios em seu pescoço eram muito.

Ela tinha iniciado o contato, tinha sabido que Dawg e Natches estavam no quarto. Deveria deixá-lo nisso, pensou. Deveria seduzi-la, como sabia que queria ser seduzida. Mas a sedução e os atos em que queria vê-la implicada não foram agarrados da mão. Rowdy conhecia a inocência de Kelly, conhecia os demônios que agüentava e se jurou que não se acrescentaria a eles.

Se esta era sua eleição, então ela o encararia. E o encararia desde o começo.

Capítulo 11

Kelly sentia a cabeça dar voltas enquanto o prazer a alagava com a força de um sensual enjoo. Podia sentir as mãos do Rowdy vagando por suas costas, suas nádegas, lhe dando uma sensação de calor e prazer entristecedor mais que dor ou medo.

Uma mão subiu por sua espinha dorsal, embreando-se em seu cabelo e antes de que pudesse adivinhar sua intenção lhe jogou a cabeça atrás enquanto girava levantando-a, empurrando-a ao sofá.

Antes de que pudesse fazer mais que ofegar, roubou-lhe o fôlego com um beijo. Separou os lábios baixo os dele, encontrando a língua com a sua em um duelo de delicioso êxtase. Não podia evitar curvar os dedos em seus largos ombros, sentindo os músculos flexionar-se sob seu toque, juntar-se com o poder enquanto ele enterrava seu pequeno corpo sob o seu muito maior.

Não havia medo aqui. Não havia nem sequer o pensamento do medo. Somente havia o toque do Rowdy, seus lábios cobrindo os seus, uma mão enredada em seu cabelo, a outra movendo-se inexoravelmente até a redonda curva de um peito.

Lutou por respirar, segura de que havia bastante oxigênio no ar antes de seu beijo. E se tivesse separado para respirar, mas era tão bom, tão quente, tão cheio de líquido, carnal delícia que não podia apartar-se dele. Mas podia lhe tocar. Deus, como tinha sonhado lhe tocando durante anos, lhe sentindo contra ela, possuindo-a.

—Rowdy... —Seu grito foi instintivo enquanto ele apartava os lábios, seus olhos abertos para olhar fixamente sua expressão com uma aturdida fascinação enquanto ele pressionava sua tensa ereção coberta pelos jeans entre suas coxas.

—Está segura. —Sua voz era gutural—. Olhe ao redor, Kelly. Está segura do que está fazendo. Não há volta atrás. Nunca.

Um escuro poder erótico enchia sua expressão. Seus brilhantes olhos verdes estavam escuros como o musgo, seu rosto ruborizada, os lábios pesados com àvara fome.

—Me beije, Rowdy. —Não queria pensar em como poderia ou seria. Queria sentir os sonhos que tinha conhecido durante tanto tempo. Rowdy tomando-a, seus primos lhe dando prazer.

—Não —grunhiu, sua voz rouca, as mãos sujeitando-a pelos pulsos enquanto as mãos dela se moviam ao fechamento de suas calças—. Olhe ao redor, Kelly. Olha-os. Os deixe saber que são bem-vindos ou que se vão. É simples. Sua eleição.

Uma faísca de aborrecimento, de orgulho egoísta se elevou dentro dela ante a demanda.

—Entretanto você o deseja...

—Não, maldição. —apartou-se antes de que ela pudesse fazer mais que ofegar, dando pernadas através do quarto antes de voltar para ela.

—Rowdy, homem, deixa-o ir —murmurou Dawg com advertência enquanto Kelly se incorporava no sofá.

—Você faz a eleição —grunhiu ele, os olhos atormentados com a necessidade, com a demanda—. Não o farei por você.

Kelly subiu a empurrões ao sofá, seu corpo ardendo, seu rosto flamejando com ira e desconcerto, e com uma demanda instintiva de negá-los a todos.

—Tudo ou nada? —disse bruscamente em resposta.

—Sabe melhor que isso, Kelly. —Ele cortou a mão pelo ar com fúria frustrada—. Não jogue.

—Assim tenho que dizer as palavras pelo contrário? —gritou-lhe, desafiando-o, encarando-o com a mesma determinação e irritação que ele usava consigo mesmo.

—As palavras funcionam. —Cruzou seus braços sobre o peito enquanto Dawg e Natches estavam ajeitados em suas cadeiras e o olhavam, cada um com cenhos escuros, desaprovadores.

—OH, arrumado a que o fariam. —apartou-se o cabelo do rosto antes de apoiar as mãos nos quadris—. Deveria lhes pedir que todos me fodam, Rowdy? Por que não o descubro agora e vocês podem tomar turnos comigo. Inferno, se, façamo-lo malditamente fácil para você, verdade, idiota—grunhiu em resposta—. Dessa maneira não terá que te sentir como merda mais tarde porque deixou que outro homem tomasse o que era teu?

Os lábios dele retrocederam dos dentes em uma careta zangada.

—Pensa por um fodido minuto que eles se atreveriam a tomar sua virgindade? —perguntou-lhe com escura intenção—. Se não me tivesse importado, neném, não seria virgem agora.

—Dava quem? —discutiu agressivamente—. Crê realmente que tudo o que faz falta é o toque de um Menino Travesso para girar a manivela de qualquer mulher? —Ondeu a mão em tom zombador—. Seu ego está mais inchado que seu pênis, Rowdy.

Palavra equivocada. Os três homens pareceram esticar-se, erguer-se ante a palavra explícita que deixou os lábios.

—Sim, somente lhes olha —disse bruscamente—. Como meninos pequenos esperando um presente. Bem, isso fodamos. Encontrem algum lugar para o presente, porque maldita seja se ainda estou de humor.

Caminhou a pernas através do quarto, determinada a alcançar a escada em curva que levava a dormitório superior e à paz. Passou ao Rowdy com um pequeno vaio desdenhoso, tão chateada e frustrada com seu macho, com a atitude de velho que lhe poderia ter chutado.

—OH, não, não o fará.

Não tinha esperado que a alcançasse. Mas inclusive se o tivesse feito, não tivesse esperado que a levantasse tão rapidamente em seus braços antes de que os lábios baixassem de repente sobre os seus.

Não foi um beijo romântico. Não foi suave e profundo, ou profundo e apaixonado. Foi uma faminta petição, uma intenção carnal. Roubava a resistência e a substituía com pura necessidade chamejante e nada menos.

Antes de que pudesse protestar, antes de que processasse inclusive a informação, encontrou seu traseiro apoiado no balcão, as coxas abertas e ao Rowdy devorando-a.

Estava perdida nele, indefesa em seus braços como de costume e amando-o. Os dedos se abriram em seu cabelo enquanto as lábios se moviam sobre os seus, a língua um vagueador inquieto que conquistava à sua com facilidade desmesurada.

E suas mãos não estavam quietas tampouco. Em segundos, a parte de acima do biquíni que levava foi tiragem a um lado, as pontas duras dos seios pressionavam na fina capa de pêlo que cobria seu largo peito.

Moveu-se contra ele, as unhas afundando-se na cabeleira enquanto as sensíveis, duras pontas ardiam de prazer.

Kelly gemeu ante a perda enquanto os lábios se separavam dos seus, movendo-se para o pescoço e sua cabeça caindo para trás, a chicotada de sensações agitando-a contra ele enquanto sua Palmas largas enquadravam os montículos tenros quando a jogou para atrás.

—Tão bonito. —Os lábios estavam inchados, os olhos pesados e intensos enquanto enfocavam as curvas inchadas—. Têm os mamilos mais bonitos, Kelly. Tão rosas como algodão açucarado. São tão doces?

O olhar dela caiu aos seios. Os mamilos rosa se estiravam para ele, duros como diamantes e desesperados por seu toque. Nenhum outro homem a havia tocado ali. Ninguém exceto Rowdy. doía-se por ele, necessitava-lhe, pertencia-lhe.

—Não pararei aqui —cochichou, seu olhar levantando a dela—. Uma vez que me sacie com esses bonitos mamilos, irei mais abaixo, Kelly. Vou tirar essa maldita calcinha e te abrirei essas bonitas pernas. Logo vou lambar cada doce gota de suco de entre suas coxas. Está preparada para isso?

—Deus, Rowdy, sonhei com isso. —Tinha estado em sua cama solitária enquanto a fome a mantinha acordada noite detrás noite.

Um grunhido primitivo saiu da garganta dele enquanto baixava a cabeça, a língua golpeava um mamilo tenro antes de envolvê-lo em sua boca quente.

Os lábios se fecharam sobre o pico, chupando-o em sua boca enquanto a língua se curvava ao redor. Kelly deu um puxão violento, o prazer tão forte, tão ardente que não pôde fazer nada mais que gritar em resposta. As mãos duras do Rowdy a sustentaram no lugar enquanto seus lábios a devoravam, enviando seus sentidos cambalear-se, disparando seu pulso enquanto a sensualidade se envolvia a seu redor.

Ouviu um gemido masculino, mas não esteve segura de quem.

—Só olharão —sussurrou enquanto levantava a cabeça—. Me olharão comer cada polegada deste perfeito corpo teu esta vez. É tudo. Sem pressões, Kelly.

Arqueou-se para ele. Não queria ouvir nada disso, não queria analisá-lo. Queria sentir. Queria cada sensação rasgando por ela, queria que o prazer nunca terminasse.

E ele tomou a oferenda. Os lábios se fecharam no bico oposto, atraindo-o a sua boca e pondo-o em chamas enquanto rodeava o outro com o polegar e índice. Logo, os dedos apertaram.

—Rowdy... —A exclamação surpreendida ressonou ao redor dela enquanto uma lança chamejante de sensação rompeu por ela. Não bastante dor. Quase, mas uma classe ardente de dor que fazia o prazer mais quente, mais doce.

—Deus, Kelly... —O gemido áspero foi sussurrado entre seus seios enquanto movia a cabeça. Estava lutando por respirar, os dedos trabalhando em seu mamilo, fazendo-a estremecer-se com cada puxão na ponta ansiosa. Ela podia sentir a fome ardendo fora de controle agora, a necessidade que rasgava através dela, dura, brilhante, e mais quente que uma chama viva. E necessitava mais. Muito mais.

Kelly podia sentir ao Dawg e Natches olhando enquanto ela ardia nos braços do Rowdy. Os lábios e as mãos não estavam quietas, acariciando-a, enchendo seus sentidos com o sabor escuro da paixão e a picante necessidade que crescia dentro dela.

Estava desesperada por ele. As pernas se envolveram ao redor dos quadris enquanto pressionava seu montículo mas forte contra a longitude dura como uma pedra de seu pênis. Seus clitoris inchado chiava pelo alívio ainda quando seus mamilos atormentados rogavam por mais.

—Vêm aqui, neném. —A voz Rowdy foi um grunhido áspero enquanto a levantava do balcão, curvando as mãos sob seu traseiro para sustentá-la no lugar contra a longitude tensa de sua ereção—. Não vou tomar te neste balcão.

Não lhe importava onde tomasse, sempre que o fizesse.

—Necessito-te. —Um chorado grito saiu sussurrado de seus lábios enquanto seus braços lhe rodeavam os ombros, os lábios movendo-se contra os fortes tendões de seu pescoço—. Não me faça esperar outra vez, Rowdy. Não posso esperar mais.

—Já não, neném. Isso. —Sentia-o subindo os degraus curvos que levavam a piso de acima e o dormitório grande. Não tinha a menor ideia de se Dawg e Natches lhes seguiam. Não lhe importava se estavam ou não. Nada importava exceto o toque do Rowdy. Exceto tocar ao Rowdy.

Enquanto a baixava à larga cama que dominava o centro do quarto, Kelly se retorceu, apertando-se contra os largos ombros até que ele baixou a seu lado, estirando-a sob seu olhar.

Maldita delicadeza. Ela não era experiente, ele sabia e ela sabia. Mas ela estava se desesperada por lhe tocar, lhe saborear. Sem pensar subiu a seu lado, uma mão agarrando-o pelo ombro, a outra lhe acariciando o peito duro enquanto sua cabeça baixava aos planos mamilos masculinos que atraíam sua atenção.

Se a boca dele nos seus podia debilitá-la, ela poderia lhe fazer o mesmo?

—Merda! Kelly. Neném...

Possivelmente podia.

As mãos dele se enterraram no cabelo, seu corpo deu um puxão contra enquanto lhe beliscava os pequenos discos antes de molhá-los com sua língua.

Gemidos duros, grunhidos saíram de seu peito enquanto a mão baixava até a banda de suas calças, os dedos romperam o fechamento antes de que lhe apartasse os dedos para soltar o mesmo o material.

Kelly se contentou saboreando-o. Ambos os mamilos, lambendo e beliscando-os com prazer crescente antes de começar a mover-se mais abaixo.

—Deus. Kelly. —Rowdy se esticou ainda mais enquanto sua língua lambia ao redor do umbigo antes de dirigir-se à longitude de dura carne ainda coberta por suas calças cortadas.

—Preciso te tocar, Rowdy —sussurrou—. Me permita te tocar.

Apartou a malha, logo olhou enquanto ele agarrava o material do cinto nas mãos e o soltava com fácil graça.

E ali estava. Duro, grosso, seu pênis se elevava pelo abdômen, pulsando com vida enquanto uma pequena conta de sêmen se reunia na ponta. Kelly se lambeu, imaginando o sabor. Seria como seu beijo? Ou como a carne?

Inclinou-se, estirando a língua para golpear sobre a cabeça avultada enquanto o provava. um pouco salgado, descarado, selvagem, como Rowdy. E desejava mais.

Um gemido retumbou da garganta dele enquanto os dedos dela se arrastavam sob a crista da longitude de sua ereção, explorando curiosamente cada mudança das veias avultadas até que alcançou a bolsa coberta de áspero pêlo.

—Tranqüila, neném. —Uma mão se apertou no cabelo enquanto a outra lhe embalava a bochecha agora—. Baixa lento e tranqüilamente. Tome nessa bonita boca.

A mão se separou da bochecha enquanto os lábios se abriam. Agarrou a base do caule duro, levantando-o até que a cabeça pressionou contra as curvas úmidas. Kelly choramingou ante o calor e a dureza antes de que seus lábios se abrissem, estirando-se para rodeá-lo, para tomá-lo em sua boca enquanto sua língua golpeava sobre toda a extensão de pele que podia alcançar.

—Deus sim! —Os quadris corcovearam contra sua boca, conduzindo seu pênis mais profundo enquanto ela tratava de lamber cada nova extensão de carne.

Estirou os lábios, encheu-se a boca com o sabor sexual intenso, um malvado e intoxicante sabor masculino que inflamava seus sentidos. Sentia seus dedos enredando-se no cabelo enquanto começava a chupar lentamente a crista engordada.

—OH sim, neném —cantarolou—. Sua boca é como seda líquida.

O som rouco de sua voz era áspero, erótico.

—Isso, neném —a animou enquanto ela seguia a liderança das mãos no cabelo, os lábios subindo, logo baixando, enchendo a boca com tanta ereção como fora possível enquanto amamentava a carne crescente, a língua golpeando sobre ela.

Ele tomou uma mão e agarrou a sua, envolvendo os dedos sobre o caule duro, o suficientemente alto para evitar aprofundar muito na boca antes de devolver os dedos ao cabelo. Examinou as mechas antes de enredar-se neles e mover-se mas facilmente contra ela, seu pênis empurrando com golpes lentos e tranqüilos dentro de sua boca.

—Maldição. Está-me roubando a prudência, neném. —Grunhiu enquanto ela sentia o batimento do coração de sua torcida crista na boca—. Aí vai. Chupa-o agradável e duramente. OH inferno... —os lábios se apertaram nele enquanto ela levantava os olhos para ver a expressão carnal em seu escuro rosto.

Nunca se tinha dado conta de quão faminta estava por ele, até agora. Até que seu pênis lhe enchia a boca, o sabor selvagem de um macho excitado a consumia, conduzia-a além da vergonha passada a um reino onde nada importava exceto seu toque, sabor e desejo.

Enquanto a boca se movia sobre ele, a mão começou a acariciar o forte membro, movendo-se acima e abaixo, bombeando a dura coluna enquanto ele fodia sua boca com golpes cada vez mais fortes.

Ao mesmo tempo, sentiu um toque detrás dela. As mãos do macho deslizavam as calcinhas do biquíni, acariciando as curvas arredondadas de seu traseiro. Era Dawg ou Natches? Não sabia, não lhe importava.

Olhou o olhar em chamas do Rowdy enquanto ele olhava fixamente sobre sua cabeça durante um segundo comprido. Quando seus olhos voltaram para os seus, eram selvagens pela luxúria.

Então ela o sentiu. Um beijo lento e reverente em uma nádega, logo na seguinte. Uma língua, malvada e sedutora, golpeando por cima da estreita fenda que separava as bochechas arredondadas.

—Deus, Kelly, neném —Rowdy gemeu seu nome enquanto ela amamentava mas profundo—. Precisamos parar isto antes de que me corra.

Pará-lo? Não podia, ainda não. Se parava ia ter que pensar mais que sentir. Se parava...

Levantou a cabeça de um puxão enquanto um agudo gemido saía de seus lábios, seus olhos se abriram ante o surpreendente prazer. Uma insidiosamente malvada carícia quase a fez desabar-se contra Rowdy. Só suas mãos a sustentaram direita, seu olhar sustentando sua prudência enquanto sentia uma língua aguda que brandamente bordeaba a ultrasensível entrada do ânus.

Deveria estar chiando de temor, em vez disso, ofegava de prazer.

—OH Deus, Rowdy... —Sua voz era débil, perguntando. Deveria sentir-se tão bom? Deveria estar tão desesperada por mais?

—Shh, neném —sussurrou brandamente—. Permite que se sinta bem. Somente um minuto. Somente outro minuto.

Ela gritou enquanto sentia que essa conhecida língua pressionava contra a entrada outra vez. A cabeça golpeou de um lado a outro enquanto lutava por respirar, lutava por encontrar

sentido ao prazer deslumbrador. Quando violou o pequeno buraco com uma ligeira sensação de beliscão, somente para empurrar atrás, logo provou dentro outra então ela se estremeceu ante a intensidade da carnal acaricia, de repente aterrorizada. Não do toque ou do homem, mas sim dela mesma.

—Está bem, Kelly... tranqüila, neném. —O toque se foi de repente enquanto Rowdy atirava dela para ele, os lábios cobrindo os seus enquanto a punha de costas.

Beijou-a com demanda desumana, inclinando-se sobre ela e trabalhando com seus lábios sobre os seu com luxúria experimentada. Comeu com seu beijo, consumiu-a, e lhe ensinou a consumir por sua vez.

Rowdy levantou a cabeça do beijo, seus sentidos bêbados com o sabor da mulher em baixo dele, seu corpo dolorido por possui-la.

O suave, débil resplendor se estendia sobre o Kelly, revelando claramente a nua carne sedosa entre as coxas, desprovida de qualquer sinal de pêlo feminino. Tinha-o esperado, tinha sabido o que lhe aguardava, mas a vista disso foi um murro de luxúria em seu intestino de todos os modos.

Piscou para baixo às curvas rosadas e ruborizadas que brilhavam com uma capa de sedoso e suave suco, lambendo-se com fome antes de que os olhos vislumbassem a tatuagem e seu coração se apertou.

A águia engalanada no ombro doía de repente ante a vista da cópia exata que estava colocada justo em cima da tentadora vagina. As asas desdobradas, uma quase tocando o bordo do montículo doce de sua vagina, assinalando para o broto inchado de seus clitóris.

—Maldição. —Os dedos acariciaram a bronzeada imagem enquanto a língua dela aparecia para umedecer seus lábios.

—Você gosta? —Sua pequena voz entrecortada fez que cada músculo de seu corpo se flexionasse com a necessidade de foder. De foder duro e profundo, para ouvi-la gritar seu nome, rogando por gozar.

—Neném, está empurrando a um homem já pendurado no bordo —grunhiu enquanto olhava aos dedos mover-se, acariciando a torcida carne até que seus dedos puderam afundar-se na abertura coberta de suco.

—OH Deus. Rowdy... —Seu grito lhe atravessou enquanto a apartava, seu olhar bebendo na pura carne coberta de mel escorregadio enquanto os quadris se arqueavam para ele, abrindo as coxas ainda mais.

Apertou a almofadinha da palma sobre seus clitóris enquanto os dedos encontravam a entrada tenra da vagina e a rodeavam lentamente, a boca se enchendo de água por saboreá-la. Levantando os dedos girou seu olhar para ela outra vez, entrecerrando os olhos enquanto movia os dedos aos lábios e os pintava com seus próprios sucos.

A surpresa lhe fez abrir os olhos e ofegar. A outra mão se moveu à cabeça, passando os dedos pelo cabelo enquanto pulverizava a doçura sobre os lábios exuberantes.

—Lambe-o —grunhiu—. Vamos, neném, vê quão doce e quente vai ou seja quando colocar a língua dentro dessa pequena vagina quente.

—Rowdy... —Podia ouvir o protesto de sua inocência, a fome escura que a enchia,urgia-a por suas próprias necessidades enquanto vacilava ante a intensidade não familiar de sua luxúria combinada.

—Lambe seus lábios —lhe ordenou outra vez, sua voz áspera, a necessidade de vê-la completamente imersa nas necessidades construídas entre eles, insuportável.

A língua apareceu enquanto o rubor se passava em seu rosto. Um sorriso lhe torceu os lábios enquanto ela lambia sua própria doçura, provando o que ele desejou tão desesperadamente para si mesmo. Então, a língua se curvou ao redor do dedo, extraindo um gemido rouco de seu peito quando ela o chupou em sua boca.

A sensação dela atraindo o sabor restante dos dedos rompeu seu controle. Atirou dela, movendo-se entre as coxas, abrindo-os ainda mais enquanto a levantava em sua boca descendente e enterrava os lábios no calor líquido que fluía dela.

Era mais intoxicante que o álcool ilegalmente destilado, mais doce, mais quente que a vida mesma, e toda dela.

Kelly ouviu seus próprios gritos fluindo de noite ao redor dela e não podia fazer nada para tranquilizá-los, para sufocá-los. A boca de Rowdy queimava através das inibições, do acanhamento, e acendia um fogo dentro de sua vagina que ameaçava consumindo-a. Sustentou-lhe as pernas abertas, a boca a devorava decadentemente, seus sussurrados murmúrios de prazer e fome abasteciam de combustível as chamas que ardiam dentro dela.

Sua língua era voraz. Lambeu, pulverizou o fogo pela carne ardente e a acariciou com um conhecimento e experiência que a pôs a ofegar. Pequenos golpesinhos contra seus clitoris a faziam arquear-se contra ele, os quadris davam puxões enquanto as sensações serpentearam como garras de necessidade por seu sistema nervoso. O prazer, OH Deus, o prazer era muito para suportá-los. Cada golpe circular ao redor do duro, e pulsante nó de seus clitoris lhe roubava o fôlego. Sua matriz se convulsionava com a necessidade do orgasmo enquanto o prazer rompia por ela antes de pulverizar-se por seu sistema.

Os dedos não estavam quietos. Ele rodeava a sensível abertura de sua vagina, pulverizando os sucos que se derramavam de seu dolorido centro antes de que a língua lhe acariciasse mas abaixo, movendo-se para lambê-la, para atrair o sabor dela a sua boca enquanto ela chiava no precipício no qual a mantinha cambaleante.

Ela estava tão perto. Muito perto para ser refreada dessa maneira. Podia sentir a sensação de ardor através de seu corpo, acendendo uma tormenta de fogo que corria por seu sangue.

Finalmente. retorceu-se em baixo dele, a cabeça empurrando enquanto todas as fantasias que tinha conhecido nos passados cinco anos vinham à vida por fim. Rowdy a tocava, saboreava-a, amava-a.

—Foda, poderia me embebedar com seu sabor. —Sua voz era um rouco grunhido um segundo antes de que a língua se afundasse dentro da apertada entrada de sua vagina, fodendo-a com lambidas que faziam que um chiado estrangulado saísse por sua garganta.

A tensão que se construía dentro dela era aterradora. O controle era uma coisa do passado, mas Rowdy causava que a tensão que se reunia em seu ventre se agudizara, para convulsionar

com cada impulso interno de sua língua malvada. As mãos se apertaram em seu cabelo enquanto se estremecia e o calor molhado que fluía de sua vagina aumentava.

Desejava ar, a sensação corria através da carne, sensibilizando-a, deixando-a ofegante ante o inferno que ele criava. As mãos não estavam mais quietas que sua língua. Acariciavam-lhe as coxas, o polegar lhe golpeava no clitóris, enviando agudas sensações de agonizante necessidade que rompiam por ela um momento antes de retirar-se. As mãos se curvaram nas bochechas de seu traseiro, e enquanto a língua se afundava dentro dela outra vez, apartou as suaves curva, tironeando na entrada a seu traseiro e enviando labaredas agudas de calor por seu sistema.

—Rowdy... —Se retorceu baixo ele, a cabeça movendo-se bruscamente nas mantas enquanto sentia ao suor reunindo-se por seu corpo, jorrando um pouco por debaixo dos seios, a barriga, como seus sucos fluíam da vagina—. Não posso... não posso suportá-lo...

Não podia compreender este prazer. Não era como nada que tivesse conhecido jamais. Inclusive seus próprios orgasmos autoinduzidos nunca a tinham feito sentir-se desta maneira. Como se fosse voar, que se o prazer não parava então estalaria em fragmentos. Retorceu-se em baixo dele, choramingando enquanto sentia a almofadinha do dedo pulverizando brandamente os sucos quentes que fluíam pela fenda do traseiro, esfregando-os contra seu traseiro.

—Faz-o parar! —Tratou de chiar, de pedir uma liberação à pressão que se construía em sua matriz, em suas coxas, profundamente dentro de sua vagina.

Ele não respondia. Se acaso, a boca chegou a ser mais voraz, os dedos exploravam ainda mais, pressionando mais profundo contra a entrada que estava massageando.

—Rowdy... juro... não posso suportar... —Perdeu o fôlego enquanto sentia o dedo violando seu traseiro, sentia-o deslizar-se lentamente dentro dela enquanto os lábios cobriam seus clitóris, os polegares escorregavam na entrada de seu sexo e a destruíam.

—OH Deus! —Lutou contra a quebra de onda de relâmpagos de sensações quase dolorosas que se dispararam por ela.

—Inferno não pode. Gozara para mim, Kelly. Agora —grunhiu, retirando o dedo, reunindo mais do líquido sedoso que fluía dela antes de deslizá-lo mais profundamente, mais forte, o polegar bombeando na vagina antes de que seus lábios cobrissem seus clitóris outra vez. Amamentou o broto tenro, a língua golpeava sobre ele enquanto o dedo se afundava em seu traseiro, o polegar fodia a vagina até que ela se sentiu erupcionar.

Seu grito encheu a noite enquanto ela se dissolvia, viu luzes estalando detrás dos olhos apertados e ouviu o rugido de prazer do Rowdy um segundo antes de que subisse entre suas coxas e a atirasse mais alto.

—Agüenta, neném. —Agarrou-lhe as mãos, as movendo a seus ombros enquanto ela sentia uma grossa pressão contra a sensibilizada entrada da vagina.

Olhou-lhe fixamente, aturdida, alagada por uma cascata de ondas de êxtase.

—Doce neném —gemeu, os olhos verdes obscurecendo-se enquanto as mãos lhe agarravam o rosto—. te Agarre a mim, coisinha doce. Não posso esperar. Nem outro minuto.

Seus olhos abriram, revoaram, lutaram por permanecer aberto enquanto sentia a pressão entre as coxas aumentar um segundo antes de um estiramento repentino, um fogo florescente e o prazer/dor delicioso romperam por ela. E não parava. Seguiu e seguiu, como em câmera lenta,

estirando-a até que esteve segura de que não poderia conter mais antes de que encontrasse que podia.

Deu um puxão em seu punho, as unhas pressionando em seus ombros enquanto choramingava, logo gritou quando Rowdy se assentou até o punho dentro dela. Podia sentir cada grossa polegada abrindo a malha tenra de sua vagina, estirando seus limites enquanto dedos de eletricidade crepitavam pela malha delicada e a tensão começava a aumentar uma vez mais dentro dela.

—Deus, está tão apertada. —Sua expressão era tensa enquanto lhe olhava, lutando por encontrar sentido às sensações que a rasgavam—. E suave como a seda. —Apertou a frente contra a sua—. Por favor Deus, me diga que está usando anticoncepcional, Kelly.

Ela assentiu a puxões. Tinha começado o controle de natalidade anos antes em previsão de esta noite. Ele fez uma careta, levantando a cabeça uns poucos centímetros enquanto a olhava fixamente, arrastando o polegar sobre seus lábios enquanto ela lutava por respirar.

—Levanta as pernas. —Sua voz era como cascalho—. Apóia os joelhos contra meus quadris.

Baixou uma mão, lhe levantando a coxa enquanto ela fazia o que lhe havia dito.

—OH Deus, Rowdy. —deslizou-se mais profundo que nunca, enchendo a de maneiras que não poderia explicar—. OH Deus, não sei o que fazer... —Queria chorar, queria aliviar o furioso batimento do coração de fome que pulsava em sua matriz, em sua vagina.

—Cala, neném. —Sua voz era tensa, seu corpo tenso pelo esforço que lhe levava enquanto a ajudava, lhe colocando os joelhos contra os quadris enquanto um gemido desigual lhe rasgava o peito—. Filho da puta, está tão fodidamente apertada. Poderia gozar somente sentindo seu agarre me ordenhar assim.

Os músculos dentro da vagina lhe estavam ordenhando de fato, curvando-se ao redor dele, lhe voltando louco com o calor furioso que se construía dentro deles. Lhe olhou fixamente, sentindo as lágrimas nas bochechas, as emoções entupidas em sua garganta. Não podia imaginar-se jamais necessitando nada mais que ao Rowdy.

—Tranqüila agora, carinho —adverteu enquanto ela sentia as coxas agrupar-se—. Se não me movo vou gozar antes de que consiga o teu. E tem que ter o teu. —Um sorriso malvado lhe cruzou os lábios inchados quando se começou a mover.

Seu pênis se deslizou lentamente do apertado punho de sua vagina enquanto ela ouvia seu próprio gemido desesperado de prazer, o impulso a teve gritando de um aguda necessidade agonizante e logo não pôde pará-lo.

Ele se arqueou, lhe agarrando as pernas e as apertando mais perto de seu corpo enquanto olhava fixamente para baixo, aonde se uniam, o olhar dela lhe seguindo automaticamente, olhando como o escorregadio, brilhante membro entrava e saía das lisas curvas de sua vagina. Era hipnotizador, consumia. Ela podia sentir a carícia de dedos de prazer, dor, sensação aguda e explosões chamejantes de fome rasgando por seu corpo enquanto lhe olhava fode-la. Olhava a seu pênis dentro e fora, cravando-se nela com golpes furiosos enquanto o mundo retrocedia ao redor dela.

Gozou outra vez, chiando por seu orgasmo e ainda ele não parava.

—Outra vez —grunhiu, girando-a a um lado, as pernas dobradas, pressionando seus seios enquanto se inclinava sobre ela, uma mão separando as bochechas de seu traseiro enquanto os dedos encontraram a entrada.

Ela se arqueou, a cabeça para trás enquanto o dedo se deslizava dentro, bombeando conjuntamente com a ereção grossa dentro de sua vagina, estirando-a, queimando sua mente enquanto o prazer e a dor se mesclavam com a adição de outro dedo que estirava seu tenro ânus. E ainda seu pênis se introduzia, acariciando freneticamente sobre as sensibilizadas terminações nervosas até que esteve estremecendo-se, convulsionando-se ao redor dele, seus sucos saíam a fervuras da vagina enquanto ouvia dar um grito esfarrapado e sentiu seu corpo esticar-se.

Ainda estava dissolvendo-se a seu redor enquanto sentia sua liberação, as explosões quentes e furiosas de sêmen enchendo-a, queimando-a, enviando-a a outro paradoxo tremendo de sensações que a teve convulsionando-se baixo ele enquanto ele sustentava seu pênis profundamente dentro dela, estremecendo-se com o prazer que os rasgava a ambos.

Kelly tinha perdido a prudência muito antes da liberação do Rowdy. Tremia depois do orgasmo, débil, esgotada pela emoção, o prazer que tinha explodido através dela. Sentiu-o desabar-se detrás dela, ainda enterrado dentro de sua vagina, sua respiração ofegante, seus braços apertados enquanto a empurrava para seu peito úmido.

—Respira, neném —lhe cantarolou na orelha enquanto uma mão lhe massageava o peito, lhe recordando que continha a respiração enquanto a soltava em uma rajada, enviando estrelas que estalaram ante os olhos—. Aí vai, coisinha doce —murmurou, os lábios no ombro enquanto seu pênis dava um puxão dentro dela—. Descansa um pouco. Somente um poquinho. Então o tentaremos outra vez e veremos se o podemos fazer bem.

Fazê-lo bem? Querido Deus, se isso não era bem então a mataria se ele alcançava alguma vez a perfeição.

Capítulo 12

Estava ainda escuro quando Kelly despertou, seu corpo agradavelmente dolorido enquanto Rowdy dormia profundamente a seu lado, estendido nu sobre o estômago.

O calor se curvou em seu estômago enquanto olhava fixamente a sua escurecida forma, um tremor de recordado prazer reverberou por sua matriz.

Movendo-se silenciosamente, deslizou-se da cama, procurando até que encontrou a camiseta do Rowdy, desprezada mais cedo esse dia em uma cadeira próxima, e a empurrou sobre seu corpo nu. Não podia ouvir nada abaixo, mas duvidava que Dawg e Natches dormissem.

Avançando pela escada estreita e curva, o resplendor débil da televisão proporcionava uma luz tênue enquanto Kelly se dirigia ao pequeno refrigerador.

Tirou uma garrafa de água, desentupindo-a enquanto se endireitava e a levantava seus lábios antes de vislumbrar ao Dawg.

Estava sentado no escurecido rincão entre a mesa e o balcão, seus olhos brilhando na escuridão quando ela se deteve, olhando-o.

—Rowdy se chatear por roubar outra de suas camisas —arrastou as palavras silenciosamente enquanto ela sentia que seu rosto se ruborizava.

O calor não tinha nada que ver com o fato de que tinha sido apanhada roubando mais roupa do Rowdy, era a pergunta repentina de si sua boca malvada tinha sido uma das que a tinha acariciado antes ou não.

—Deveria estar acostumado. —esclareceu-se garganta incomodamente, sentindo um formigamento de calor curvando-se ao redor do clitóris.

—É um menino teimoso. —encolheu-se de ombros com negligência—. Já sabe.

Kelly se inclinou contra o balcão e o olhou curiosamente. Havia muito que ainda não sabia sobre o Rowdy e sua relação com seus primos. Todos pareciam preocupar do fato de que sexualmente, desfrutassem compartilhando seus brinquedos.

Agachou a cabeça, sabendo que não deveria ter adiado o aprender mais a respeito dos três homens juntos antes que centrar-se somente no Rowdy. Mas era Rowdy quem sustentava seu coração, não os outros dois. Embora sabia, finalmente, que eles chegariam a ser uma parte da relação que ela e Rowdy compartilhavam.

—Parece uma pequena cerva assustada aí. —Sua voz era como seda escura—. Nos conhecemos a muito tempo para essa cautela nos olhos, pequena.

Sim, tinham-no feito. Dawg e Natches eram uma parte de sua vida tanto como Rowdy tinha sido, em muitos sentidos. Ele tinha tratado de protegê-la quando Rowdy não estava ao redor, tinha-a cuidado e geralmente a tinha agüentado. Todos o tinham feito.

—Não estou assustada de você, Dawg —suspirou—. Não estou assustada de nenhum de vocês.

Possivelmente estava assustada de si mesmo.

—As pessoas sugerem muito sobre nossos pequenos prazeres —grunhiu—. Como se algum insidioso diabo o causasse mais que se fosse uma eleição. —Riu por suas próprias palavras—. Não há nada diabólico nisso, Kelly. E Rowdy nunca te pressionaria pelo que não quer. Assim não tem porque nos olhar como se fôssemos saltar sobre você em qualquer minuto.

—E os três pensam que não sabia em que demônios me estava colocando quando esperei ao Rowdy. —Apertou os lábios enquanto sua própria frustração a remoia por dentro—. Não é um assunto de não querê-lo, Dawg, nem inclusive se eu o quiser.

—Quer ser seduzida nisso. Quer que lhe tirem a eleição das mãos? —recostou-se na cadeira, olhando-a atentamente.

—Não quero analisá-lo até a morte, isso é condenadamente seguro —disse bruscamente—. É uma maravilha que os três encontrem uma mulher para compartilhar se falarem com ela até a primeira morte.

—As outras mulheres não importavam, Kelly. —Assombrou-a com sua resposta—. Foram diversão e jogos, você é o futuro do Rowdy. Não pode haver mal-entendidos, nenhuma sedução, nenhuma vacilação nem ocultação da verdade se o aceitar. Se o aceitar, então o aceita tudo.

Inclusive o fato de que finalmente, o homem que amava tocava outra mulher, daria-lhe prazer, a foderia. Não poderia aceitar o toque de seus primos sem esse conhecimento.

— Amo-lhe — sussurrou.

— Isto não será fácil para nenhum de nós. — Levantou os ombros pesadamente—. Natches e eu também lhe amamos, Kelly, não como Rowdy mas lhe amamos. Ardemos com ele por te tocar. Mas o dia chegará quando um ou ambos de nós encontraremos a mulher que desejamos como própria. O compartilhar não é uma coisa de todas as vezes, mas seria seguro como o inferno que o sentiríamos falta se parássemos.

Seria uma fome que os atormentaria. O repentino pensamento fez que seu peito se esticasse. Por alguma razão, os três homens estavam irrevogavelmente atados. E era um vínculo que somente a morte cortaria.

— Pediu-te alguém que parasse, Dawg? — perguntou—. O consideraste alguma vez?

Algo perigoso cintilou em sua expressão antes de ir-se igual de rápido.

— Pararia se alguém a quem ama me pedisse isso. Se soubesse que a mulher a que amo não o pudesse dirigir. — Encolheu os ombros largos.

— Não sei se poderia suportar ver tocar a outra mulher, Dawg. — Um sorriso de autoburla lhe curvou os lábios—. Como é a hipocrisia?

— Não hipocrisia, carinho, honestidade — lhe disse silenciosamente—. Isso é o que faz que uma relação como esta funcione, sendo honesto sobre isso. É ser honesta contigo mesma e com o Rowdy. Nós não poderíamos pedir nada mais que isso.

— Não o farei sozinho pelo Rowdy — exalou ruidosamente—. Não lhe permitirei tocar a outra mulher simplesmente porque sei que é o que ele quer. Tem que ter sentido para mim. Tenho que poder viver com isso.

— Isso é bastante certo. — Assentiu com compreensão—. Qualquer relação é fazer concessões mútuas. Você dá um pouco, Rowdy dá um pouco, e vice-versa. — levantou-se da cadeira, cortando a distância onde ela estava, dominando-a.

Kelly trouxe profundamente enquanto o sentia rodeando-a, seu calor, a fome sensual que se construía dentro dele.

— Dawg... — não havia maneira de retirar-se.

Tremeu enquanto ele se estirava, os dedos calosos percorrendo seu braço e enchendo-a com emoções opostas. Poderia-o fazer? Fantasiar a respeito disso era uma coisa, e o Senhor sabia que tinha fantasiado a respeito disso freqüentemente. Mas dar realmente esse passo era outro assunto.

— Desejo-te — sussurro—. Incluso te amo, Kelly. Não como Rowdy, mas te amo, e não te verei ferida. Não por nada.

— Para. — Protestou, sacudindo a cabeça enquanto a negação começava a rabiá-lo dentro dela. Uma sensação assustada de aborrecimento começava a construir-se. Possivelmente era o que Rowdy desejava, mas este não era Rowdy. Não era seu corpo esquentando-a, sua necessidade rodeando-a.

— Está escuro e em sombras. Muitas verdades podem ser ocultas nas sombras. — A voz do Dawg era mais escura que a noite—. Como as mentiras.

O fôlego lhe entupiu na garganta enquanto ele baixava a cabeça, os lábios muito perto dos seus.

—Poderia te seduzir —sussurrou—. Posso te dar isso, Kelly. Não tenho que despertar contigo pela manhã. Não tenho que encarar o saber que utilizei seu corpo contra ti. É isso o que quer?

—Imbecil. —Empurrou contra seu peito, as mãos golpeando nos duros músculos enquanto uma risadinha escura era sussurrada ao redor dela—. te Afaste de mim. É tão divertido como a gripe, Dawg.

—Deixei-o claro? —Os dentes cintilaram em um sorriso.

Ela respirou com desdém.

—Não era necessário. Não cometa o engano de pensar que não compreendo suas razões. Mas também sou uma mulher, Dawg, não um brinquedo. Ele pode ficar sério a respeito disto ou pode esquecer-se.

—Pode ficar mas sério, Kelly? Permitiu que um de seus primos lambesse seu traseiro. Isso é malditamente sério para mim.

Seu rosto flamejou enquanto entrecerrava os olhos.

—Foi você?

Ele cruzou seus braços sobre o peito, olhando-a com a insinuação de um sorriso.

—A gente lambeu, o outro olhava com antecipação. Não te vou contar quem foi.

E isso não a surpreendeu, por que? O que a surpreendia era o sentimento de negação que rabiava por sua lembrança. Não era uma fantasia, era a realidade, e não estava cômoda com isso, por mais que desejasse está-lo.

—Sabe, Dawg, um dia destes ides morder mas do que podem abranger em uma mulher. O que vai fazer então?

—Parece-me que Rowdy já o conseguiu —riu entre dentes enquanto seu olhar se disparava além dela—. E aqui esta para ver quanto mais pode afundar-se na felicidade monógama.

Kelly girou rapidamente, restando apenas um gemido ante a vista do Rowdy, nu, duro, os olhos brilhando com interesse enquanto estava aos pés dos degraus. Uma coisa que podia dizer a respeito dele, nu ou vestido, era que a confiança gotejava de cada poro de seu corpo. A confiança e pura luxúria.

Ele inclinou a cabeça enquanto a olhava, seu olhar movendo-se para sua primo, logo depois de volta a ela lentamente. Havia um desafio ali, um brilho ardiloso nos olhos que lhe assegurava que era bem consciente de que ela estava molhada e excitada.

—Aí vai roubando minha roupa outra vez. —Sacudiu a cabeça com o castigo simulado—. Esperava que aprendesse melhor, neném.

—Penso que precisa ser surrada —murmurou Dawg detrás dela, acelerando seu pulso com a sugestão.

Ela arqueou a sobrancelha enquanto sustentava o olhar do Rowdy. Lhe sorria, um sorriso torcido e segura cheia de intenção carnal.

Não tinha desculpas para quem era, ou o que era. Brincalhão, malvado, determinado a ter seu próprio caminho. Mas pela segurança em si mesmo e a determinação ela viu algo mais

também. Viu seu amor por ela. Amava-a, como ela o amava, e apesar de seus temores e freqüentemente suas inseguranças, soube que Rowdy não era um homem de amar ligeiramente.

Enquanto o olhava, foi consciente do Natches movendo-se por detrás do camarote, olhando a cena curiosamente. A testosterona se derramou pelo quarto, pesada com a malvada fome e intenção pecadora. Três machos depredadores, por muito que tentassem ocultar os instintos primitivos que corriam justo sob a superfície de seu humor preguiçoso, Kelly o viu.

Convergiram nela, altos, largos, excitados. Rowdy era o único completamente nu, mas os outros dois lhe seguiram rapidamente. Natches tirou a camisa, enquanto detrás dela ouviu os movimentos do Dawg, o sussurro de sua roupa.

Os nervos rasgaram por ela, enviando estremecimentos da resposta instintiva mais abaixo do estômago antes de queimar um atalho de destruição erótica por suas zonas erógenas. Seus mamilos alcançaram o máximo. Os lábios doeram e seu sexo chorou.

—Te tire a camisa, neném —sussurrou Rowdy enquanto suas mãos agarravam a prega, atraindo-o lentamente para cima.

Atrás dela, Dawg deu um passo mais perto, a surpresa de suas mãos nuas percorrendo suas coxas a fez esticar-se de prazer. Estava tão molhada que podia sentir umedecer-se suas coxas agora, correndo livremente desde sua vagina chorosa enquanto eles a preparavam para futuras posses.

—Olhe que bonita é... —sussurrou Rowdy reverentemente enquanto levantava os braços, lhe permitindo lhe tirar a camisa do corpo—. Seus mamilos estão tão duros, excitados. Amo saboreá-los, Kelly. A sensação deles em minha boca, as pequenas pontas tensas pulsando em minha língua.

Eles pulsavam agora ante esse pensamento.

A camisa foi jogada à parte, mas não foram as mãos Rowdy as que embalaram os globos firmes, foi Dawg. Deslizaram-se a seu redor até que ambas as mãos estiveram cheias com sua carne, o índice e o polegar de cada mão agarraram uma dura ponta, jogando com elas, as girando exquisitamente.

A cabeça caiu contra seu peito enquanto os dedos se apartaram. Rowdy se moveu, dando lugar ao Natches enquanto ambos os homens baixavam as cabeças aos bicos que empurravam para cima.

Kelly ficou nas pontas dos pés enquanto a sensação estalava por ela. Um grito desigual se deslizou de seus lábios enquanto uma inundação de debilitadora luxúria rasgava por ela.

Kelly perdeu a capacidade de falar, ver, fazer algo exceto sentir dois conjuntos de duros lábios masculinos cobrindo os bicos sensíveis. O fogo a tragou enquanto línguas úmidas e quentes como a lava começavam a golpear sobre a carne apertada, e duras bocas masculinas começavam a amamentar-se eroticamente.

—Tranqüila, carinho —lhe sussurrou Dawg na orelha quando ela começou a retorcer-se dentro do agarre que os três homens tinham criado. A sensação de suas bocas sugando-a enviava flechas de quase doloroso prazer a sua matriz, seus clitóris. O doloroso batimento do coração a destruía—. Está bem, Kelly. —As mãos se separaram dos seios, só para ser substituídas pelas do Rowdy e Natches.

Um braço a sujeitou contra ele enquanto a outra se deslizava pelo estômago, movendo-se lentamente pela carne torturada até sua vagina.

—Rowdy... —Seu nome foi uma choramingação de súplica enquanto sentia que a palma do Dawg embalava os sensibilizadas dobras de seu sexo, um dedo se moveu sutilmente contra a entrada repleta de sucos de sua vagina.

Rowdy gemeu enquanto continuava amamentando-se, os dentes lhe arranharam o mamilo, a língua golpeou sobre ele enquanto Natches capturava a ponta que sustentava entre os dentes e a beliscava com resultados destrutivos.

Seu grito ressonou ao redor dela enquanto se retorcia contra Dawg, implorando em silêncio sentir esse dedo escorregando dentro dela.

As sensações que romperam por seu corpo foram violentas, destrutivas. Alternativas carícias, bocas amamentando, mãos sobre ela, quentes gemidos masculinos derramando-se sobre ela. E ela estava no centro disso, débil, impotente contra o erotismo de cada toque.

Apertou-se contra a palma do Dawg, gritos quebrados saíam de seus lábios com a pressão contra seus clitorís. Seria tão fácil o clímax, se somente pudesse pressionar contra ele um pouco mais, justo a fricção mais nua que lhe permitiria aliviar a fome que a golpeava.

—Ainda não, neném —sussurrou ele na orelha, lhe beliscando o lóbulo—. Deixa que seu corpo arda para nós, que esteja tão faminto que nada importe exceto o toque, a necessidade.

Ela já ardia. Os dedos se apertaram no cabelo do Rowdy e Natches enquanto sentia os dedos do Dawg movendo-se, lhe sentindo pulverizando seus sucos, lhes permitindo molhar a entrada apertada de mais à frente enquanto seu dedo dava massagens no fechado portal.

Sentiu sua entrada anal apertar-se ante a carícia, sentiu-a abrindo-se, o leite na ponta do dedo enquanto outra mão, não sabia de quem, começava a jogar com o broto inchado do clitorís.

Estava apanhada entre eles, no meio da área da cozinha, suspensa dentro de um prazer, um calor tão intenso ao que logo que podia pôr sentido. Implorando, gritos incoerentes saíam de seus lábios enquanto se arqueava para trás, para frente, tão desesperada que já não sabia qual toque a enviaria como um raio para o orgasmo, somente sabia que o necessitava.

Era diferente do que tinha sido sozinho com o Rowdy. Lutou por apartar o vago mal-estar que sentia. A falta de calor emocional, de compartilhar que tinha vindo ao estar nessa cama acima, somente ela e Rowdy.

—Aí vai, carinho. —Sussurrou Dawg outra vez enquanto ela sentia a ponta de seu dedo escorregar dentro do ânus—. Maldição, está apertada, e quente. Seu traseiro chupa o dedo como uma boca pequena, necessitando mais. Necessita mais, carinho?

Ao mesmo tempo, dedos duros capturaram seus clitorís e o bombearam malvadamente. OH Deus, poderia gozar tão fácil, se somente se aproximasse mais.

Relaxou as nádegas quando umas chamas lambeiram o pequeno broto. Simultaneamente, a entrada pequena sugou o duro dedo mais profundamente enquanto a pressão diminuía em seus clitorís, fazendo-a chiar de prazer e frustração.

Seu traseiro se sentia cheio e necessitava mais. Seus clitorís pulsava de necessidade, a vagina se apertava com necessidade até que de repente, as sirenes começaram a ressonar em sua cabeça...

—Maldição... —A realidade a golpeou enquanto a atiravam ao chão, os três homens furiosos, amaldiçoando e cobrindo-a enquanto umas explosões quebrantavam o frenesi erótico com fria fúria.

—Ponha a um lado.

Foi empurrada a um lado, entre os pesados armários enquanto som de pés e maldições foram o aviso do fogo de resposta.

As sombras cintilaram ao redor dela na escuridão enquanto subia a um rincão dos armários, a mão acariciava o material enquanto sentia a camisa que tinha levado antes sob suas mãos.

Atirando-a ao piso, agachou-se na esquina que formavam os armários e a pôs pela cabeça enquanto Rowdy se apertava contra seu lado.

Ela não fez perguntas, não ficou histérica. Seguiu sua liderança enquanto ele, Natches e Dawg começavam a levá-la mais perto da parte traseira da casa flutuante.

—O bastardo disparou ao casco, Rowdy —vaiou Dawg enquanto os disparos se acalmavam.

O alarme computadorizado soava estridentemente, a sirene rompia seus nervos enquanto o som do pessoal de segurança ao outro lado demandava uma resposta.

Notou que ninguém respondia. Em uns segundos foram informados que a Patrulha do Lago tinha sido posta sobre aviso e se movia para a área.

—As bombas trabalham. —Natches se deslizou no lugar com eles—. Estaremos bem até que a patrulha chegue aqui.

Eles estavam vestidos. Sentia o arranhão dos jeans do Rowdy na coxa, os do Natches no traseiro. Dawg tinha miserável suas calças curtas ficando os mas de onde tinha tirado Rowdy sua roupa não estava segura.

—Creio que está no precipício, sobre nós —disse bruscamente Natches—. A trajetória dos disparos deveria ser justo dali.

—Terá que cruzar o cabo para voltar para o caminho —grunhiu Dawg—. Retornarei. Vou atrás dele.

—Não... —A palavra foi um som oco e abrasivo, saindo de um puxão da garganta do Kelly enquanto se agarrava a suas calças.

Dawg lhe apartou a mão, movendo-se pela escuridão enquanto a sirene continuava ressonando pelo navio.

—Permaneça aqui. —Rowdy a pressionou contra os balcões antes de mover-se para a caixa do alarme e cortar rapidamente o som.

Kelly escutou em silêncio como falava com o pessoal de segurança, sua voz dura, escura, furiosa.

—Não te mova daqui até que Rowdy retorne —lhe cochichou Natches na orelha—. Preciso comprovar acima.

Ela assentiu em resposta, a garganta apertada, o temor e a fúria entupindo sua voz até que não esteve segura de que pudesse falar. Isto era por causa dela. Alguém havia disparo ao navio, tratado de afundá-lo, para matá-los, por causa dela. Tinha colocado ao Rowdy e a seus primos em perigo, faziam que um louco se centrasse neles.

Envolveu seus braços ao redor da cintura, permanecendo no lugar, encolhida contra o balcão enquanto Rowdy jogava uma luz no salão.

Elevou o olhar enquanto rodeava o balcão, sua expressão dura, os olhos brilhando com raiva.

—Vamos, neném. —Sua voz foi suave quando se estirou a por ela—. A patrulha do lago estará aqui para nos escoltar à doca em um minuto. Precisamos te conseguir roupa.

Ficou pausadamente em pé, olhando ao redor à destruição. As janelas estavam quebradas, o vidro e os escombros sujavam o chão, os painéis estilhaçados pelas balas.

—Vamos. —Levantou-a em seus braços enquanto ela olhava fixamente assombrada.

O desespero lhe apertou no peito enquanto enterrava o rosto contra o pescoço do Rowdy. Podia sentir o estômago revolvendo-se com a culpa, com o temor. Um deles poderia ter morrido. Poderia ter perdido ao Rowdy, ou Dawg ou Natches podiam ter sido feridos, assassinados.

—Aqui. —Sentou-a no meio do chão do dormitório antes de mover-se para o pequeno armário e tirar um par de seu jeans—. Ponha estes.

Ela os aceitou em silêncio, inclinando-se para empurrá-los por seus pés e logo aos quadris antes de agarrar os sapatos de lona de sua mão, sentou-se na cama, colocando os e logo lutou por atar os cordões.

—Tranqüila, neném. —Quando Rowdy se ajoelhou diante dela, deu-se conta de que os pequenos gemidos que podia ouvir eram dela.

Apartou-lhe os dedos antes de atar os cordões rapidamente, logo a olhou fixamente. Algo se retorceu no interior de Kelly ante a suave emoção que viu em seus olhos. Além da ira, da determinação de matar que podia ver rabiando dentro dele, viu sua gentileza.

—Isto não foi sua culpa, Kelly. —levantou-se, lhe embalando a bochecha na mão.

Kelly lutou contra as lágrimas que lhe entupiram na garganta, assim como os temores que encheram sua mente. Mas que responder, separou-se de seu toque lentamente, estremecendo-se ante o pensamento de que sua necessidade por ela poderia terminar com sua vida.

—Nem sequer o tente. —O grunhido que lhe retorceu o rosto lhe fez lhe olhar fixamente assustada—. Não pense que te vou permitir fugir de mim agora, Kelly —disse bruscamente—. O tempo para correr acabou no minuto que me permitiu foder esse corpinho quente .

Ela sacudiu a cabeça desesperadamente, empurrando contra seu peito enquanto lutava por ficar em pé. Não podia falar. Se se atrevia a tentá-lo, sabia que gritos de raiva e temor não estariam muito longe.

—Para, Kelly... —A agarrou pelos pulsos, forçando-a a permanecer no lugar enquanto ela ouvia o primeiro grito rouco deixar seus lábios—. Está bem estar assustada, neném. Juro-lhe isso, estamos todos bem, antecipamos isto, sabemos como lutar contra ele...

—Não —protestou ela violentamente, sentindo as lágrimas filtrar-se pelos olhos apesar de seu desespero para as ter sob controle—. Está louco. Não pode fazer isto. Não pode... —Não lhe ia deixar fazê-lo.

Tentou apartar-se dele, fugir de seu toque, seu calor. Não podia viver assim. Não poderia viver se algo lhe acontecesse, ou aos outros.

—Farei-o. —Agarrou-a pelos braços, lhe dando uma breve, dura sacudida enquanto lhe olhava miseravelmente—. Ouça bem, Kelly. Farei-o. E quando lhe puser minhas mãos em cima o matarei. Compreende-me? Jamais tocará a você ou a outra mulher outra vez. Jamais.

A morte lhe escureceu os olhos enquanto lhe olhava fixamente, incrédula. Mataria, e o faria sem nenhuma culpa, nenhuma dúvida, podia-o ver em seus olhos.

—Não posso fazer isto... —Sua voz era instável, em seu interior tremia com suficiente força para fazer que se desse voltas.

—Vai vir detrás de você outra vez, neném. —Emoldurou-lhe o rosto com as mãos, sustentando-a quieta enquanto seus olhos sustentavam seu olhar—. Sabe que o fará. Não acabou contigo, Kelly. Fugiu. Não poderá deixá-lo, ou a ti. Entende-me?

—Para. —Cravou-lhe as unhas nos pulsos quando viu a total determinação de terminar o que tinha começado. Deus, como podia não ter visto ela aonde podia lhes dirigir? Como podia ter permitido que chegasse tão longe?

—Não pararei, Kelly —lhe replicou—. Me escute bem, maldita seja. Não pararei até que esteja morto. Não permitirei que esse bastardo te aterrorize.

Ela abriu os lábios para discutir, rogar, só para ser atalho quando Dawg entrou rapidamente no quarto.

—Fugiu. —Respirava áspera, pesadamente—. A patrulha do lago se está movendo e Ray e Maria estão justo detrás deles. Natches está na plataforma esperando-os.

Rowdy se voltou para ela.

—Não vais sair com eles, Kelly. Nem o considere.

Ela entupiu o fôlego, sentindo os estremecimentos no ventre antes de expandir-se por todo seu corpo. Não tinha nenhuma outra eleição. Tinha que sair. E logo, teria que deixar o lar do Ray também. Não poderia continuar pondo em perigo às pessoas que amava.

—Não me faça te amordaçar. —Olhou-lhe assombrada enquanto sua voz retumbava perigosamente.

—O que?

—Vais tentar correr. Posso-o ver em seus olhos. Faz-o e te atirarei sobre meu ombro e te conduzirei fora daqui como um saco de fodidas batatas. Não me empurre.

Seus lábios se curvaram mostrando os dentes em um grunhido poderoso enquanto seus olhos ardiam com um fogo verde. O choque a golpeou ante a advertência mortal que viu em seu olhar, assim como a confiança de que levaria a cabo sua advertência.

—Não o... —Tratou de protestar, lutar contra a pura força que podia sentir envolver-se a seu redor.

—Falo a sério, Kelly —grunhiu, ficando lentamente em pé enquanto a empurrava detrás dele—. Não lute contra mim. Não neste momento.

Ela se sentia aturdida, ultrapassada, sua mente curvada pelo perigo e a certeza de que se tentava fugir dele, então a perseguiria. Não a deixaria ir. Não agora, ainda não. Não antes de que derramasse sangue.

O xerife Ezekiel Mayes tinha inspecionado a destruição do Nauti Buoy depois de que o levassem a doca. Seus ajudantes foram ao interior enquanto Kelly, Rowdy, Dawg e Natches se sentavam dentro dos pequenos quartos de empregados do porto esportivo.

Ray e Maria estavam a um lado do quarto enquanto o Xerife Mayes tomava declaração. Kelly podia ver o conhecimento nos olhos do xerife enquanto a interrogava, seu olhar movendo-se aos primos Mackay, uma insinuação de desaprovação se acendia nas profundidades dourado-marron de seus olhos.

—Não viram nada? —Seu olhar repassou aos quatro uma vez mais—. É difícil de acreditar que três ex-marinheiros permitiriam a um perseguidor saltar sobre eles, especialmente tendo em conta que esses mesmos marinheiros estavam bem inteirados do perigo da situação.

Kelly apertou os lábios enquanto apertava as mãos em seu regaço. Teve que apertar os dentes para evitar defender aos homens. Para evitar revelar o fato de que sabia que Rowdy tinha planejado isto. Sabia que o tinha feito e a enfurecia.

—Vamos, Zeke, sabe melhor que isso —ladrou Rowdy—. Kelly necessitava algum tempo fora. Pensei que a enseada seria segura...

—Não sou tolo, Rowdy —grunhiu o xerife—. Não acredito nessa merda nem tampouco seu pai. —Cabeceou aonde Ray olhava fixamente a seu filho com um cenho.

—Sou o suficientemente maior para que a opinião de meu pai não me influa, Zeke —disse Rowdy bruscamente—. Agora por que não me permite que leve a Kelly a descansar em casa...

—Kelly, permitir que estes três lhe mesquem em algum esquema louco para agarrar a este perseguidor é uma idéia má. —O xerife se encurvou diante da cadeira, olhando-a atentamente enquanto ela lutava por respirar—. Me eixe dirigir isto. Apanharemo-lo.

—Ainda não o tem feito —sussurrou ela, sacudindo a cabeça enquanto a ira e o temor chocavam dentro dela.

Malditos todos. Sentia-se como um osso em meio de uma manada de cães selvagens.

A compaixão encheu os olhos do xerife.

—Não sou um vigilante, carinho. Quando o apanhe, necessitarei a lei de meu lado, não da sua. Kelly, se estes meninos suspeitarem de alguém, preciso sabê-lo.

—Se suspeitasse de alguém, saberia, Zeke. —A voz do Rowdy foi dura—. Agora deixa-a sozinha.

—Deus, parem de gritar ao redor de mim. —Kelly ficou em pé de um salto, fazendo que o xerife se endireitasse e a olhasse carrancudo—. Todos vocês tive bastante por esta noite. Não vi ninguém. Não ouvi nada. Estávamos no lago para conseguir nos afastar das chamadas telefônicas do bastardo. Isso foi tudo.

Passou-se os dedos pelo cabelo, consciente do silêncio tenso que encheu o quarto. Jogou uma olhada a sua mãe e viu o conhecimento ali. Sabiam por que estava no lago com os três primos. Ela e Ray sabiam, e embora Kelly não sentia abafado, nenhuma vergonha ante o

conhecimento, o que sentiu foi a certeza repentina de que esta não era uma relação que pudesse agüentar.

Não pelo conhecimento. Não pela moralidade. Porque não os amava. Amava ao Rowdy, e o descontentamento, a ira sutil que se construía dentro dela há dias sobre suas esperanças lhe arranhava o coração. O ataque só o tinha reforçado. Estava cansada de ser controlada. Ponto. Primeiro por um maldito perseguidor e logo por sua necessidade de agradar ao Rowdy.

—Estou pronta para retornar a casa. —Sacudiu a cabeça antes de levantar o queixo e olhar fixamente ao redor do quarto. Agora. Preciso dormir e preciso pensar.

—Pode retornar a casa. —Assentiu o xerife Mayes—. Mas posso precisar te fazer algumas pergunta mais amanhã.

—Bem. O que seja.

—Um momento e te levarei... —começou Rowdy.

—Irei com mamãe e Ray —lhe disse, ignorando a surpresa que varreu por seu rosto—. Preciso pensar, Rowdy. Podemos falar depois.

—Kelly. —Agarrou-a pelo braço enquanto ela dava um passo a seu lado—. Estaremos justo detrás de vocês.

Nós. Ela moveu o olhar sobre seus primos. Tinha estado em seus braços, sentia sua fome e sua luxúria, e a pesar do prazer, podia sentir a ira construindo-se. Eram como meninos se desesperados por manter seu brinquedo mais novo perto a eles.

Inalou profundamente.

—O que seja que queira fazer, Rowdy.

Liberou o braço de seu agarre antes de mover-se para o Ray e sua mãe.

—Seguro? —perguntou-lhe Ray silenciosamente.

—Só quero retornar a casa —murmurou. Agora.

Rowdy, Natches e Dawg saíram da loja com eles. Ela foi consciente de como se colocaram a si mesmo ao redor dela, em atitude protetora, protegendo-a. Sentia-se sufocada enquanto entrava no assento traseiro do Laredo de seu padrasto.

Aos poucos minutos se dirigiam à casa, um fodido comboio de veículos. Dawg e Natches foram diante do Laredo com o Rowdy fechando a marcha.

—Kelly... —começou sua mãe brandamente.

—Não agora, mamãe. —Se encolheu no assento traseiro, desejando poder dar sentido às emoções que lhe nublavam o coração, a mente. Tratar de pôr sentido a sua ira.

Rowdy tomava. Forte. Dominante. Era tão seguro que sabia o que ela necessitava, mas Kelly tinha visto o que necessitava, e não era o que ele oferecia.

Foi a razão de que não pôde tomar a eleição. Por que lutava contra Rowdy cada vez que a empurrava a tomar uma decisão consciente a respeito de suas necessidades. Era pelo que tinha querido ser seduzida, porque sabia que não era uma escolha que ela poderia tomar.

Possivelmente não era o bastante travessa para o homem que amava ou para seus primos.

Ele era tolo. Rowdy seguiu ao Laredo, seus pensamentos tão confundidos como as emoções que tinha vislumbrado rabiando nos olhos de Kelly. Doeu-lhe e não foi a causa do ataque. Isso somente o enchia o saco. Não, doía porque o ataque tinha sido uma distração pela que tinha começado a rezar justo antes de que acontecesse. Uma maneira de tirar Kelly dos braços do Dawg, de assegurar-se de que os dedos que lhe enchiam o apertado traseiro se fossem, que o toque a seus clitóris não fora de ninguém exceto o seu.

O ciúmes tinham começado a danificar o prazer ainda antes dos sons de disparos e o zumbido das balas atravessando o camarote que tinham enviado a todos contra o chão.

Que demônios se supunha que faria agora? Dawg e Natches a tinham protegido durante os passados quatro anos dos bastardos desesperados por entrar em suas calcinhas. Seus dois primos não a haviam tocado por causa da compreensão da relação que evoluiria mais tarde. Embora Rowdy sabia que tinham tido fome por ela quase tão desesperadamente como ele.

Se não tivesse estado abstraído nesses quatro anos, ou em estar seguro do que queria, o ataque não teria acontecido. Teria estado ali para protegê-la, para evitar que esse bastardo a tocasse. Mas o que teria acontecido à relação que sempre tinha imaginado?

Deu-se conta agora de que a mudança em seus desejos tinha começado antes de voltar para casa. Inferno, antes de tomar o último tour da marinha. Não tinha querido encará-lo e agora se estrelava contra seu rosto com a força de um maço.

Estava arriscando tudo pelo que tinha voltado para casa e não se deu conta. Sua própria arrogância, sua própria certeza de que não trocaria, de que não poderia. Que os prazeres sexuais que sempre tinham sido parte de sua vida permaneceriam igual.

Kelly trocava as regras. Lhe trocava.

Rowdy se esfregou o pescoço com cansaço, soprando frustrado enquanto entrava no caminho de entrada ao lar de seu pai, os olhos esquadrihavam o exterior bem iluminado. Dawg e Natches estavam aos lados do caminho de entrada, mantendo ao Laredo do Ray entre seus veículos com o Rowdy fechando a marcha.

Desligou o motor, Rowdy abriu a porta e saiu de sua caminhonete enquanto Ray, Maria e Kelly baixavam lentamente do Laredo.

Com um golpesinho dos dedos enviou ao Natches diante deles a comprovar a casa antes de que Kelly entrasse. Seus olhos continuaram esquadrihando o exterior, os cabelos da nuca lhe formigavam enquanto se aproximava do Kelly.

Ela se inclinou nele quando seu braço a rodeou. Maldição, estava esgotada, aterrorizada. Que demônios ia fazer a respeito dela? Quando o calor dela varreu por seu corpo, a atitude possessiva que crescia dentro dele pareceu expandir-se, reforçar-se.

Dirigiu-a para a casa, mantendo seus sentidos em alerta enquanto Natches se deslizava diante deles, com o Dawg seguindo o de perto por detrás.

—Rowdy, precisamos falar —cochichou Kelly enquanto subiam ao alpendre.

—Faremo-lo, neném. —Dobrou a cabeça, lhe beijando o topo da cabeça antes de dirigi-la ao corredor, seus olhos encontraram ao Dawg enquanto avançava pelo alto da escada. Natches se

tinha movido à cozinha, cada homem verificava os quartos completamente enquanto Rowdy guiava ao Kelly, e a seus pais, ao escuro salão.

—Deixa as luzes apagadas por agora, papai —aconselhou a seu pai enquanto movia a Kelly à cadeira larga ao lado do quarto—. Havia sinais de um observador na colina com vistas a este lado da casa a outra noite. As luzes recolherão sombras aqui dentro com as magras cortinas.

—Merda —murmurou seu pai, mas as luzes permaneceram apagadas—. Necessito um gole.

Enquanto Ray se encarregava das bebidas para ele mesmo, Maria e Kelly, Rowdy atravessou a casa outra vez, verificando janelas, assegurando-se de que era segura durante as poucas horas de noite que ficavam. Dawg estava atualmente no quarto da Kelly, armado com um telescópio de visão noturna olhando à colina através do claro, vazia, enquanto Natches se deslizou fora para vigiar.

Voltando abaixo, acompanhou ao Kelly a seu próprio dormitório. Ela estava calada, retraída, e maldição se sabia que lhe dizer.

—Agarra uma de minhas camisas e vai à cama, carinho. —Não podia tocá-la, se o fazia, estava garantido que se humilharia completamente. Como podia um homem ser um idiota tão grande como ele? perguntou-se. E agora, como o arrumava?

Ela se moveu a seu armário enquanto falava, tirando uma de suas camisas mais cômodas. Teve que lhe dar crédito por saber o que ela queria.

Enquanto estava em pé em silêncio olhando-a, despiu-se até descobrir a pele nua e logo a atraiu a camiseta sobre a cabeça e a alisou até além das coxas. Sua roupa pendurava nela, mas levavam seu aroma durante semanas depois de que ela as levasse. A insinuação suave e sutil de mulher que só ele podia cheirar.

—Segue e faz o que tenha que fazer —lhe disse, sua voz fria enquanto jogava para trás as mantas e se arrastava dentro—. Estou muito cansada para tratar com isso esta noite.

Ele se moveu à cama, sabendo que era para meter-se dentro com ela, para sustentá-la contra ele. Seu controle estava disparado, sua necessidade por ela, por marcá-la, por apagar o toque de seus primos com o próprio lhe estava voltando louco.

—Dorme, neném. —aproximou-se o suficiente para inclinar-se e deixar que os lábios acariciassem as curvas ainda inchadas dos seus enquanto ela o olhava fixamente—. Cuidarei de ti, Kelly.

—Sim, fará-o —suspirou pesadamente, seus olhos cinzas escurecidos—. E amanhã, eu cuidarei de ti.

Ele não acreditava que se refira a sexualmente.

—Kelly...

—Esta noite não, Rowdy. —Sacudiu a cabeça firmemente—. Amanhã. Estou muito cansada para falar esta noite.

Ele podia ver a adrenalina se chocando contra ela, esgotando-a. Estava ainda em choque, lutando contra a realidade do ataque. Sonharia mais tarde, sabia. E os pesadelos poderiam ser feios. Prometeu-se que retornaria para então, que a sustentaria através delas, aliviando-a.

—Amanhã. —Acariciou-lhe o cabelo apartando o do rosto enquanto a acomodava na cama—. Vou abaixo um momento, neném. Deixarei a porta aberta e não estarei muito...

—Estarei bem, Rowdy —lhe assegurou, um fio de brincadeira lhe enchia a voz—. Vê. Deixe dormir.

Rowdy andou pela casa. A tensão nervosa era uma puta, e sofrer por isso não era algo que normalmente fizesse. Mas maldição se não ia cortar se a garganta para aliviar os pensamentos que o atormentavam.

Que demônios tinha feito?

Quando foi abaixo a primeira vez no Nauti Buoy, a vista do Kelly em pé ao lado do Dawg tinha enviado a seu pênis a uma ereção completa e o sangue lhe correu pelas veias. Como quando seu primo se moveu detrás dela, os lábios movendo-se sobre as nádegas, as abrindo, acariciando-a.

Fazia tanto calor como no inferno, sentindo o prazer da Kelly enquanto sua pequena boca quente rodeava a crista sensível de seu pênis. Refrear-se tinha sido duvidoso. As bolas lhe tinham doído a torturante necessidade, desesperado por estalar enquanto o prazer disso lhe tinha queimado as terminações nervosas.

Tinha ignorado essa tensão não familiar que começava a abater-se no fundo de sua mente. Lutava contra isso. Logo, mais tarde, enquanto se amamentava em seu mamilo apertado seus olhos tinham cuidadoso enquanto Natches dava prazer ao outro, e ouvia as palavras que Dawg lhe sussurrava. Quão molhada estava, quão quente, e a luxúria que enchia a voz de seu primo tinha golpeado ao Rowdy.

Ciúmes. Atitude possessiva. Não estava acostumado a essas emoções, mas agora rabiavam dentro dele até que apertou os punhos e a violência ferveu a fogo lento justo sob a superfície. Rogou pela oportunidade de pôr suas mãos sobre o pequeno filho da puta que espreitava a Kelly. Para descarregar a fúria e a agressão que se elevavam dentro dele em alguém que o merecesse. Nem Dawg nem Natches o mereciam, mas estava construindo-se, crescendo dentro dele até que Rowdy não esteve seguro de se poderia contê-la.

Entrou no salão, moveu-se para o pequeno bar que Ray mantinha a um lado da habitação e verteu uma medida de uísque em um dos copos. O líquido ardeu enquanto baixava mas não fez nada por acalmar à besta que rabiava dentro dele.

—O licor não ajuda, menino.

Girou, a mão apertou a culatra da pistola que levava antes de reconhecer a seu pai. Ray se parou na porta, vestido em um par de escuras calças de pijama de algodão e uma camiseta desbotada. Sua expressão era séria, com rugas de preocupação e os olhos brilhavam com conhecimento.

—Agarraremos-lhe. —Rowdy se encolheu de ombros—. Está perdendo a concentração...

—Não falava do perseguidor. —Entrou na habitação—. Estava falando sobre o que aconteceu nesse navio antes de que atacasse.

Rowdy se levou o copo aos lábios e tragou o resto do uísque antes de fazer uma tensa careta. Maldição, não necessitava esta conversação com seu pai.

—Deixa-o ir, papai.

—Não pinta bem, verdade, filho? —Ray se aproximou da barra, levantando um dos copos e vertendo sua própria bebida—. Começa te corroendo primeiro o intestino, te rompendo, te fazendo te perguntar aonde foi sua mente.

Rowdy entrecerró os olhos em seu pai, ouvindo o conhecimento em sua voz, a certeza que só vinha da experiência.

—Eles não tomaram —murmurou, perguntando-se por que infernos se incomodava em explicar-lhe a seu pai de todas as pessoas.

—Possivelmente não, mas algo aconteceu. Um pouco suficientemente forte para te assustar, para te manter acordado. Para despedaçar suas tripas com culpa.

Filho da puta.

—Foi disparada, papai, isso é bastante para sacudir a qualquer homem.

Ray sorveu sua bebida, lhe olhando fixamente sobre o bordo do copo. Rowdy não podia ocultar o conhecimento, por mais que de repente quisesse.

—Sei o que acontece, filho —suspirou pesadamente—. Pensa que você e esses dois primos teus cabeções são os únicos homens nesta família em pensar que sabem o que desejam em uma mulher? E em seu prazer? —Ray franziu o sobrecenho, os olhos obscurecidos—. Não o é. tentei te advertir desde que vislumbrei o que acontecia, e nunca quiseste escutar.

Rowdy olhou a seu pai curiosamente então. Durante anos, não tinha havido mais que uma insinuação da experiência sexual de seu pai que tinha sido menos que normal.

Ray grunhiu em tom zombador.

—Sua geração pensa que sabem tudo. Não sabe. A minha sabia o que era a reputação, e sabíamos o que devia ser mantido privado e o que devia ser ostentado. As mulheres como Calista James eram evitadas exceto para uns poucos. Sabíamos que nossas ações sempre seriam contraproducentes, se não naquele momento, mais tarde, em nossas mulheres, nossos filhos. Pensei que te ensinei isso, mas possivelmente falhei aí também.

Ray sacudiu a cabeça enquanto gesticulava para as cadeiras onde Maria e Kelly se sentou antes.

—Vêem aqui, Rowdy. Vamos falar.

—De que terá que falar?

—De guardar as aparências —suspirou seu pai seus dois primos esperaram quase sempre a que viesse pela Kelly. Não a amam como você, mas quando tira algo como isso fora das mãos de um homem, enchem o saco . E não quer essa classe enchendo o saco ,em homens dos que estiveste tão perto como se fossem irmãos.

Ray se inclinou para frente em sua cadeira, olhando ao Rowdy atentamente. Maldição, esse olhar tinha a capacidade de enviar o de volta a seus anos adolescentes e as lembranças dos castigos de seu pai.

Já não era um adolescente, mas nesse momento se sentia tão inseguro como um.

Rowdy girou seu olhar a sua bebida, perguntando-se que demônios se supunha que devia dizer. Já tinha averiguado que tinha cometido um engano tremendo, não necessitava a seu pai para destacar-lhe

—É duro, estar tão perto dos homens como você o está do Dawg e Natches —suspirou Ray—. Vocês três são tão próximos como irmãos, sempre o fostes. —Sacudiu a cabeça, olhando fixamente ao copo na mão enquanto fazia uma careta dolorosamente—. Tive a um amigo assim uma vez, Rowdy. —Levantou os olhos então—. Um maldito bom amigo.

Rowdy lhe olhou fixamente, sabendo o que vinha. Sabendo que não queria ouvi-lo.

—Foi antes de sua mãe —Ray se esclareceu garganta—. E havia uma mulher. Uma que fazia que o sangue fervesse em minhas veias, me fazia desejar tê-la para sempre. Mas fui tolo. Muito tolo. Pensei que sempre seria o homem que era então. Que o que desejava sexualmente sempre seria uma parte de minha vida. E compartilhei a essa mulher. Porque pensei que esse prazer era o presente maior que lhe poderia dar...

Bebeu o resto de sua bebida antes de encontrar os olhos do Rowdy uma vez mais.

—Kelly deveria ter sido sua irmã, Rowdy. Se eu não tivesse sido tão estúpido, não teria perdido a Maria todo esses anos. Ela escolheu ao amante disposto a amá-la somente a ela, mas que seu próprio egoísmo. Disposto a lhe dar tudo de si mesmo, sem a necessidade juvenil de ter toda a sua própria maneira.

A mandíbula do Rowdy se esticou apertadamente.

—Pai, deixa-o ir. —Rowdy sacudiu a cabeça bruscamente.

—Está-o entendendo, posso-o ver em seus olhos. Da mesma maneira que pensei que o estava entendendo. Mas permiti que esse vínculo que pensava que tinha com meu companheiro se interpos. Estive dividido entre a perda da amizade e minhas próprias necessidades. E pensei que a mulher estaria ali de qualquer maneira. Não foi o amigo ao que perdi, Rowdy. Foi a mulher. E confia em mim, quando isso ocorra, Kelly não é diferente de sua mãe.

Rowdy aspirou profundamente. Maldição, tinha sabido que não queria ouvir isto. Levantou o uísque antes de adicionar mais licor em seu copo.

Seu pai estava silencioso, terminando sua bebida enquanto Rowdy sorvia a sua.

—A amo —exalou Rowdy por último rudamente—. Embora não o esperava.

—O amor nos troca, filho. —Ray ficou em pé, cruzando o quarto para pôr lentamente seu copo vazio na barra—. Não cometa o mesmo engano que eu, Rowdy. Uma vez que passe, uma vez que permita a outro homem reclamar o que é teu e só teu, perde uma parte de sua alma. Recuperá-la é um inferno verdadeiro. Um inferno que espero que nunca conheça.

Rowdy olhou fixamente a seu pai em silêncio, finalmente ouvindo o que o outro homem sempre tinha tratado de lhe ensinar. O que era justo, o que queria só, não era tudo o que importava. Tinha começado a aprendê-lo na Marinha, mas lhe golpeava dentro do coração agora.

—James Benton era ainda um amigo quando morreu, Rowdy. E cresci e aprendi algumas lições malditamente duras. Maria me deu outra oportunidade, mas essa oportunidade veio com um custo. Um custo muito alto. A filha que devia ter sido minha vinha de outro homem e o filho que amava mais que à vida está a ponto de foder não só sua própria vida, a não ser a dessa garota também. Olhá-lo e saber que não posso parar é um inferno. Recorda-o enquanto luta entre o que amas e o que desejás.

Enquanto Rowdy olhava a seu pai deixar o quarto, um suspiro pesado passou por seus lábios. As objeções da Maria a sua relação tinham mais sentido agora. Sacudiu a cabeça, dando-se

conta de quão bem seu pai, James Benton e Maria tinham mantido esse segredo. Reputações. As suas estavam intactas, mas a sua não. E agora, arriscava a de Kelly também.

Inclinou o copo aos lábios uma vez mais e terminou a bebida fazendo uma careta tensa. Obviamente Kelly não tinha a menor ideia do passado de sua mãe e não precisava sabê-lo, decidiu. Eles tinham lutado para proteger-se a si mesmos e a seus filhos e Rowdy não trairia a confiança. Mas maldição se não desejava que seu pai lhe tivesse metido algum sentido faz anos.

Então ele sorriu tristemente, sabendo que as oportunidades de que isso tivesse funcionado teriam sido escassas. Alguns homens tinham que aprender suas lições de maneira difícil.

Kelly estava acordada quando ele voltou para o dormitório um pouco depois da meia-noite. O sono não vinha, por muito que ela o buscasse duramente. Cada vez que fechava os olhos se via... a si mesmo... rodeada pelos primos Mackay, as mãos tocando-a enquanto o prazer a golpeava. Mas não era prazer o que sentia na memória. Sentia o redemoinho escuro da vergonha.

As mesmas emoções que havia sentido cada vez que jurava que não esperaria um dia ao Rowdy e que ia encontrar a alguém que a amasse. Para ficar e estar com ela. Cada vez que o tinha tentado, cada vez que tinha procurado permitir a outro homem tocá-la, a vergonha a havia comido viva dias mais tarde.

A porta se fechou detrás dele, o clique da fechadura fez que abrisse os olhos, para olhar fixamente a escuridão enquanto sua sombra se movia para a cama.

Deus, amava-lhe. Se pudesse lhe dar todos seus desejos o faria em um segundo, mas algumas coisas sabia que não podia lhe dar. Dawg e Natches, não podia. E não tinha a menor ideia de como dizer-lhe. Nenhuma idéia de como começar a falar do que sabia que poderia destruir a relação com a que tinha sonhado.

—Tudo está tranquilo —disse ele brandamente enquanto se tirava a camisa.

O quarto estava escuro, muito escuro para distinguir alguma expressão, mas podia ouvir sua voz, ver o brilho dos olhos.

—Estava-te esperando. —Ela podia sentir a tensão entre eles, e desejava saber porque estava ali. Era a sua ou a dele?

Rowdy se sentou na borda da cama, se detendo antes de suspirar cansadamente e dobrar-se para desamarar a sapatilhas que se atou nos pés antes de deixar o navio.

Suas largas costas se moveu, os músculos ondularam sob a escura carne quando ela se incorporou na cama.

—Rowdy? —Cochichou seu nome, insegura do que dizer, que fazer enquanto ele ficava em pé e desabotoava seu jeans.

Estava nu. Quando se girou para ela vislumbrou a longitude pesada e torcida de sua ereção um segundo antes de que fora de repente atirada para ele.

—Rowdy? —Ofegou seu nome enquanto seus lábios cobriam os seus, lhe roubando o fôlego, seu grito assustado.

E dali, sua força. As mãos foram duras, dominantes enquanto Rowdy rompia a camisa de seu corpo, atirando-a descuidadamente ao piso antes de que seus lábios tomassem os seus outra vez. Seus gritos mudos se construíam na cabeça de Kelly enquanto ele a sujeitava na cama, lhe abrindo as coxas, afundando-se nela.

Não houve preliminares. Nenhuma carícia estimulante. Um momento estava vazia, o seguinte estava cheia, a vagina estirado a seus limites enquanto ele gemeu em sua boca.

Ela lutou por respirar e podia sentir sua luta também. Os duros sons que rasgavam a garganta do Rowdy eram quase bestiais em sua fome, sua intensidade. Os lábios refreavam seus gritos quando começou a mover-se, golpes duros e furiosos dentro dela, enviando suas terminações nervosas em descarga, o prazer rasgando por ela com o mesmo desespero com que sua ereção empurrava nas profundidades escorregadias e quentes de seu corpo.

Envolveu os braços em seu pescoço, empurrando os dedos por seu cabelo enquanto uma mão dura lhe agarrava pelo quadril, sustentando-a no lugar enquanto ele se movia. O outro braço se curvou embaixo dela enquanto se apoiava no cotovelo.

Rodeou-a. Possuiu-a. O prazer chegou a ser uma ardente, consumidora necessidade enquanto a fodia com uma fome que varreu por sua alma. Ela quase podia tocar sua alma. Então os olhos do Rowdy se abriram, de par em par, a surpresa e o êxtase estalaram por ela quando o orgasmo que a alcançou lhe roubou parte de seu espírito. Roubou-o e o uniu com o dele. Mesclados juntos enquanto ele se esticava sobre ela, seu pênis inchando-se e logo pulsando enquanto sua liberação lançava jorros dentro dela. Profundo, quase violentos jorros de sua semente a esquentaram, provocando outro orgasmo mais profundo, enviando estrelas a estalar ao redor dela enquanto chiava sem ruído em seu beijo.

—Minha! —O grunhido duro e gutural que deixou a garganta teve que ter sido sua imaginação.

Possessiva. Apaixonada. Dela.

Capítulo 14

—Rowdy, não poderemos mantê-la aqui. —Dawg se moveu pelo salão, verificando as janelas e os trincos a manhã seguinte—. O sistema de segurança de seu pai é bom, mas não parará uma bala.

—Não conheço muitos que o façam —murmurou Rowdy, sossegando sua impaciência enquanto se passava os dedos pelo cabelo e inspecionava o salão.

Tinha estado no resto da casa, enquanto Dawg e Natches tinham ido à colina. O bastardo se estava ocultando ali de noite, olhando a casa e tinha um disparo claro de cada quarto de um ponto ou outro, se um deles o danificava e não se aproximava da cortina o bastante.

E isso não trocava o fato que de que seu pai e Maria se negavam a ir-se. Igual a Kelly.

—Retornará o bastante rápido para evitar que avancemos na segurança aqui —disse Natches arrastando as palavras da entrada—. Esteve no claro frente a seu quarto ontem à noite. Eu nunca o vislumbrei, mas lhe podia sentir. Esteve ali. E é malditamente bom.

Merda.

—Temos que conseguir tira-la daqui, Rowdy —reiterou Dawg—. Agora. Minhas tripas se voltam loucas com isto. Quem quer que seja o bastardo, perdeu sua condenada memória. Não preocupará a quem mate para chegar a Kelly.

—Sua casa? —Os olhos do Rowdy se estreitaram na expressão do Dawg. Podia ver a expectativa ali, o entusiasmo.

A casa do Dawg era uma obra subterrânea construída por seus pais. O exterior era de cimento e pedra coberto com um revestimento de madeira áspera. As janelas eram extra grossas e depois da volta do Dawg da Marinha, antibalas. Pelo que qualquer soubesse, só havia um caminho de entrada ou saída. Ninguém sabia da entrada oculta exceto eles três.

Dawg assentiu.

—É a mais segura.

Rowdy se reforçou. Podia sentir a tensão sexual que começava a esquentar o quarto. Seus primos tinham esperado anos para isto. Inferno, todos o tinham feito.

—Não a vou compartilhar. —As palavras saíram da boca Rowdy antes de que pudesse as parar.

Levantou a cabeça, a mandíbula apertada enquanto Dawg e Natches lhe olhavam fixamente com surpresa.

—É sua decisão ou a da Kelly? —Natches inclinou a cabeça de lado e lhe olhou curiosamente.

—Não importa de quem é a decisão. —Rowdy empurrou as palavras pelos lábios, procurando conter a ira que se elevava ante a pergunta de sua primo—. Não vai acontecer. Mudaremos-nos à casa, mas as mãos longe. Ponto.

Dawg suspirou pesadamente, uma careta retorceu sua expressão.

—Agora filho da puta, como sabia que você ia ir e colocar-te foddidamente ciumento? —queixou-se, os olhos azuis estreitados com irritação—. Inferno Rowdy, falo sobre excesso de excitação aqui.

—Falar é condenadamente mau —murmurou Rowdy enquanto seus músculos se flexionavam e esticavam sob a carne. Maldição, esta merda fedia. Como se a atitude possessiva, as emoções que sentia por ela fossem um ente separado dentro da carne e o osso.

—Infernos, podemos discutir sobre isto mais tarde —grunhiu Natches por último—. depois de que me desforre nesse filho da puta que a espreita. Logo podemos lutar sobre os direitos de compartilhar.

—Não há direitos de compartilhar. Ponto. —Disse bruscamente Rowdy. Quão único o refreou de desmembrar a seus primos foi o fato de que os conhecia. Não estavam de saco cheio, pelo menos ainda não. Mas Rowdy admitiu que ele o estava conseguindo rapidamente.

—Te tranqüilize, cara —exalou Dawg rudamente—. Inferno, teria sido agradável, mas ninguém empurra aqui. Não valeria uma merda se vocês dois não o desejassem de todos os modos.

Rowdy entrecerró os olhos em seu primo maior. Havia uma vaga inquietação em sua voz e se deu conta de que tinha estado ali durante um momento.

—Que demônios criem que vais fazer? Crescer? —Disse bruscamente Natches então, o asco bordeando sua voz—. Se queria crescer teria permanecido na fodida Marinha.

Rowdy pôs os olhos em branco. A confiança do Natches para chegar ao essencial.

—Adivinho que tinha que ocorrer finalmente —suspirou Dawg—. Anda, vamos esconder à pequena bagunceira na casa e ver o que podemos fazer para fazer sua vida um pouco mais segura antes de que ela tome ao resmungão aqui presente. —Ondeou a mão para o Rowdy.

—Esta idiotice de apaixonar-se fede realmente —comentou Natches enquanto se girava e se dirigia fora da sala—. Me recordem evitar isto, vale caras? Só Deus sabe em que classe de idiota acabaria me convertendo se cometesse esse engano. —Sua careta fez que um sorriso aparece-se nos lábios do Rowdy.

—Cuidado, Natches, sabe o que acontece quando tentamos ao destino. —Quantas vezes se asseguraram a si mesmos que a diversão e os jogos nunca terminariam. E agora olhe onde estavam.

—O destino pode beijar meu rabo —grunhiu—. Melhor ainda, pode chupar meu pênis. Sou livre e sem compromisso, cara. E assim é como permanecerei.

Rowdy olhou a seu primo cautelosamente. Havia uns raios golpeando em algum lugar, estava seguro, e nesse momento decidiu que não queria estar em nenhum lugar ao redor do Natches quando finalmente conseguisse apaixonar-se.

O sol estava alto no céu essa manhã antes de que chegassem à casa do Dawg. Kelly soube no momento em que viu a casa por que tinham escolhido a do Dawg como uma localização segura. Esqueceu-se da casa subterrânea, construída pelos pais do Dawg, assentada na base da montanha que corria por sua propriedade aos subúrbios do Somerset.

Tinha sido uma casa de férias, privada, fora do caminho, e tão extraordinária como seus pais tinham sido. A fachada da casa era de cálida madeira, cobrindo aço e cimento, com grandes janelas que olhavam à cozinha pela esquerda e ao grande salão pela direita.

Não era opulenta, nem mobiliada por todo o alto, mas era uma morada subterrânea imensa com quatro dormitórios, acompanhados de banheiros privados. Havia um quarto de exercícios e uma adega maior que alguns apartamentos nos que tinha estado.

A casa estava construída em três níveis —a cozinha, o salão e o ginásio no primeiro nível, dois dormitórios em cima e debaixo, e o porão em um terceiro nível. Ela compreendia agora por que o pai do Dawg, Chandler Mackay, tinha sido considerado um dos melhores arquitetos da nação.

Tinha sido surpreendente quando Dawg entrou no Exército, e logo começou sua própria empresa de segurança depois de ter dado baixa. Todos tinham esperado que seguisse os passos de seu pai.

Rowdy a guiou pelo grande salão ao corredor largo que se abriu detrás. Ali, dois conjuntos de degraus de madeira curvos levavam aos outros níveis. Apartou-se enquanto alcançavam a escada que levava ao nível superior, lhe permitindo mover-se diante dele.

Os corredores eram estreitos, mas cômodos, e se dirigiam a outro corredor curto e duas portas abertas.

—A esquerda. —Com um golpezinho do cotovelo a dirigiu para a porta aberta, sua voz não admitia discussão enquanto se moviam à habitação.

Uma cama imensa tomava o centro do quarto, coberta com finas cortinas que penduravam de um anel de aço no centro do teto e maçãs em cada rincão da cama.

Um penteadeira de madeira escura e uma cômoda, um escritório e uma nécessaire estavam contra as paredes. Imagens cênicas emolduradas que pareciam janelas no lado distante da cama. detrás disso, outra porta se abria ao que obviamente era um quarto de banho grande.

—Agradável —murmurou ela enquanto Rowdy se movia detrás dela e fechava a porta antes de pôr suas bolsas no piso. Devia ter empacotado tudo o que ela tinha antes de deixar a casa de seu pai.

—Pega ao Dawg. —encolheu-se de ombros com negligência—. Segue e te acomode, toma uma sesta se o necessitar. Sairemos para jantar mais tarde.

—Só nós dois? —girou-se para ele lentamente, mantendo sua expressão cuidadosamente em branco.

—Se isso for o que quer. —Cruzou os braços sobre o peito enquanto a olhava, a camiseta cinza que levava se estirou sobre os músculos tensos.

—Quero estar sozinha. —Apertou os lábios firmemente—. Lhe disse isso.

A discussão tinha rabiado durante horas.

—E te disse que pode esquecê-lo —repetiu, não pela primeira vez enquanto deixava cair os braços e se aproximava. Kelly retrocedeu, ignorando seu cenho obscuro—. Kelly, neném, não tem que fazer isto, tudo estará bem.

—Seguro que sim. —Sorriu apertadamente—. Por isso permanecemos em uma casa que provavelmente pode defender-se contra o ataque de um governo estrangeiro e seus primos empacotam suficientes arma para defender-se contra um exército.

—São somente por precaução —lhe assegurou—. Temos um plano, prometo-o.

—Como ontem à noite?

—Não, ontem à noite foi sozinho para ver quão idiota podia ser esse bastardo. É o bastante idiota para necessitar ajuda para respirar neste ponto. Não será tão difícil agarrá-lo.

A confiança brilhava em seus olhos, ainda enquanto o terror lhe queimava o ventre.

—Já teria sido capturado se fosse fácil. —passou-se os dedos pelo cabelo enquanto sacudia a cabeça—. O subestima, Rowdy.

—Possivelmente você me subestima —grunhiu ele enquanto tirava as mãos, empurrando-a a seu abraço antes de que pudesse lhe evitar.

O calor crepitou instantaneamente através de seu corpo, quase lhe cortando a respiração enquanto pressionava a dura longitude de sua ereção contra seu ventre.

—Quer que te ajude com a ducha? —Acariciou-lhe com o nariz o pescoço, a língua lhe lambendo o pulso eroticamente enquanto os dedos se apertavam nos quadris.

Kelly se agarrou a seus ombros, insegura de se a debilidade nos joelhos ia converter se em permanente a não ser se deixava de tocá-la tanto. Precisava pensar, não necessitava a sua mente obstruída por seu beijo, sua paixão.

—Me posso arrumar isso sozinha. —Sua voz era rouca, apesar da força que tentava injetar nela.

—Hmm. —Ele levantou a cabeça, olhando-a fixamente, astutamente antes de cochichar—, arrumado a que pode, mas pode dirigir isto sozinha?

Os lábios capturaram os seus antes de que ela pudesse fazer algo mais que ofegar, cobrindo-os, tomando-os enquanto a língua lhe lambia as curvas, tentando-a a jogar com ele.

Quanto tinha desejado sempre jogar com o Rowdy desta maneira. Os lábios do Rowdy brincavam com os dela enquanto a olhava fixamente, os olhos pesados e obscurecidos com a fome sexual. A língua acariciou a dela, retirando-se, logo retornando por mais até que esteve gemendo e estirando-se para ele, desesperada pelo beijo com o que a estava excitando.

—Faminta de mim, neném? —Sua voz era veludo escuro, raspando contra seus sentidos enquanto ela se arqueava contra ele.

—Sempre estive faminta de você —sussurrou ela, beliscando seus lábios enquanto os olhos dele se estreitavam, sua expressão voltando-se primitiva, aprofundando com energia sexual enquanto as mãos lhe acariciavam os ombros, o peito e mais abaixo.

Lhe necessitou. Nunca tinha fingido outra coisa. Necessitava tudo o que ele era, tudo o que ele queria e desejasse lhe dar.

Ela agarrou o tecido de sua camiseta, tirando-a rapidamente do cinto de seu jeans para poder lhe arranhar a carne com as unhas. A resposta tremente que lhe percorreu a carne enviou formigamentos eróticos ao calor entre as coxas.

— Tire a camiseta, Rowdy. —Empurrou a prega pelo peito antes de baixar a cabeça, os lábios pressionando a pele salpicada de pêlo e baixando ao mamilo masculino, duro e plano que atraiu sua atenção—. Te quero nu. Quero-te contra mim, dentro de mim.

A camisa foi tirada de um puxão de seu corpo e jogada à parte.

Kelly murmurou sua aprovação ao lambeo ao redor do mamilo apertado e duro que a fascinava. Quanto amava os lábios do Rowdy nos seios, os dentes raspando seus próprios bicos duros.

Arranhou sobre o ponto apertado com um pequeno beliscão tentativo.

—Filho da puta. —Ele se estremeceu, as mãos agarrando-a do cabelo, apertando as mechas antes de apertá-la contra ele outra vez—. Outra vez, Kelly. Deus, neném, faz-o outra vez.

Fez isso e mais. Lambeu, chupou, arranhou o lugar até que pôde sentir um brilho fino de suor que lhe cobria o peito e sentiu sua respiração pesada.

Moveu os dedos mais abaixo, lutando com os botões de metal de seu jeans, soltando-os e abrindo o tecido. Não levava roupa interior. Rowdy não era um homem do tipo de roupa interior,

e ela sabia. O qual lhe vinha bem. Fazia mais fácil liberar a longitude dura de seu pênis, que subia quase até o umbigo, grossa e pesada, a cabeça torcida e úmida pela sedosa gota que a cobria.

—Chupa-o. —A voz do Rowdy era rouca enquanto elas lambia um atalho por seu peito à carne endurecida de abaixo.

—A paciência é uma virtude. —Ela logo que podia falar pela luxúria que se elevava dentro dela.

—Que se foda a paciência —gemeu, as mãos lhe atiravam sensualmente do cabelo—. Deus neném, sabe quanto sonhei te olhando envolver essa bonita boca ao redor de meu pênis?

Um murro de excitação lhe convulsionou a matriz e enviou um espasmo de resposta trememente pela vagina.

—Deveria havê-lo sabido ontem à noite —ofegou ela—. Possivelmente não quero agora.

Mas o fez. Agarrou o pesado peso de sua ereção enquanto utilizava a outra mão para empurrar a banda de seu jeans. Um grunhido de impaciência saiu da garganta do Rowdy enquanto se movia, tirando-os sapatos antes de desfazer-se rapidamente de seu jeans.

Cada segundo que tomou despir-se, a palma acariciou seu pênis, acima e abaixo, apertando na base antes de afrouxar-se e subir pelo membro sedoso uma vez mais. Até que as mãos dele estiveram no cabelo outra vez, apertando as mechas, enviando dardos ardentes por sua cabeleira enquanto a luxúria lhe açoitava o sangue. Pontadas de sensações, de necessidades correram pela carne da Kelly enquanto a emoção explorava em seu peito.

Rowdy. Tinha sonhado com ele, tinha-lhe desejado, esperado. Agora, tudo pelo que tinha rezado estava ameaçado por causa de um ato descuidado de sua parte. Porque tinha esperado. Porque tinha desejado que Rowdy a seduzira mais que tomasse. Se tivesse pertencido ao Rowdy antes de que ele se fosse o último ano, o violador nunca se teria concentrado nela. E ela poderia lhe haver pertencido. Ele tinha tratado de lutar contra isso mas a tinha desejado tanto como o fazia agora. Tinha estado faminto tanto como ela.

Kelly baixou os lábios os últimos centímetros enquanto se inclinava sobre ele, tomando a cabeça com forma de cogumelo entre os lábios enquanto a língua acariciava a crista que pulsava.

—OH foder —grunhiu ele, as mãos tironeando de seu cabelo, empurrando o justo para acender uma repentina chama deslumbradora de necessidade dentro dela.

Gostava da dor. Não a verdadeira dor, essa faísca de intensidade, a queimadura erótica que acentuava o prazer. Gostava e queria mais.

Kelly envolveu os dedos ao redor do caule de seu verga, acariciando, bombeando com golpes lentos e medidos enquanto começava a amamentar a cabeça com fome crescente que não podia controlar. Queria tomar tudo dele. Queria sentir seu pênis pulsar em sua boca, sentir o sêmen pulverizando-se em sua língua.

—Aqui, carinho, me deixe te ajudar a te tirar essas roupas.

Os dedos empurravam em sua camisa, atirando das mãos e cabeça até que liberou a carne para tirar a camisa do corpo.

—Vêem aqui, carinho, vira à direita para mim. —Rowdy a girou enquanto as mãos lhe tiravam os jeans pelas coxas antes de empurrá-los pelas pernas enquanto lhe deslizava os sapatos fora dos pés.

Os lábios tocaram a coxa enquanto a despia, o joelho, a língua lambeu, os dentes raspavam.

Levava-lhe muito e lhe estava tomando muito, ela estava segura de que ia chiar de entusiasmo enquanto o sentia empurrando-a à cama, suas mãos duras e calosas separando as nádegas pouco antes de que os lábios famintos comesçassem a acariciar a carne oculta.

Não podia respirar. Os frios dedos lubrificaram a greta estreita, deram massagens à tensa entrada de seu traseiro enquanto gritava de prazer.

—Aqui, neném —a voz do Rowdy sussurrava através de seus sentidos—. Somente sou eu. sente-se bem, carinho. Somente para mim.

Uma mão a sustentou no lugar enquanto a outra lentamente, preparava metodicamente o traseiro.

—Desejo-te aqui, Kelly —gemeu Rowdy enquanto ela sentia como seu dedo escorregava completamente dentro dela antes de retirar—. Te necessito aqui. Quero apartar essas bonitas bochechas e olhar como seu doce traseiro suga meu pênis.

Ela não pôde parar o rouco grito que saiu por sua garganta, nem a fome por ele. Rowdy a fazia voltar-se louca. Seus dedos bombeavam dentro do ânus agora, dois, estirando-a, fazendo-a arder de maneiras que nunca tinha imaginado.

Podia sentir os sucos que se derramavam da vagina, espessos, sedosos, empapando as nuas curvas enquanto ele excitava seus clitóris com um dedo, fazendo que seus quadris dessem puxões e enviavam garras de necessidade rasgando por sua matriz.

Necessitava... OH, Deus necessitava os dedos bombeando dentro de sua vagina, enchendo-a ali enquanto as sensações exploravam por todo seu corpo.

Podia sentir como sua entrada traseira era estirada ainda mas, hábil e fortemente lubrificada enquanto Rowdy seguia pressionando em seus clitóris, mantendo-a rogando por mais.

Seus quadris se revolviam, conduzindo os dedos mais profundo dentro dela. Ele respirava com dificuldade, quase tão duramente como ela.

—Mais, neném. —Outro dedo se uniu aos primeiros dois, trabalhando dentro dela, estirando-a até que estava ardendo viva por mais, preparada, disposta a implorar por mais se somente pudesse encontrar a força para falar.

—OH Deus! —Ela se estremeceu, arqueando-se ante a plenitude que a estirava.

—Três dedos, Kelly —grunhiu Rowdy enquanto fechava o braço ao redor da cintura, sustentando-a reta—. Três dedos enterrados nesse pequeno traseiro apertado. Quando os tirar, estará preparada para mim. —Pressionou sobre seus ombros até que ela se tombou na cama. Rowdy a moveu, colocando-a enquanto a agradava, apoiando seus joelhos sobre o colchão e empurrando seus ombros abaixo.

Todo o tempo trabalhou os dedos dentro dela, empurrando-os quase fora, pulverizando mais do gel fresco sobre eles antes de trabalhar dentro dela uma vez mais.

—Maldição. Tão fodidamente bonito... —Ela sentia a mão lhe acariciando a nádega enquanto ele liberava os dedos—. Tão bonito e tão malditamente doce...

—Rowdy... —seus dedos apertaram a manta enquanto sentia a crista torcida de sua inflamada franga contra a entrada.

—Deixa que entre, neném —sussurrou—. Sozinho um pouco. Te permita sentir como o prazer e a dor se mesclam, como te pode fazer voar como nada mais o faz.

Pressionou mais perto.

Kelly conteve a respiração, sentindo que a malha nervosa começava a separar-se, para sugá-lo dentro, curvando-se ao redor dele enquanto começava a arder.

Lutou por respirar através do prazer. Através do calor. Através das sensações que rasgavam sua mente e a deixavam aturdida com explosões de calor ardendo através de seu corpo.

—Maldição. Está apertada, carinho. —tornou-se para atrás e seguiu adiante outra vez, levando a crista grossa mais à frente com cada golpe.

Por debaixo, os dedos rodearam seus clitóris que pulsava, acariciou-lhe a abertura e massageou a entrada de sua vagina. Ela empurrou para trás, desesperada por senti-lo dentro dela.

—Rowdy! —Gritou seu nome enquanto sentia a cabeça de seu pênis dentro dela. Um duro, cegador lance da malha que a fez arquear-se, que fez que suas terminações nervosas ardessem enquanto um dedo se afundava nas profundidades de sua vagina.

Rowdy se deslizou dentro dela até o punho. As mãos se apertaram nos quadris, sustentando-a firme enquanto sua respiração rouca ressonava em seus ouvidos. Parte grunhido, parte gemido, seu prazer era ruidoso, físico, envolvendo-se ao redor dela e mesclando-se com o seu. Isto era o que ela queria. Necessitava. isto somente. Somente com o Rowdy. Ele se moveu então, lentamente, arrastando seu pênis até quase liberá-la antes de pressionar outra vez. O movimento enviou violentas ondas de prazer através dela enquanto rogava ao Rowdy pela liberação.

—Deus sim, neném. É tão doce. Tão apertada. Tão quente —disse com voz rouca, sua voz escura e arruda enquanto começava a empurrar dentro dela lento e com calma.

—Sim. —estirou-se para trás—. Por favor... —Ele necessitava profundo dentro dela. Necessitava sua ereção furando-a mais duro enquanto os dedos excitavam a vagina—. Agora...

Deu-lhe o que pedia. Lentamente. Excitantemente.

Os dedos acariciaram as dobras inchadas da vagina um segundo antes de retirar a mão, só para voltar. Os olhos dela se abriram de repente, um grito assustado saiu de seus lábios quando sentiu a vibração e o zumbido do vibrador que ele pressionava contra sua abertura vaginal. A ponta grossa entrou na vagina, queimando-a ainda mais.

—Maldição, estas tão fodidamente apertada.

Ela podia sentir o suor que lhe cobria a pele, que gotejava dele.

Kelly sacudiu a cabeça.

—Tome. Por favor...

Lhe ouviu, sentia ao Rowdy pressionar o vibrador para cima, trabalhando dentro dela lentamente. Os músculos anais se flexionaram ao redor da verga invasora enquanto sua vagina convulsionava ao redor do vibrador que a enchia. A cabeça estreita do brinquedo seguiu adiante, fazendo lugar no túnel.

Não era como algo que pudesse ter imaginado. Enquanto Rowdy enchia seu ânus com seu pênis, enchia sua vagina com o vibrador, enchia-a até que esteve segura de que não podia tomar mais, somente para aprender que podia tomar mais. Muito mais.

Quando o brinquedo se assentou completamente dentro dela, seus chiados de prazer tinham girado a súplicas roucas e incoerentes. O suor revestia seu corpo enquanto seus sucos revestiam as coxas. Estava escorregadia por toda parte, molhada, perfurada e morrendo por mais.

—Como é, neném? —Rowdy se inclinou sobre ela, o peito pressionava contra ela levemente enquanto a fodia lentamente e com calma—. Pode tomá-lo?

—Por favor... —Ela chorava, tão desesperada por gozar que estava tremendo da necessidade—. Foda-me. Por favor. Por favor...

Ele se moveu. Seu pênis e o vibrador começaram a empurrar dentro dela conjuntamente. A fricção, a intensidade enroladora de prazer a consumiu. Ao princípio lento, tentativo, então mais rápido, mais duro, ele começou a empurrar dentro dela com golpes fortes e poderosos.

Kelly se retorceu entre o Rowdy e o brinquedo, as sensações da penetração dupla, do prazer que fluía entre eles, somente eles, ninguém mais, fez que o êxtase chiasse por seu sistema.

Não poderia sobreviver a este prazer. Queimava, intensificava-se, roubava sua mente, seu corpo. Sentia cada golpe que esticava sua matriz, empurrando-a mais perto, mais profundo no redemoinho que a alcançava.

Ia estalar. Podia senti-lo, voava mais perto, sentindo que o êxtase crescia, o prazer, tão profundo, tão intenso, tão entristecedor...

O nome do Rowdy estava em seus lábios. Um grito de temor, de êxtase enquanto sentia o orgasmo rasgar por ela. Esticou-lhe o corpo, sua vagina, rompeu por ela e a lançou a um prazer contra o que não podia lutar, não podia resistir.

Sentiu ao Rowdy esticar-se, sentiu o calor de sua liberação, os estremecimentos duros que se difundiram por seu corpo e o calor, uma chama cegadora de emoção que lhe fez gritar seu nome.

Quando os duros, assoladores estremecimentos aliviaram seu corpo se desabou contra ele, esgotada, exausta, segura de que não poderia abrir os olhos embora sua vida dependesse disso.

Capítulo 15

Rowdy saiu do quarto de banho meia hora mais tarde, vestido com jeans frescos e uma camisa antes de mover-se para a cama e os sapatos que tinha deixado esquecidos ao lado. Kelly ainda dormia. Um sono profundo sem sonhos. Estendida sobre o estômago, um braço metido sob o travesseiro onde descansava a bochecha, respirando profundamente. Parecia inocente, doce e intocada.

Era difícil acreditar que tinha sido uma fera menos de uma hora antes. A doce gatinha dormia desossadamente sem semelhança de preocupações, pensou com um sorriso. Rowdy sacudiu a cabeça, o sorriso lhe enrugou o rosto ainda mais ante a lembrança. Sempre tinha sabido que ela seria um foguete na cama, preparada e disposta para qualquer aventura que lhe pudesse dar. Era pouco sofisticada, luxuriosa, e gostava desse agudo bordo de dor que ele desfrutava dando.

Estirou-se, lhe apartando uma grossa mecha de cabelo da bochecha enquanto a emoção lhe afligia, apertava-lhe o peito e lhe recordava o que podia ter perdido. Se tivesse cedido à demanda de tomá-la um ano antes, o ataque nunca teria acontecido. Inferno, não, não teria acontecido porque ele teria pedido outra missão. Não poderia havê-la deixado. Tinha-o sabido então. Uma vez a tivesse, não havia maneira de que pudesse ir-se.

Estava louco por ela. Tão louco de amor por ela que lhe aterrorizava até as plantas dos pés. Ela era jovem como o inferno, e ainda tão inocente que lhe rompia o coração.

Essa inocência era tanto uma parte de sua alma que sabia que com muito cuidado e amor, sempre permaneceria. As mulheres como Kelly não vinham todos os dias e sabia. As mulheres tão inocentes que seus corações brilhavam nos olhos, em seus sorrisos. Mulheres que via no passado o que o mundo queria que fossem, e quem aceitava com anseia quem era em realidade.

Inclinando-se para frente, pressionou um beijo de mariposa contra sua frente antes de estender a coberta sobre os ombros e voltar-se para seus sapatos.

Minutos mais tarde andava a pernadas pelo corredor ao salão onde Natches e Dawg lhe esperavam. Natches tinha a cabeça contra o sofá, os olhos fechados. Dawg parecia mal-humorado enquanto lhe olhava da cadeira onde estava sentado.

—Bastardo! —grunhiu Dawg enquanto Rowdy se deixava cair em uma cadeira em frente dele—. Os deveres do guarda fedem.

—Embora o guarda valha a pena? —Rowdy levantou uma sobrancelha, olhando fixamente a seu primo de maneira inquisitiva.

Dawg sorriu com satisfação.

—Guarda pago. Saí inadvertidamente pelo buraco do cão e encontrei uma pequena e agradável pista no topo. Temos algum movimento definido.

Os olhos do Natches se abriram enquanto se endireitava no assento, sua expressão voltando-se tão escuramente perigosa como se sentia Rowdy.

—Que classe de movimento?

—Homem pequeno, apenas mais alto que Kelly. Vestido com equipe de caça com uma máscara encapuzada. Estava sendo verdadeiramente cuidadoso. Olhava à casa de uma espessa cobertura. Não podia conseguir um disparo.

—Reconheceu algo? —estavam-se aproximando. O bastardo estava perdendo seu agarre com a realidade se tinha estado na casa do Dawg tão logo depois do ataque.

Dawg sacudiu a cabeça.

—Olhei-lhe como melhor pude. Possivelmente algo se desencadeará lhe vejo ao redor. —Uma careta torceu sua expressão—. Agarrá-lo possivelmente não seja fácil, mas tenho a sensação de que fará outro movimento logo.

É obvio que o faria, pensou Rowdy.

—Tomarei a guarda aqui fora —Natches falou mais alto então, sua voz suave, despretensioso. Perigoso. Uma atitude de bom menino que cobria um coração de aço com determinação.

Rowdy olhou curiosamente. Natches tinha trocado em maneiras que era difícil assinalar com o dedo. Havia retornado da Marinha só meses antes de que o fizesse Rowdy, mais calado e

muito mais duro do que tinha sido quando entrou. Essa dureza era mais que maturidade e confiança, mais que um soldado que tinha visto batalha nas areias de outra nação. Apesar de seu voto de que nunca tinha crescido, de algum modo, Rowdy sabia melhor.

Algo lhe tinha acontecido a seu amigo, algo que Natches ocultava a todos. Mas não era o único. Dawg tinha trocado também, e até que esta situação com a Kelly fosse resolvida, não tinha nenhuma esperança de averiguar por que nem como.

—Bem. —Rowdy assentiu lentamente—. Toma a vigilância. Dirigiremo-nos ao povo pela manhã, levarei a Kelly de compras, a nos abastecer. Permitiremos que o bastardo veja o que se perde. Se for o pirado que suspeito, golpeará amanhã de noite.

—Vamos lhe dar uma oportunidade? —a voz do Natches se suavizou, chegou a ser mais arrastada.

—Não o podemos fazer parecer muito fácil. Tem que trabalhar para isso. —Rowdy ficou cômodo na cadeira, tendo em conta suas opções—. Dawg, debilita o monitor de segurança na janela da cozinha, e nos matagais de debaixo. Faz-o parecer natural, algo que ele pode transpassar. Tem quebrado os sistemas de segurança das mulheres assim não é um estranho na segurança. vamos ver de que parece o bastardo.

Dawg assentiu bruscamente enquanto Natches continuava olhando-os com um olhar duro e desumano que assegurou ao Rowdy que ele não era o único que esperava derramar sangue.

Rowdy girou seu olhar ao Natches, dando-se conta nesse segundo que tinha visto o olhar nos olhos de seu amigo antes. Tinha-a visto nos olhos de outro homem, um marinheiro assassino. Tinha trabalhado sozinho, desaparecendo durante semanas e voltando com esse mesmo olhar morto e frio nos olhos.

Inferno. Deixou escapar um silencioso fôlego enquanto Natches se encontrava com seus olhos, sua expressão nunca trocou.

—Segue e lhe estabeleça —lhe disse Rowdy silenciosamente—. Me deixe saber antes de amanhã como quer jogar.

A cabeça do Dawg tinha baixado, prova de que ele era consciente de uma verdade sobre a que Rowdy não tinha conhecimento. Uma verdade sobre a que não estava seguro ainda de querer detalhes.

—Estarei em público contigo quando me precisar —disse Natches brandamente—. Utilizarei o buraco de outro modo.

O buraco ou porta do cão como Dawg de forma divertida o tinha denominado, era a única, secreta entrada à casa oculta em um arbusto a várias centenas de pés ao redor da base da colina. Dawg não era um tipo crédulo, e seu tempo na Marinha não tinha ajudado a seus assuntos sobre a confiança tampouco.

—Meninos, precisamos falar quando isto se acabe e esteja feito —suspirou Rowdy, olhando a resignação fatigada nos olhos de seus primos—. Manter segredos entre nós não é uma boa coisa, sabem?

Dawg grunhiu, um som de diversão retorcida que era típica dele. Os lábios do Natches se arquearam em um sorriso.

—Uma boa bebedeira possivelmente —grunhiu Dawg enquanto se levantava da cadeira e andava através do quarto para a cozinha—. Até então, meninos, eu necessito alimento. Querem que aceite o sujo dever?

Os olhos do Rowdy se encontraram com surpresa nos do Natches, enquanto os de seu primo se abriam com horror.

—Inferno não! —Os dois saltaram de seus assentos, apressando-se à cozinha enquanto ouviam caçarolas repicando no armário e recordavam as tentativas passadas do Dawg em dirigir a cozinha. A lembrança não era agradável.

Tinha comprovado a suas garotas. Suas garotas boas especiais. Kelly era débil, permitia-se ser degradada, ser tomada. Ah, como tinha esperado que ela tivesse sido a única. Tinha rezado, rezado tanto e tão duro que suas boas garotas lhe esperassem.

Curvou-se no rincão do pequeno apartamento escuro, balançando-se brandamente enquanto olhava fixamente à primeira de seus amantes. Tinha pensado que ela era tão pura, tão doce. Com seu comprido cabelo loiro sedoso e inocentes os olhos azuis. Tinha uma voz suave, uma que acariciava os sentidos e o fazia pensar em sua mãe antes de que se convertesse em uma puta. Antes de que apartasse a seu pai, antes de que seu pai lhe tivesse roubado pelos pecados de sua mãe. Tinham que castigá-la. Ela não tinha sido uma boa garota.

Sorveu-se o nariz, dando-se conta de que chorava. Odiava chorar. Chorar nunca ajudava, as lágrimas faziam a um homem débil, recordava-o das lições de seu pai. Um homem tinha que fazer o que tinha que fazer. Seu pai tinha sido débil.

O velho tinha chorado, ele tinha rabiado mas tinha deixado à criatura depravada com a que se casou antes de castigá-la.

Deveria havê-la castigado. Se seu pai tivesse castigado a sua mãe, então ela não teria sido tão má. Teria sido a boa mulher e mãe que deveria ter sido. Se tivesse sido uma boa garota, então não teria perdido a seu filho.

Estremeceu-se ante essa lembrança, sacudindo a cabeça para forçá-lo atrás em sua mente enquanto se estirava para tocar as grossas mechas de cabelo que fluíam da cabeça de sua boa garota.

Tocou as mechas sedosas, esfregou-os entre seus dedos, recordando quão suave e doce tinha sido. Antes ela se permitiu crescer débil. Antes ela tinha permitido que outro homem a convencesse de ser má.

Olhou fixamente ao homem, um sorriso apertado lhe cruzava os lábios ante a vista do homem nu, colocado metade na cama, metade no piso. Não estava morto, mas logo desejaria está-lo.

A garota. Suspirou com cansaço enquanto se permitia olhar fixamente o sangue que manchava o tapete. Lhe olhava cegamente, seus olhos azuis refletiam o horror de seu castigo.

Kelly devia ter convencido de algum modo a esta de que podia ser ousada também. Como, não estava seguro. Poderia ter jurado que suas garotas não se conheciam uma à outra, esmerou-se

em ser muito cuidadoso. Mas Kelly era tão má, tão depravada, que teria encontrado um modo de convencer às outras de que elas também poderiam escapar dele.

Pertenciam-lhe. Eram suas boas garotas. Não permitiria que outro as tocasse. Não como a sua mãe.

Ficou em pé, cuidadoso de recolher a faca e limpar o sangue que o manchava. Sangue dela.

—Sempre será minha boa garota agora — sussurrou enquanto dava um passo ao redor do sangue e se movia ao quarto de convidados.

Ocultou-se ali durante horas, esperando que voltasse para casa. Esperando para assegurar-se de que era uma garota boa. Só para escutar com dor e fúria enquanto outro homem a tocava, tranqüilizava-a, prometia-lhe segurança.

Lutou contra as lágrimas outra vez enquanto entrava no quarto escuro e se dirigia à janela que tinha utilizado para deslizar-se dentro do apartamento. Tinha evitado a segurança. Quão fácil tinha sido. Tinha pensado que estava a salvo dele. Que o poderia desobedecer como sua mãe tinha desobedecido a seu pai. Tinha averiguado o equívoco. Como Kelly teria que aprender também.

Capítulo 16

A manhã seguinte, Kelly teria preferido desfrutar do despertar com as carícias que Rowdy lhe concedia enquanto nadava para a realidade mais que dos sonhos quentes, sensuais que se trancavam ao redor dela. Infelizmente, o momento foi interrompido pela mensagem grunhida do Dawg de que sua mãe e Ray estavam de caminho e mais valia que tivessem os traseiros preparados antes de sua chegada. Suas palavras, não as dela.

Ela teve suficiente tempo de tomar banho e vestir-se, e só segundos para olhar o conjunto que Rowdy a convenceu de levar. A saia fina e a camisa eram azul pálido e combinavam com a pele pálida que mostravam. Sua piscada e o brilho faminto nos olhos lhe asseguraram que tinha obtido o efeito que tinha procurado ao comprar. Tentar ao Rowdy.

Embora a luz faminta morreu em seus olhos, como o fez o sentimento de Kelly de segurança e de seus novos despertados sentidos de esperança com as notícias que sua mãe e Ray trouxeram.

—Seu nome era Dana Carrington. —A voz do Ray era baixa, zangada—. Foi assassinada e seu noivo abusado sexualmente.

Kelly se sentou em choque, escutando como Ray voltava a contar o assassinato que tinha acontecido a noite antes. Sentou-se na mesa da cozinha, as mãos envoltas ao redor de sua taça de café enquanto Rowdy parava detrás dela com as mãos descansando nos ombros enquanto ela tremia de medo.

—Kelly. —Sua mãe se inclinou para frente em sua cadeira, olhando-a fixamente com preocupação—. Chamei a sua tia Beth em Dallas, ela quer que vá...

—Não. —A voz Rowdy foi dura.

O olhar de Kelly se moveu rapidamente para o Ray. Ele olhou ao Rowdy com preocupação, mas não disse nada mais.

—Estará segura ali, Rowdy... —protestou a mãe.

—Não estará mais segura que aqui —discutiu ele enquanto Kelly apertava os dedos na taça de café—. Pelo menos aqui, Dawg, Natches e eu temos uma oportunidade de agarrar a esse bastardo.

—Ihe deixando pensar que ela está fodendo com vocês três? —Maria saltou de sua cadeira então, seu grito encheu de temor enquanto encarava ao Rowdy—. Pelo amor de Deus, Douglas, o que usá-la não funciona? O que se a apanha...?

—Suficiente —grunhiu Rowdy com advertência.

—Kelly, me escute, quem quer que seja, matou agora. Não parará... —Sua mãe a olhou fixamente, os olhos úmidos com lágrimas, os lábios tremendo.

—É suficiente, Maria —protestou Rowdy.

—Deixa-a falar, Rowdy. —Ray sacudiu a cabeça pesando—. Ela é sua mãe.

—O que diz não importa —ladrou Rowdy—. Kelly permanece aqui.

—Vais conseguir matá-la...

—Maria, carinho... —protestou Ray.

—Deixa de defendê-lo, Ray —gritou ela freneticamente—. Ele não é mais responsável agora do que o foi sempre. Não permitirei que faça que a matem...

—Maria, para! —A voz do Ray se endureceu enquanto sua mulher lhe olhava fixamente surpreendida—. Deixa que Rowdy faça o que tem que fazer, carinho. Tudo estará bem.

Kelly não estava segura de que queria dizer o olhar que Ray deu a sua mãe. Estava cheia de remorsos, matizada com pena enquanto o olhar passava dela ao Rowdy, e ao reverso outra vez. Mas ela olhou os olhos de sua mãe abertos, seu rosto pálido. E nesse ponto, Kelly teve o bastante.

—Todos vocês, parem! —A palma da Kelly golpeou contra a mesa da cozinha, enviando um silêncio que encheu a cozinha enquanto todos os olhos se giravam para ela. Ray e sua mãe, Dawg, Natches e Rowdy, podia sentir seus olhares brocando-a enquanto levantava a cabeça e olhava fixamente a sua mãe.

Kelly respirou profundamente. O temor era como uma serpente que lhe enrolava no ventre, golpeando no peito em um esforço de liberar-se.

—Rowdy tem razão —sussurrou—. Se for perseguir a qualquer a seguinte serei eu. Se permanecer aqui, há uma oportunidade...

—OH Deus, Kelly, te escute —protestou Maria desesperadamente—. Essa garota de ontem à noite está morta. Violou a seu noivo enquanto estava inconsciente. Não está cordato.

—E eu não posso correr. —estremeceu-se ante o pensamento de estar aterrorizada da escuridão durante o resto de sua vida, aterrorizada do que poderia acontecer. Mas ainda mais, sabia que havia muitas coisas que Rowdy permitiria, mas nunca permitiria que se fora—. Temos que encará-lo. Agora. Aqui.

Deus, por um minuto desejou que Rowdy fora menos intenso, menos decidido. Desejava não lhe conhecer tão bem como o fazia.

—Vamos, tia Maria —grunhiu Dawg enquanto ela continuava fulminando ao Rowdy com o olhar—. Sabe que olhar assim não funciona. Somente vai ficar de mau humor e a nos pôr zangados toda a noite se o fizer.

Maria dirigiu a seu sobrinho por casamento um escuro olhar. Dawg sorriu, mostrando uns fortes dentes brancos embora seu olhar permaneceu duro.

—Vocês meninos vão conseguir que morra —disse bruscamente—. Isto não é um jogo. É a vida da Kelly.

—O que o faz minha vida —o Rowdy assegurou—. Maldição se permitirei que esse bastardo a fira mais. Agora deixa de foder e poderemos falar sobre isto razoavelmente ou Por Deus que não falaremos absolutamente.

Ray exalou com cansaço.

—Ele tem razão, Maria. Sabe que tem razão. Ela não pode correr toda sua vida —disse, a pena pesada em sua voz enquanto Maria ofegava pela surpresa.

—Ray, não quer dizer isso. Ela estaria a salvo...

—Nunca estará a salvo enquanto esse bastardo ande solto, Maria. —Fez uma careta, sacudindo a cabeça—. Ambos sabemos. Tem que ficar aqui.

—Não...

—Disse que já ouvi suficiente! —a cadeira da Kelly arranhou o chão, ficando em pé e passando os dedos pelo cabelo com um bordo de frustração.

—Kelly... estou assustada por você —sussurrou Maria—. Se Rowdy estiver tão decidido a permanecer contigo, então os dois podem ir durante um tempo.

—Isto não é algo do que possa escapar. —Kelly tragou apertadamente enquanto olhava fixamente a sua mãe.

—Quer dizer que ele não te deixará fugir —acusou Maria—. Não permita que arrisque sua vida assim, Kelly.

—Permito-lhe que a salve —sussurrou ela—. Porque sem ele, estou morta. Não importará aonde vá, ou quanto tempo esteja, ele me encontrará. Assim como encontrou à outra garota. Não o deixará estar.

—Faria-o —ladrou Maria—. Deixou a essa garota só até que encontrou a alguém, e ele te teria deixado sozinha se Rowdy não te tivesse atraído a... este... —o braço se balançou para abranger ao Rowdy, Dawg e Natches, e Kelly soube de que se referia sua mãe. Soube que sua mãe era consciente da relação em que ela tinha entrado.

O calor flamejou nas bochechas enquanto respirava pesadamente, olhando fixamente a sua mãe, odiando o que sua mãe suspeitava, odiando que o perigo no qual agora estava, separasse-a de todos. Nenhuma explicação faria diferenças, sua mãe não acreditaria que não dormia com três homens mais que o que o perseguidor o faria.

—Isso é minha coisa —disse brandamente—. Recorda isso, mamãe. E não o esqueça. Minha relação com o Rowdy é meu assunto e permanecerá assim. Ponto. Quero-te, mas não posso tratar de lutar contigo neste momento. Quero que vá a casa.

—Não...

—Mãe, retorna a casa. —Reforçou sua voz, lutou contra as lágrimas e olhou a sua mãe firmemente—. Chamarei. Prometo-o. Mas isto não ajudará em nada, e seguro como o inferno que não o fará mais fácil. Por mim, somente vá.

—Kelly... —o protesto do Rowdy foi ignorada enquanto ela saiu rapidamente do quarto assim como a maldição do Ray e o grito de sua mãe.

Ela não podia dirigir a pressão combinada, nem os temores de sua mãe. Seu próprio temor a estrangulava, afogando-a com apertadas bandas de horror recordado enquanto escapava da tensão que se construía na cozinha.

Tinha tentado dizer-se que o homem que a atacou se iria. Que pararia. Que não poderia ser pior que o que já tinha agüentado. Mas agora o pesadelo piorava. Seu perseguidor se converteu em assassino.

Apressou-se ao dormitório, fechando com cuidado a porta detrás dela enquanto se tampava a boca com a mão em um esforço de refrear seus chiados do horror. Não era a única em perigo agora. Soube que o perseguidor ia tratar de ferir o Rowdy quando os disparos ao navio. Embora o conhecimento não tinha penetrado completamente, até que Ray e sua mãe deixaram cair sua bomba.

—Kelly, abre a porta. —Rowdy meneou o pomo da porta enquanto falava com outro lado do painel. Sua voz era suave, aprazível, quase rompendo sua resolução de refrear as lágrimas.

Apertando os lábios girou a fechadura antes de afastar-se, ignorante de que a tivesse fechado em primeiro lugar. Moveu-se ao centro do quarto, passando os dedos sobre as bochechas em uma tentativa de secar as lágrimas do rosto.

A porta se abriu e se fechou enquanto o silêncio envolvia o quarto durante uns segundos compridos.

—Não quero que te faça mal —sussurrou ela finalmente, lhe dando as costas enquanto envolvia os braços sobre os seios—. O que farei se te fere, Rowdy?

Ouviu o bufido masculino detrás dela, ridicularizando, cheio de orgulho teimoso. Girou para ele lentamente, desejando, rogando, que nada disto tivesse acontecido. Que pudesse ter tido seu sonho de sustentar ao Rowdy sem o perigo que os rodeava.

Ele a olhava meigamente, mas não tinha perdido a faísca de raiva detrás da ternura, nem a pura confiança que se vertia dele.

—Que acontece se correr, Kelly? —perguntou-lhe, movendo-se para ela, um movimento lento e depredador que fez que seu coração se acelerasse de antemão ainda enquanto o temor a afligia—. Pode permanecer um passo diante dele? Pode viver sua vida sabendo que ele pode golpear em qualquer minuto? Sabendo que finalmente se cansará de somente te olhar e encontrará uma razão para te matar? assim como encontrou uma razão para matar a essa garota ontem à noite?

—Não sou estúpida. —Lhe cortou a respiração enquanto as mãos do Rowdy embalavam seus ombros, os polegares lhe acariciavam a carne que os suspensórios da camisa deixavam ao descoberto—. Estou assustada, Rowdy —sua voz baixou—. Estou tão assustada.

—É natural —sussurrou—. Sabe que estou assustado também, Kelly?

Lhe olhou fixamente com surpresa.

—Assustado de que não confiará em nós para te proteger. Assustado de que vá, de que te faça mal de uma maneira da que não possa retornar. De te perder para sempre. Isso é o que me assusta, Kelly. Inferno, aterroriza-me.

—Não... —Ela sacudiu a cabeça, tremendo ante o batimento do coração de emoção em sua voz, a dor que penetrava por ela.

—Preferiria morrer que ver isso, Kelly —murmuro dolorosamente, os olhos atormentados, escuros pela emoção—. Não compreende, carinho? Amo-te até que não posso respirar sem senti-lo movendo-se por mim, sentir sua presença ao redor de mim. É meu coração. Minha alma. Não permitirei que esse bastardo tome isso de mim. Se significa que tenho que te encerrar por seu próprio amparo e te escutar rabiá-lo durante uma vida, farei-o. Algo, Kelly, para te manter a salvo.

As lágrimas corriam pelo rosto do Kelly agora, os estremecimentos golpeavam seu corpo ante o som de sua voz. Seu grande, duro Rowdy, seu tom suave, áspero pela emoção, seus olhos brilhantes.

—Amo-te tanto, Rowdy. —As mãos se moveram do peito, não para apartá-lo, a não ser movendo-se aos ombros enquanto ele a atraía a seu peito, sustentando-a perto, segura contra ele.

—Tudo vai estar bem, Kelly. —Ela sentiu sua cabeça baixar, sentiu seus lábios mover-se sobre sua frente—. Tudo vai estar bem, neném. Não sou estúpido, ou descuidado. E Dawg e Natches seguro como o inferno tampouco os são. Vamos superar isto. Todos nós, neném.

Ela levantou a cabeça em busca de seu beijo, necessitando-o, desesperada por encher os lugares escuros que se moviam por sua alma com o fogo da fome do Rowdy, de sua necessidade. Podia sentir seu membro esticando-se sob os jeans, pressionando contra o estômago enquanto lhe atraía a cabeça para baixo, para ela.

—Me beije, Rowdy —sussurrou—. Me beije como sonho...

Os lábios roubaram suas palavras enquanto um gemido faminto enchia o ar. O gemido dele, a choramingação de necessidade dela enquanto sentia o calor e a luxúria movendo-se dele a ela.

Abriu os lábios enquanto curvava os braços ao redor de seu pescoço, empurrando-o mais perto enquanto ele inclinava a cabeça, sorvendo de seus lábios, lambendo-os, beliscando-os até que se abriram quando ela gritava por mais. Necessitando mais. A língua era um golpe de fogo, as mãos estavam por toda parte. A fome esquentava o ar, enchia seu corpo e golpeava ao redor relâmpagos formigando sobre seu corpo.

Nesses momentos não havia perseguidor, nenhum perigo, nenhuma morte nem dor. Havia só paixão. Só havia Rowdy.

O assombro estalou pelo Rowdy, não pela primeira vez, ante o prazer que recebia sozinho beijando ao Kelly. Sustentando sua cabeça, sentindo seu sedoso cabelo caindo sobre as mãos, sentindo os lábios, como cetim quente sob os seus.

E seu sabor. Ela o intoxicava. Nada exceto o relâmpago branco do Dawg tinha tido nunca o poder de afetá-lo tão rapidamente, até o beijo da Kelly. Seu toque. Sua paixão.

Gemeu contra os lábios enquanto deixava que sua língua se afundasse entre eles, sentindo os dela esperando, enredando-se contra ele como seda úmida e enviando a seus sentidos a girar.

Um homem não deveria ser tão fraco ante um beijo, pensou com um bordo de diversão. Mas maldição se ela não minava sua vontade para resistir, para evitar tomá-la uma e outra vez.

E ele ia te-la outra vez. Agora, ia tombar nessa grande cama e a afundar-se dentro dela até que gemesse seu nome.

Retrocedeu para a cama, mantendo os lábios no seus enquanto movia as mãos da cabeça até as envolver ao redor de suas costas antes de agarrar a prega de sua camisa e empurrar-se debaixo. Ela tinha a pele mais suave que havia tocado jamais. Tudo a respeito da Kelly era diferente, melhor, mais quente e mais doce, e com cada toque só desejava mais.

—Vamos tirar te destas malditas roupas —murmurou ele enquanto apartava os lábios dos dela levantando os olhos para olhá-la fixamente.

Seus lábios estavam inchados, as bochechas ruborizadas com a excitação, e seus bonitos olhos cinzas estavam obscurecidos, tempestuosos com a fome. Maldição, gostava dela faminta. Ela era como uma pequena tigresa, arranhando e gemendo, indiferente a nada a não ser ao prazer que estava alcançando. O prazer que lhe dava.

Despir-se foi um assunto de umas poucas coisas rasgadas, alguns botões que saltaram e estranguladas maldições enquanto os dois lutavam com os teimosos jeans. Mas em segundos a derrubava na cama, os lábios concentrando-se em seus duros, bicudos mamilos enquanto o sabor lhe enchia a boca.

Deus, era doce. Arqueando-se para ele, os gritos roucos saíam de seus lábios enquanto ele se amamentava dos pontos pequenos apertados. A cabeça estava arremessa para trás, as mãos lhe agarravam o cabelo, lhe sustentando junto a ela enquanto ele ia de um montículo inchado ao outro.

Todo o tempo seu pequeno corpo quente se torcia e retorcia baixo ele enquanto sua coxa acariciava a dura longitude de seu pênis. Ele podia sentir suas bolas apertando-se com a necessidade de foder e de fazê-lo agora. Era sempre assim com a Kelly. Não podia esperar a estar dentro dela, a sentir seu calor sedoso agarrando-o, curvando-se ao redor dele enquanto empurrava no fogo líquido da vagina apertada.

E esse calor estava tão perto. Podia senti-lo sussurrando sobre a cabeça de sua ereção, lhe atraindo a ela. Não ia poder esperar muito tempo, sabia. O suficiente possivelmente, possivelmente, para aliviar o tenso corpo da Kelly. Fez justo isso, depositando pequenos beijos rápidos por seu abdômen, lhe lambendo a pele, saboreando-a com cada célula de seu corpo. O bastante para lhe abrir as coxas e assentar-se entre eles antes de afundar a cabeça para saborear rapidamente sua vagina doce e succulenta.

O sabor dela explorou contra suas papilas gustativas enquanto deslizava a língua pela abertura açucarada antes de rodear o broto apertado e inchado de seus clitoris. Ambrósia doce, ácida e sedosa que enredou seus sentidos e o fez retornar a por mais.

Seus gritos ressonaram ao redor dele enquanto desfrutava do sabor e a sensação das dobras escorregadias da carne. Sedosa e nua, a vagina florescia aberto para ele. Pêssegos, nata e xarope suave, e ele era um homem com um gosto desta fruta em particular. Especialmente quando essas pernas magníficas se levantaram e os pés se sustentaram em seus ombros para lhe permitir o máximo acesso.

Podia afogar-se felizmente nela. Lambeu a nata doce, saboreou a fome e a paixão que se derramavam dela. Os dedos acariciaram a tenra abertura de sua vagina, excitou-a e a tentou antes

de trabalhar dentro dela. Seus sentidos estalaram com o calor que os rodeou, com os sucos úmidos e ricos que fluíam dela.

Doeu-se por ela. Seu pênis pulsou como o beijo de um demônio mas o pensamento de abandonar a succulenta carne sob seus lábios era mais do que podia considerar. Não enquanto ela ardia assim por ele. Não enquanto seus gritos enchiam o quarto e as pernas ágeis se abriam mais para ele.

Lambeu ao redor de seus clitoris tenso, sorrindo enquanto sua vagina se apertava mais ao redor de seus dedos. Seu pênis gritava de dor, rogando por empurrar dentro dela. Tirou os dedos, empurrou dentro outra vez e golpeou a pequena protuberância com a língua enquanto ela gritava por mais, rogando por gozar.

Ainda não. Deus, o sabor dela, a sensação dela. Queria senti-la gozar ao redor de seu pênis, não seus dedos. Queria sentir os apertados músculos curvar-se ao redor de sua ereção, chupando o sêmen das profundidades de suas bolas e enviando sua cabeça para o êxtase.

Tirou os dedos, gemendo pelo esforço que lhe custou apartar-se dela, levantar a cabeça de sua tenra vagina e forçar-se a elevar-se sobre ela.

Baixou-lhe as pernas enquanto se movia, abrindo-a mais para ele, enquanto pressionava a cabeça de seu pênis contra a úmida, flexível entrada de sua vagina.

Lhe olhava fixamente, sua expressão aturdida, os olhos da cor de nuvens de tormenta quando levantou as mãos até seu peito. As Palmas se apertaram contra os músculos cobertos de pêlo áspero, as unhas morderam a carne.

—Agora —sussurrou—. Por favor, Rowdy, agora.

Pressionou uma diminuta fração, ficando sem respiração ante o calor que rodeava a ponta de seu pênis. Olhando para baixo, observou os lábios suaves e nus de seu sexo apartar-se, brilhando com seus sucos e abraçando seu pênis enquanto começava a empurrar dentro dela.

As chamas viajaram pela crista sensível a suas bolas atormentadas enquanto lutava por respirar. A liberação era uma necessidade torturante que enviava dedos de prazer e eletricidade por sua espinha dorsal. Não podia gozar ainda. Não ainda. Pensou em beisebol, na pesca, na mecânica de carros e em limpar sua arma, mas cada tema se esfumava de sua mente enquanto se afundava mais e mais para dentro de seu calor.

Sacudindo a cabeça, jogou para trás e se lançou pelos últimos centímetros, grunhindo pela estreiteza, o calor que lhe sugava. Era um homem ao bordo da loucura, o controle se foi, só a necessidade selvagem de foder e aparear-se lhe incitavam agora.

Não se deteve com um empurrão. Retirando-se, começou a fode-la profunda e duramente, grunhindo com o prazer que se construía com cada golpe, com as sensações extremas que tomavam seu corpo. Suas coxas tremeram, as bolas quase abertas em seu corpo antes de que finalmente sentisse a Kelly explodir.

—Maldição. Aí, neném. Tão doce e quente. Goza para mim, Kelly. Goza para mim tão duro...

A vagina se apertava ao redor de seu pênis quase até o ponto da dor enquanto começava a convulsionar-se ao redor dele. O calor líquido o tragou, queimou-o, logo o fez girar loucamente, furiosamente para seu próprio prazer.

—Deus sim! Doce neném... —As palavras rasgaram de seu peito, de sua alma—. Que Deus me ajude, amo-te.

A liberação estalou por seu corpo, lhe fazendo esticar-se enquanto um grunhido bestial deixava seus lábios. Enterrou seu pênis nas profundidades dela antes de sentir as explosões duras e deslumbradoras rasgando por seu escroto. O prazer era o êxtase, destrutivo e consumidor enquanto sentia seu sêmen saindo a fervuras nas profundidades quentes da doce vagina envolto ao redor dele. Sustentou-lhe no bordo, ordenhando o jorro detrás jorro de rica semente antes de que o último estremecimento lhe percorresse e o deixasse esgotado.

Rowdy se desabou ao lado de Kelly, retendo apenas a suficiente prudência para evitar cair em cima dela. Ofegava em busca de ar, ondas de ecos do prazer ainda subindo pela espinha dorsal enquanto utilizava o último de sua força para arrastá-la a seus braços e aconchega-la contra seu peito.

—Bom... isso foi suficientemente selvagem —ofegou ela fracamente contra ele—. Poderia me haver advertido primeiro.

—Teria tido que suspeitá-lo primeiro —disse ele entre dentes—. Vamos dormir ou algo. Me deixe descansar.

—Não tenho sonho. —Mas sua voz era débil, sonolenta—. Vamos sair às compras. Ouvi que mamãe e Ray saíram depois de que subíssemos aqui. Poderíamos ir às compras antes que retornem para a próxima série de argumentos.

—Sesta. —Gemeu—. Somente uma sesta. Deus, acaba de me matar. Tenho que dormir.

Uma risada suave contra seu peito foi a última coisa que ele ouviu enquanto suspirava profundamente e se permitia deixar-se levar. Dawg e Natches podiam vigiá-la durante meia hora, ela o tinha aniquilado.

Kelly se levantou da cama, um cenho lhe franzia a frente enquanto encontrava uma camiseta e umas calças curtas antes de dirigir-se ao quarto de banho. Tinha fome, o café da manhã tinha sido afastado a um lado por causa da visita do Ray e sua mãe, e estava sentindo fome.

Forçou-se a não pensar na razão dessa visita. Se pensava a respeito disso então o temor a alcançaria. A impotência e o terror puxador que ameaçavam atacando-se atrasavam no fundo de sua mente, escurecendo seus pensamentos.

Limpou-se rapidamente antes de vestir-se e sair o quarto de banho. Olhou ao Rowdy que jazia de barriga para baixo na cama, respirando profundamente no sonho, antes de sair do quarto. O princípio de um sorriso lhe curvaram os lábios quando a necessidade de aconchegar-se contra ele se desdobrou dentro dela.

Ao mesmo tempo seu estômago grunhiu advertindo-a. O sexo com o Rowdy chegou a ser uma necessidade secundária ante a fome. Mas, recordou-se, tinha trabalhado um pouco o apetite com a parte do sexo.

Baixou lentamente a escada estreita, escutando ao Dawg e Natches. Não podia ouvir nenhum deles, mas a televisão soava no salão. Sabia que Natches tinha pensado sair às escondidas a algum lugar e não sentiria saudades se Dawg estivesse oculto também.

Surpreendeu-se de lhe ver convexo no sofá pelo contrário. Estava estirado no que tinha que ser um ângulo incômodo. A cabeça pendurava sobre um lado enquanto estava convexo de costas e

uma perna dobrada em um ângulo estranho, o braço caído ao chão. Kelly inclinou a cabeça, olhando fixamente sua postura dormindo antes de sacudir a cabeça com confusão. Tinha visto alguns ângulos estranhos para dormir, mas este era o cúmulo.

Refreando uma risada suave, andou nas pontas dos pés pelo salão e avançou à cozinha. Apesar da televisão, havia um silêncio pesado em casa que a incomodava, a fazia cautelosa. No momento que entrou na cozinha soube por que.

Deteve-se de repente ante a vista do Natches, de barriga para baixo no chão, um rastro de sangue gotejava de sua têmpera para manchar o piso em baixo dele.

O coração se estrelou contra a garganta, deixando-a sem respiração e os gritos se esticaram em seu peito. Ofegou por ar, segura de que ia se afogar, sabendo que o terror que a enchia a mataria antes de que outra coisa pudesse.

Rowdy. OH Deus, tinha que chegar ao Rowdy. Girou, o sangue correndo por suas veias enquanto sua mente lhe gritava que corresse, só para deslizar-se e parar enquanto retrocedia ao salão.

Com os olhos totalmente abertos, separou os lábios pela surpresa e olhou à forma parada no meio do salão, uma arma apontando para o peito.

Capítulo 17

Levou a Kelly um momento dar-se conta de que o conhecia. Piscou pela surpresa quando reconheceu ao jovem ajudante que tinha vindo ao apartamento com a polícia a noite de seu ataque. Tinha estado tão acalmado que logo que recordava havê-lo visto ali.

—Pensaram que podiam me agarrar. —Sorriu-lhe, os olhos avelã brilhando com triunfo enquanto ondeava o canhão de sua arma para onde Dawg estava convexo no sofá—. Pensaram que eram melhores que eu porque eram uns marinheiros duros e grandes.

Sua voz era suave, quase de menina. Sua expressão era benigna, tranqüila, aterradora.

O ajudante do xerife John Barnes. Levava na força uns poucos anos possivelmente. Era fácil passar por cima seus indefiníveis simples rasgos e tranqüila voz.

—Por que faz isto? —OH Deus, tinha matado ao Dawg e Natches? Pela comissura do olho tentou certificar-se de que Dawg ainda respirava, mas não podia estar segura. Parecia que Natches respirava, mas eram ilusões ou não?

Ele suspirou como se o lamentasse.

—Não queria lhes fazer pagar, mas adivinho que o passado fica ao dia com todos. —Jogou um olhar ao Dawg antes de voltar a olhá-la—. Perdi a conta das surras que me deu meu pai por causa do que seus amantes fizeram com minha mãe.

—Do que está falando? —Sacudiu a cabeça, confusa.

—Loren Barnes era seu amante —riu disimuladamente—. Ela era minha mãe. Meu pai me seqüestrou longe dela uns poucos anos antes de que os seduzira a sua cama. Era uma completa puta. Um homem nunca foi suficiente para ela.

Kelly recordava a Loren Barnes. Tinha morrido vários anos antes, uma mulher mais velha, possivelmente da idade de sua mãe. Tinha havido um rumor de que os primos Mackay tinham sido seus amantes anos antes, mas Kelly sabia que nenhum o tinha confirmado jamais.

—Isso não me diz por que tem feito isto. —Não poderia respirar, o medo a estrangulava, debilitava-a, e soube nesse momento que não podia permitir-se ser débil.

Olhou-a com surpresa, os lábios magros curvando-se em um sorriso.

—Não sabe quem sou, verdade, Kelly? —perguntou-lhe.

Ela sacudiu a cabeça lentamente, a suspeita e o horror golpeando-a.

—Minha pobre garotinha —sussurrou, confirmando seus piores temores—. Foi uma garota tão boa uma vez. Sabe que tenho que te castigar agora. Supunha-se que foi minha.

Os olhos do Kelly se abriram de par em par enquanto o dedo se esticava no gatilho.

—Como que era tua? —Estava desesperada agora, sabendo que não havia maneira de fugir dessa bala ou dele—. Me violou.

Um cenho bordeó as sobrancelhas dele enquanto ela lutava por recordar tudo o que tinha ouvido falar com o Rowdy e aos outros com respeito às outras vítimas de violação. O que haviam dito? Fez que lhe rogassem por isso, fez-lhes jurar que o amavam.

—Não te pedi que me tocasse. —Forçou as palavras a sair de seus lábios intumescidos—. Sabe que não o fiz.

A mão tremeu.

—Amava-me. —Ela viu a loucura acender-se em seus olhos.

—Disse que te amava? —Tinha que comprar algum tempo. Rowdy despertaria logo e saberia que algo estava mau. OH Deus, onde estava?

Ele piscou ante sua pergunta antes de que um sorriso lhe curvasse os lábios.

—Esse vizinho estúpido irrompeu em...

—Nunca disse que te amava, John. —Lutou para permanecer sob controle—. Não queria que me tocasse. Nunca fui tua.

Ele piscou.

—Não. Foi minha. —Sua voz era quase infantil—. Foi uma boa garota até que eles lhe tocaram. Queria ser minha, porque sabia que foi uma boa garota.

Deus, estava louco.

—Sempre pertenci ao Rowdy. —Manteve sua voz acalmada, lutando por conter a histeria que se elevava dentro dela—. Sabia que era do Rowdy. Todos sabiam. Seus primos se asseguraram disso.

A ira assaltou seus rasgos.

—Eles são depravados —lhe gritou, seus rasgos retorcendo-se de fúria—. Tocaram a minha mãe. Fizeram que meu pai soubesse o que lhe faziam e me disse isso. Como a fizeram uma garota má. Não se supunha que fora uma garota má. Era minha mãe.

—Seu pai entendeu mau. —Tremia, horrorizada—. Sozinho eram meninos.

—Ele não entendeu mau. —John sacudiu a cabeça freneticamente—. Se movia furtivamente e os vigiava e logo me castigava. Voltava para casa e me fazia me deitar enquanto me castigava com o que eles lhe faziam. Teve que me ensinar a não ser mau. Agora tenho que te ensinar, Kelly.

OH Deus. Ela sentia seu estômago revolver-se com o horror de saber de que estava falando. Como pôde um pai fazer tal coisa? Conduzir a seu próprio filho à loucura de tal modo.

—John, tem que me escutar. —Apertou os punhos na camisa. Somente uns poucos minutos mais. Certamente Rowdy estaria aqui em uns poucos minutos mais—. Tem que sair. Se me disparar, Rowdy ouvirá...

Ele sorriu então. Um sorriso seguro e louco que enviou uma rajada de terror por sua mente.

—Já me ocupei do Rowdy, Kelly. Não despertará até que vá. Vou cuidar te, logo o castigarei, como papai me castigava. Aprenderá a não tocar o que me pertence.

Ela ia vomitar. A loucura que murmurava era a coisa mais nauseabunda que tinha conhecido jamais. O pior era o ataque que ela tinha sofrido em suas mãos.

—Por que? —Sua voz tremeu a pesar do esforço por mantê-la controlada—. Não tomou o que era teu. Por que deveria lhe castigar?

Tinha que haver uma maneira de enrolá-lo, alguma maneira de chegar ao Rowdy. Poderia fechar a porta do dormitório. Havia uma arma na penteadeira, tinha visto o Rowdy pô-la aí dentro. Uma grande pistola negra que sabia que podia usar.

—É minha! —grunhiu, sua voz elevando-se com fúria—. Tomei, marquei-te. Leva minha marca.

—Não te pedi que me marcasse —gritou, a fúria elevando-se dentro dela—. Não te queria, John. O amor se dá livremente. Não pode forçá-lo.

Ele sacudiu a cabeça enquanto seus olhos brilhavam com lágrimas, seus lábios tremendo com alguma emoção demoníaca.

—Não me deu tempo —disse fazendo um sorriso—. Me haveria dito que me amava.

—Sabia que não te amava. —Retrocedeu lentamente enquanto a cabeça dele girava para ela. Se pudesse chegar à cozinha e a perseguia, então poderia utilizar a saída do vestibulo para voltar para a escada. Tudo o que precisava era uma vantagem—. Sempre amei ao Rowdy, John. Sempre.

—Não! Minha! —chiou—. Te mostrarei que é minha e logo te matarei.

Correu atrás dela. A fúria acendia sua expressão enquanto a raiva transformava seu rosto e a perseguia. Kelly girou, escorregando no piso enquanto ouvia um enfurecido rugido de fúria ecoar através da casa um segundo antes de que o som de dois corpos golpeando a alcançasse.

Agarrando-se ao marco da porta, voltou-se, a surpresa a encheu quando viu o Rowdy lutar com o homem mais pequeno. Rowdy era maior, mas o sangue em sua têmpora mostrava o golpe de antes, o qual agora ralentizava seus reflexos.

A arma que John tinha levado se deslizou através da habitação enquanto lutava por alcançá-la. Kelly se apressou atrás dela, gritando de raiva quando uma mão se enganchou em seu tornozelo, fazendo-a ajoelhar-se.

Girou a cabeça e viu a faca na mão do John e ao Rowdy estirando-se para lhe agarrar pelo pulso enquanto o outro homem lhe apontava à perna. Chutou-lhe, soltando-se antes de subir para a arma.

Os dedos se pegaram ao punho enquanto se levantava, sujeitando-a com ambas as mãos e lutava por conseguir um disparo claro.

Os dois homens grunhiam agora, lutando pela faca enquanto ouvia o som de sirenes ao longe. A arma se sacudiu na mão quando piscou para afastar as lágrimas, aterrorizada de que o ajudante as arrumasse para encontrar uma maneira de ferir o Rowdy com essa faca. Não havia forma de disparar ainda. Nenhuma maneira de estar segura de que se o fazia, não perderia ao Rowdy.

Havia algo que podia fazer. Mas se se equivocava, poderia significar a vida do Rowdy. Rezou, soluçando de terror enquanto olhava aos dois homens lutando corpo a corpo até que a faca esteve entre eles um segundo antes de que Rowdy desse um puxão ao outro homem aproximando-o.

Os dois se congelaram.

Um gemido saiu da garganta da Kelly quando a porta principal se abriu para dentro, e como em câmara lenta, viu o ajudante John Barnes soltar-se lentamente do punho do Rowdy e desabar-se ao chão.

A cabeça girou para ela, seu olhar avelã cheio de surpresa e assombro.

—Minha boa garota... — sussurrou antes de que seu olhar se debilitasse e seu corpo ficasse sem forças.

Kelly lhe olhou fixamente, os sons de polícia enchiam a habitação, fazendo-a retroceder até o fundo enquanto a adrenalina começou a chocar dentro dela. Levantou a cabeça enquanto a arma caía em seu regaço, olhando como Rowdy começava a mover-se para ela, só para ter ao xerife lhe bloqueando enquanto a habitação continuava enchendo-se. Podia ouvir sua mãe ou eram somente ilusões? Rowdy gritava e o Xerife Mayes ladrava ordens.

Soube que devia levantar-se, soube que devia fazer algo. Mas tudo o que podia fazer era girar seu olhar de volta ao ajudante morto enquanto ouvia suas palavras finais soando em seus ouvidos.

—Minha boa garota...

Ela não era sua boa garota. Um soluço lhe rasgou a garganta enquanto ficava em pé, lutando contra o choque que serpenteava por ela. Estava morto. Estava morto, e Rowdy estava rodeado pela polícia.

—Deixa ir! — gritou com voz rouca, lutando por passar ao Xerife Mayes enquanto lutava por chegar ao Rowdy. Chutou a alguém, seu punho aterrissou contra outro, mas se separaram, olhando-a fixamente surpreendidos enquanto ela se lançava nos braços do Rowdy.

—Graças a Deus! Neném. — Os braços do Rowdy se fecharam ao redor dela enquanto sua voz cochichava em sua orelha—. Doce Senhor, Kelly. Não me aterrorize jamais assim outra vez.

Ela chorava e não podia parar. Podia sentir os soluços sacudindo seu corpo enquanto seus braços se apertavam ao redor de seu pescoço.

Podia ouvir explicar ao Rowdy a loucura do ajudante enquanto a sustentava perto. De algum modo, tinha conseguido recuperar o conhecimento e chamar à polícia, informando os de quem estava ali e que passava enquanto se deslizava pela escada.

Estavam preparados, mas as perguntas tinham que ser respondidas. Dawg e Natches se recuperavam com os médicos e a casa continuava cheia de pessoas. Mas Kelly se negava a abandonar o lado do Rowdy. Ele se negava a permitir-lhe

Agarrou-se a ele toda a tarde, respondendo perguntas quando tinha que fazê-lo, mas de outro modo ficando silenciosa enquanto o conhecimento enchia lentamente sua mente até que se acabou. O perseguidor tinha sido John Barnes, e se tinha ido. Estava morto. Finalmente se tinha acabado.

Capítulo 18

Kelly olhou fixamente ao redor do salão a manhã seguinte, assombrada de que não houvesse nada, nem sequer uma gota de sangue, para demonstrar que a noite anterior não tinha sido um sonho.

A única prova eram os pão-doces do tamanho de um ovo deixados nas cabeças do Dawg, Natches e Rowdy. John Barnes não tinha vindo pela porta principal, tinha sabido da porta traseira do Dawg através de seu pai, que tinha passado anos espiando aos primos Mackay e a utilizou para deslizar-se na casa.

Tinha pego ao primeiro Dawg, enquanto Natches estava fora tirando os últimos fornecimentos de seu caminhão. Quando entrou, tinha visto quão mesmo Kelly, o que parecia que Dawg dormitava no sofá.

Moveu-se à cozinha com os fornecimentos onde o ajudante se moveu detrás dele golpeando-o e deixando-o inconsciente também. Ele tinha esperado até que Kelly saísse do dormitório de acima, ocultando-se no outro quarto até que ela começou a baixar a escada antes de incapacitar ao Rowdy. Ou pensou que o tinha feito.

Rowdy tinha estado saindo de sua sesta quando foi golpeado, o golpe o tinha aturdido, lhe levando uns minutos preciosos orientá-lo bastante para sair da cama.

O xerife tinha chamado essa manhã depois de investigar toda a noite sobre seu ajudante morto. Tinha sido verdadeiramente o filho do Loren Barnes, raptado por seu pai vários anos antes de que os primos Mackay tivessem chegado a ser seus amantes.

Havia uma larga história de abuso infantil, casas de acolhida e desaparecimentos que não tinham sido seguidas naquele momento. Quando a história completa surgiu, todos os que o tinham conhecido na força policial se surpreenderam. Seu pai lhe tinha incomodado durante anos, castigando-o pelos supostos crimes que sua mãe tinha cometido. Richard Barnes, o pai, tinha estado louco, e sua loucura tinha sido forçada sobre seu filho até que teve retorcido seu ponto de vista sobre as mulheres.

Quatro mulheres tinham pago por esse crime.

—Sente-se melhor? —Ela girou a cabeça quando Dawg entrou na cozinha, seguido pelo Rowdy e Natches.

Olhou fixamente aos três homens, sentindo a tensão que encheu de repente a habitação, a intensidade em seus olhos. Tinha sabido que isto chegaria, tinha sabido que os primos do Rowdy logo poriam sua decisão a prova. Podia vê-lo na tensão de seus corpos. Não havia nada da ira

esperada na expressão do Rowdy, entretanto. Seu corpo estava depravado, tranqüilo, seu olhar fervendo a fogo lento com diversão.

—Temos algum problema? —Ela cruzou os braços sobre os seios e olhou aos três curiosamente.

—Rowdy está sendo ambicioso —grunhiu Dawg—. Como se sente a respeito disso?

—Sou bastante ambiciosa eu mesma, Dawg —lhe informou carinhosamente—. Não posso fazê-lo.

—Não lhe faríamos mal. —Podia ver a frustração em seu rosto—. Inferno, Kelly, nossos primos no Texas sobreviveram bem.

Os August. Nem sequer viviam no Somerset e tinham uma reputação aqui.

Aspirou profundamente.

—Não sou Marly ou suas outras mulheres —lhes informou enquanto Rowdy se endireitava, esticando-se lentamente.

Dawg olhou rapidamente ao Rowdy então.

—Nem sequer nos deste uma oportunidade...

—Não a amas, Dawg —disse bruscamente Rowdy andando a pernadas através da habitação até Kelly.

Quando girou para encarar ao Dawg e Natches, curvou o braço ao redor de seus ombros, atraindo-a mais perto a seu duro corpo.

—Queremo-la o suficiente —protestou Natches, sua mandíbula pulsando com tensão.

—OH deixa-o! —Kelly deu um passo longe de seu amante, olhando aos três homens com incredulidade, a risada borbulhava em sua garganta antes suas expressões feros—. Por Deus, pareço um osso entre vocês três?

Olharam-na com surpresa.

—Dawg, quantas vezes paquerei contigo, enquanto Rowdy não estava?

—Fez que? —Rowdy girou para ela com surpreendida irritação.

—Supera-o. —Pôs os olhos em branco—. Te tinha ido assim que o ciúmes vêm um pouco tarde. —voltou-se para o Dawg—. E espero uma resposta, Dawg?

Dawg se moveu nervosamente, mais como um menino apanhado em uma mentirinha.

Pigarreou, olhando ao Rowdy com uma careta.

—Pertencia a ele primeiro.

—Sou sua sempre, Dawg —lhe informou ela brandamente—. Agora, sempre e para sempre. E essa é minha decisão. Não a do Rowdy. E é uma que não trocarei.

—Disse-te que ela era um problema —se queixou Natches—. Maldita seja, Kelly, não lhe pedimos que desordenasse as coisas assim. —Lançou-lhe um olhar melancólico.

—De nada. —Sorriu plácidamente.

Não estavam zangados, podia-o ver em seus olhos, sentia no carinho de seus olhares.

Natches girou para o Dawg e levantou o punho.

—Somos os últimos.

Dawg levantou o punho também, tocando o de seu primo.

—Os últimos.

Parecia firme, decisivo. Kelly inclinou a cabeça e olhou a ambos os homens curiosamente. Natches nunca se permitia deixar-se ir mais que em suas necessidades extremas, mas havia algo aí na expressão do Dawg. Algo vacilante. Algo incerto.

—Vamos. —O braço do Rowdy se enganchou ao redor de sua cintura, arrastando-a para a escada.

—Aonde?

—À cama —grunhiu.

—Mas, Rowdy, não tenho sono.

—Prometo-o, terá-o. Mais tarde...

Ela ria enquanto a colocava rapidamente no dormitório. A fome era uma força física que a golpeava. Sexual, quente, insistente. Emanando do Rowdy em ondas.

Quando se virou para ele, sentiu as mãos do Rowdy na prega da camisa supergrande que levava, levantando-a devagar sobre os quadris. Levantou os braços silenciosamente, lhe deixando despi-la antes de que os dedos se enganchassem no cinto das calças curtas e atirassem para baixo. Não parou ali. logo que o tecido esteve nos pés, ajoelhou-se diante dela, lhe apartando as coxas e lambendo as já úmidas dobras de seu sexo.

—OH Deus! —Ela deu um puxão, abrindo os olhos ante o desejo faminto das carícias enquanto as mãos do Rowdy se dobravam nas coxas. Não ia poder suportá-lo muito mais. O prazer era tão quente, tão intenso. Roubava-lhe a força das pernas e a deixava sentindo-se impotente, débil. Foi um ataque sensual, uma emboscada aos sentidos. Rowdy a sustentou quieta diante dele, sua língua um conquistador diabólico enquanto golpeava, saboreava e atraía os sucos escorregadios da dolorida vagina.

—Aí vai —sussurrou antes de depositar um suave beijo em seus clitoris antes de olhá-la outra vez—. Seus olhos estão tormentosos, Kelly, tão grandes e escuros. Está desfrutando?

Não podia falar. O prazer era entristecedor, diferente. Havia uma diferença em seu tom de voz, em seu toque. Uma atitude possessiva, uma dominação da que ela desfrutava.

—Arrumado a que está —respondeu ele a sua própria pergunta enquanto um suaves dedos apartavam as dobras de seu sexo e começavam a pressionar dentro, acariciando-a, acrescentando-se às sensações que rompiam por ela—. Sabe quão fodidamente sexy parece, Kelly? Quão doce e quente sabe?

As mãos se apertaram em seu cabelo, embora não estava segura de se recordava como tinham chegado ali, lhe aproximando dela outra vez enquanto sua língua se formava redemoinhos ao redor de seus clitoris, empurrando-a para seu clímax enquanto os dedos empurravam lenta e brandamente dentro de seu sexo, enchendo-a, estirando-a, preparando-a.

—Rowdy... —Podia sentir o orgasmo construindo-se em sua matriz, soube que não duraria muito tempo.

—Ainda não, neném. —Seu sorriso estava cheia de luxúria—. Logo, mas ainda não.

Relaxou a fricção, fazendo-a choramingar e arquear-se em sua boca enquanto retrocedia lentamente.

—Vamos, neném, à cama. Quero-te debaixo de mim quando gozar para mim —grunhiu Rowdy. Ela ofegou quando de repente ele a balançou em seus braços e a moveu à cama.

—Vamos, neném —sussurrou Rowdy enquanto a colocava no centro da cama, de costas e estendida. Voltou para sua vagina, tendendo-se debaixo dela e abrindo com cuidado suas coxas antes de afundar a língua nas profundidades necessitadas de seu sexo.

OH Deus, ela estava tão perto. Podia sentir os pulsos de advertência esticar-se em sua matriz, arrastando-se através de suas terminações nervosas. E estava perdida. Um rouco grito saiu de seus lábios enquanto o orgasmo explodia por ela, queimando através de seu corpo e mente, arqueou-se, fechando os olhos, as luzes brilhavam por sua mente.

Deixou de respirar quando sentiu ao Rowdy mover-se, sentiu a seu membro introduzir-se nas apertadas profundidades de seu sexo enquanto se retorcia em baixo dele. Sua liberação rompia ainda por ela, negando-se a acalmar-se enquanto ele começava um ritmo duro e intenso.

Rowdy estava perdido dentro da Kelly. As contrações duras da vagina em seu orgasmo ao redor da grossa longitude de seu pênis lhe ordenharam direto ao paraíso. Mas era o conhecimento de que somente era ele o que a conduzia a isso, que nenhum homem tinha conhecido seu corpo perfeito, havia sentido as contrações duras de seu sexo, ou seus gritos doces de liberação o que lhe empurravam mais alto, o que lhe conduziu mais profundamente ao prazer que corria por seu sangue. Estava encerrado na sensação que se construía por segundos, um prazer que lhe esticava não só os músculos a não ser sua alma.

Podia senti-lo. No fundo dela, não só com a parte de seu corpo que a fodia como um louco, a não ser com sua alma. Podia senti-la envolver-se ao redor dele, enroscados por seu coração com a precisão de um cirurgião e atando feridas que não tinha a menor ideia que existiam.

Dentro do prazer havia consolo, bem-estar, eternidade e êxtase.

—Sustenta-me, Rowdy. —Sua voz era desesperada, rouca enquanto os braços se apertavam ao redor de seu pescoço, sua súplica cochichada lhe rompendo o coração.

Com os cotovelos se apoiou no colchão, os antebraços se deslizaram em baixo dela, empurrando-a mas forte contra o peito, sustentando-a tão perto de seu coração como podia. A energia elétrica pulsou de seu escroto, por sua espinha dorsal. O prazer crepitou por seu membro, e enquanto a sentia esticar-se a seu redor uma vez mas, seus gritos ofegantes no ouvido, derramou-se dentro dela. Pulsos violentos de sêmen saíram a jorros até o fundo de sua vagina enquanto golpeava seus quadris contra ela, um gemido gutural e áspero lhe rasgando enquanto suas liberações se uniam.

—Minha, minha. —Os lábios estavam em seu pescoço, beijando, beliscando, saboreando cada toque, cada sensação.

—Sempre... tua... —Um último guincho a rasgou antes de que paralisasse finalmente sob ele.

Tremendo, suando, Rowdy rodou na cama, arrastando seu corpo débil com ele enquanto a felicidade e a saciedade lhe invadiam.

Ela era dele. Sempre. Só dele.

Epílogo

—Bem possivelmente somos os únicos estranhos na família.

A profunda e divertida voz masculina fez que os olhos de Kelly se abrissem de repente surpreendidos enquanto Rowdy lutava por atirar a retorcida coberta desde abaixo da cama sobre seu corpo nu.

Ela apareceu sobre o ombro do Rowdy enquanto ele se retorcia para ver os três homens que tinham entrado na habitação e às mulheres paradas a seu lado.

Os meninos August, primos longínquos dos Mackay, tinham estado ameaçando com uma visita durante mais de um ano. Cade, o maior, olhava a enredada cena da cama com entrecerrados olhos cinzas, enquanto Brock e Sam estavam francamente divertidos pelo fato de que só Rowdy compartilhava a cama com a Kelly. Ela conhecia as relações que os outros homens compartilhavam com as mulheres dos outros.

—Sam, é uma ameaça —grunhiu Rowdy sonolento enquanto Kelly sustentava a coberta sobre os seios e olhava como ele saía tropeçando da cama e procurava seu jeans.

—Aqui tem! —Os jeans foram atirados através da habitação enquanto Brock piscava os olhos a Kelly—. Viu seu preguiçoso traseiro e nós prepararemos o café. Dawg ameaça preparando o café da manhã, e esse menino me assusta quando começa a cozinhar.

—Poderia ter chamado —disse bruscamente Rowdy enquanto se passava as mãos pelo rosto antes de jogar uma olhada a Kelly—. E por que cozinha Dawg?

—Porque é a única opção presente. Não vi nenhuma Casa da Barquinha no caminho de entrada, cara, e Heather se nega a cozinhar para todos nós.

—Não poderia fazer suficiente comida em uma semana para alimentar a seis de vocês —riu Heather, lhe piscando os olhos a Kelly com diversão—. Vamos, Kelly. Vista-se e possivelmente te ajude a cozinhar.

—Posso dirigir isso melhor que a cozinha do Dawg —bufou Kelly—. Ajudarei definitivamente.

Olhou-os sair curiosamente. Havia uma intimidade e comodidade entre os três casais que Kelly se prometeu não pensar no assunto. Algumas coisas sobre as pessoas não precisava saber, pensou.

—Está bem, neném? —Rowdy se sentou na cama ao lado dela, olhando-a fixamente, seus olhos quentes, cheios de amor.

O amor que enchia seu olhar a humilhou, deixou-a impressionada. Em seus olhos, podia ver cada sonho pelo que tinha rezado.

—Amo-te, Douglas Mackay —sussurrou—. Contudo dentro de mim.

E ele não protestou pelo nome. Seus lábios se levantaram com tenro humor enquanto sua mão lhe embalava o rosto com calor.

—E te amo, Kelly, mais do que soube jamais que fora possível amar... Agora, vista-se, neném —riu entre dentes—. vamos ver se os meninos August se tranquilizaram com o matrimônio.

Kelly sacudiu a cabeça quando Rowdy saiu do dormitório, deixando-a só para levantar-se da cama e deslizar-se ao quarto de banho para uma ducha rápida. Tinha a sensação de que Cade, Brock e Sam nunca se tranqüilizariam completamente.

Quase uma hora mais tarde, vestida com calças curtas e uma camiseta, voltou para o salão, captando o final da explicação do Rowdy do que tinha acontecido a noite passada.

Todos os olhos se giraram para ela enquanto dava um passo na habitação.

Os seis homens tomaram assento na habitação, enquanto as três mulheres estavam encarpitadas nos joelhos de seus maridos.

—Manteve-a a salvo, Rowdy, isso é tudo o que deve importar —murmurou Cade enquanto sua mulher de cabelo negro se levantava, sorrindo para Kelly simpaticamente.

—Já temos feito café para estes pervertidos, Kelly. —Sorriu enquanto estendia a mão para ela—. Vêem a cozinha e conseguiremos os nossos enquanto lhe ajudamos e Heather cozinha.

O sorriso do Rowdy era de pura diversão malvada quando deu um passo adiante, curvando o braço ao redor de sua cintura e lhe beijando a bochecha.

Ela saltou quando sua mão aterrisou em seu traseiro, uma risada suave saiu de seus lábios enquanto seguia às outras mulheres à cozinha.

A menina de cabelo negro que se sentou no regaço do Cade, sabia bastante bem. Marly tinha acompanhado aos irmãos anos antes durante sua primeira visita. Era vários anos mais velha que Kelly mas tinha ensinado, através do exemplo, muito a Kelly a respeito de voltar para o Rowdy louco. Tinha mantido aos irmãos August em alerta após.

Sarah, a mulher do Brock, e Heather, a mulher do Sam, apresentaram-se a si mesmos facilmente enquanto começavam a procurar e reuniam sanduíches e café. Os homens August, como os Mackay, sempre tinham compartilhado a suas mulheres. Depois do comentário do Cade mais cedo, Kelly tinha uma idéia bastante boa de que o matrimônio não tinha trocado isso.

Enquanto preparavam juntas uma comida rápida, Kelly conheceu o filho de Marly, que atualmente dormia até tarde no dormitório extra de baixo. Heather estava grávida de vários meses, e Sarah e Brock estavam esperançados que ela estivesse. Todos eram seguros e próximos. Surpreendendo tanto a Kelly, tendo em conta os fatos de sua relação com cada um dos homens no outro quarto.

Kelly os olhou, procurando qualquer insinuação de confusão ou ciúmes, perguntando-se como tinham conseguido formar uma amizade tão próxima. Não podia imaginar-se estar tão cômoda ao redor de uma mulher que sabia que Rowdy tocava, sustentava.

Os sanduíches e o café foram tomados no salão onde os homens discutiam os detalhes da vida do John Barnes. Kelly voltou para a cozinha, não disposta a ouvir mais. Queria esquecer o que tinha acontecido, ao menos por um momento, antes de tentar lhe dar sentido.

—Tem mais café. —Marly pôs uma fumegante taça em frente dela enquanto se sentavam à mesa de cozinha—. Parece que tem neurose de guerra.

E era verdade.

—Acredito que ainda está tratando de resolver o comentário anterior do Sam. —Heather riu entre dentes quando se sentou em frente dela, os olhos verdes sorrindo com calor.

—OH, penso que ela é o suficientemente preparada para resolver isso —murmurou Sarah, mais calada, de modo mais confiável que as outras duas mulheres, embora todos pareciam bastante seguras de si mesmos.

—Normalmente não sou estúpida —assegurou Kelly enquanto levantava a taça a seus lábios e tomava um tentativo sorvo.

—E te pergunta como conseguimos permanecer tão próximas, enquanto compartilhamos aos homens que amamos com as outras —terminou Marly por ela.

Kelly a olhou fixo enquanto respirava pesadamente.

—Sim, esse pequeno pensamento esteve correndo por minha cabeça —admitiu.

—O amor nem sempre tem fronteiras, Kelly. —Sarah se inclinou para diante—. Nós três, soubemos que nossos amantes tinham demônios contra os que lutar e que havia um só modo de lhes ajudar a lutar contra eles. Pelo que vi entretanto, Rowdy é um pouco mais possessivo. — Sarah sorriu malvadamente, sem censura ou ciúmes.

Isso era uma verdade como um templo.

—Não é o único —disse Kelly brandamente, um sorriso lhe curvando os lábios.

—E isso obviamente funciona para você —Marly se estirou, agarrando a mão da Kelly enquanto esta lhe olhava fixamente—. Mas um dia, quando Natches ou Dawg encontram à mulher a que amam, essa necessidade poderia ser transmitida ao Rowdy, Kelly. Não importa sua decisão agora, o passado e os vínculos que compartilharam, poderiam dar a volta e te golpear. Então... se precisa falar...

A oferta foi colocada sobre a mesa. Kelly suspirou profundamente.

—Cruzarei essa ponte quando chegar —disse silenciosamente.

—Isso é suficiente bom. —Heather se estirou, seguida pela Sarah.

Kelly olhou fixamente para baixo, às três mãos, agarradas uma em cima da outra, e se deu conta do indeciso vínculo que tinha formado nesse momento.

Olhou às outras três mulheres.

—Chamarei —sussurrou, sabendo que quando o tempo chegasse, poderia necessitar muito bem o conselho que só estas três mulheres poderiam lhe dar.

—Bem —assentiu Marly—. Agora, quero ir às compras. Vi a loja mais Mona de roupa no povo. Me diga por favor que o proprietário faz sobre medida...

A conversa trocou, moveu-se e fluiu até que os homens entraram na habitação. Kelly girou seu olhar para o Rowdy enquanto ele vinha a seu lado, inclinando-se para beijá-la brandamente enquanto lhe sorria com tranquilidade.

Amava-lhe mais do que jamais tinha imaginado que fosse possível e enquanto as conversações continuavam, as risadas das mulheres se uniram aos tons mais fortes dos homens, sentiu-se em paz, cômoda e estranhamente despreocupada pelo futuro. Rowdy sempre estaria ali, sabia. O amor que sentiam um pelo outro não era um amor em florações, tinha estado ali durante anos, crescendo, reforçando-se. Com ele, as respostas seriam encontradas. Possivelmente não fossem respostas fáceis, mas sairia bem. E ao final, soube, isso era tudo o que importava.

Meia-noite era a hora das bruxas. A lua se elevava cheia e brilhante sobre o porto esportivo, flutuando com dedos resplandecentes sobre a superfície do lago, transformando a ligeira névoa em uma auréola de mistério quando vagava pelas árvores que rodeavam a casa de uma só andar assentada à baixo deles.

As montanhas circundantes ressonavam com a chamada da noite. A canção dos grilos, o ulular de uma coruja solitário, e da serenata das rãs. A música calmante de uma montanha noturna não fazia nada para tranqüilizar as sombras que alimentavam a alma do Dawg.

Deteve-se na porta da casa, os olhos se estreitaram ante o resplendor débil de uma luz através da janela. Estirou-se, agarrou o pomo da porta e o girou lentamente, um tenso sorriso curvou os lábios enquanto abria a porta e dava um passo dentro da escurecida sala.

Estava-lhe esperando, justo como lhe tinha advertido que estivesse. Seus olhos estavam abertos com apreensão, seu corpo metido em uma larga cadeira através da habitação. Ele fechou a porta detrás dele, vendo o pequeno estremecimento que traiu o nervosismo dela.

Estava vestida com um vestido comprido que fluía, o tecido de algodão envolvia seu ligeiro corpo mas pouco fazia para ocultar os mamilos apertados e duros que se ressaltavam contra ela.

Seu pênis rabiava sob seu jeans, pressionando contra o tecido dolorosamente enquanto pedia sua liberação. Olhou como seu olhar ia rapidamente a suas coxas, sua tentadora língua rosa saiu rapidamente sobre seus lábios antes de que seu olhar retrocedesse ao seu.

—Não faça isto — sussurrou, sua voz tremente com temor e excitação enquanto seus olhos brilhavam com lágrimas.

Dawg sentiu seu peito apertar-se ante a vulnerabilidade nesses olhos, a lembrança da noite que não podia esquecer golpeando em sua cabeça, assim como soube que lhe obcecava também. Uma noite que se negava a esquecer.

Os dedos foram aos botões de sua camisa e começou a desfazer-se deles, olhando-a sem piedade enquanto os dedos se apertavam ao tecido de sua bata.

—Tire o vestido, Crista. — Odiou a dureza de sua voz, a ira que alimentava sua luxúria.

—Por favor, Dawg... — Lágrimas eram grosas em sua voz enquanto o olhava.

—Temos um trato, neném. — apartou-se a camisa dos ombros, olhando sua reação impotente ante seu nu peito, a resposta faminta em seus olhos—. Tire o vestido. — Suas mãos foram a seu cinturão, soltando-o lentamente.

Ela estava tremendo, enquanto respirava com dificuldade e ficava em pé. Suas mãos trementes agarraram o vestido, passando-o sobre a cabeça e sustentando-o ante ela enquanto ele terminava de despir-se.

Deus, ele odiava isto. Odiada a fome que não podia controlar, a necessidade contra a que não podia lutar. Tinha estado assim durante anos, muitos anos, parecia que sempre. Ela trocou as regras que ele tinha conhecido do sexo e o amor, e lhe manteve completamente desequilibrado.

—Deixa cair o vestido — Avançou para ela, envolvendo os dedos ao redor de seu pênis e acariciando-se lentamente enquanto lutava pelo controle.

—Dawg... —Estava tremendo, os olhos tão grandes que ele sentiu a mordida da culpa ainda quando viu o calor que espreitava da ira e o temor.

—Temos um trato —sussurrou enquanto dava um passo diante dela—. Recorda isso, Crista? —Ignorou as lágrimas—. Matei por você. Morreria por você. Pedi-te só uma coisa em pagamento. Vai jogar te para atrás?

Seus lábios tremeram.

—Agora —disse bruscamente—. esperei tanto como pude, maldição. Agora me dê o que me prometeu.

Ela deixou cair o vestido ao chão antes de ficar lentamente de joelhos. Ele olhou, os olhos estreitando-se, ignorando sua necessidade de um beijo, sabendo que não ia acontecer ainda, possivelmente nunca.

Mas poderia ter isto, ficou sem respiração quando seus dedos esbeltos se envolveram ao redor do grosso membro de seu pênis, seu corpo se esticou com uma fome que tinha conhecido só com esta mulher enquanto ela se inclinava para frente, abrindo os lábios antes de que a pequena língua quente aparecesse para lambar a cabeça de seu pênis.

Fechou as mãos em punhos aos flancos. Não a tocava. Tinha prometido que não o faria. ficou em pé com as pernas separadas, os dentes apertados enquanto a boca lhe rodeava, o quente veludo e fome se transpassaram a suas bolas enquanto um gemido tremente saía dos lábios dela.

—Chupa-o, neném —sussurrou—. Envolve esses bonitos lábios ao redor de meu pênis e me mostre outra vez por que menti para proteger seu bonito traseiro.

Porque a amava. Porque sempre a tinha amado. Sabia por que, mas maldição se permitiria que ela soubesse...

Fim



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos
<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>
Comunidade Romances S.A.
<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>